MACAU

IV Série Nº 1 Dezembro, 2005 Trimestral

Património Mundial da Unesco

Visita guiada, passo a passo, pelo percurso no Centro Histórico de Macau, no qual portugueses e chineses gravaram na pedra uma longa história de fusão cultural

Economia com nota alta

A liberalização da indústria do jogo, a construção civil e o turismo fizeram "explodir" o PIB da RAEM. O que liberta o orçamento para apostas de futuro

PORTUGUÊS GLOBAL

Macau assume um lugar no mapa da lusofonia

Macau: Mop: 30.00 Zona Euro: € 3.00 Resto do Mundo: US $3.80

MACAU
Dezembro, 2005

Director
Victor Chan Chi Ping
Director Executivo
Louie Wong Lok I
Editor Executivo
Fernando Sales Lopes
Propriedade
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Endereço
Rua de S. Domingos, nº I A-B, Macau
Tel.: 853 332 886 Fax: 853 355 426

Produção, Gestão e Distribuição
Delta Edições, Lda.
Telefone/Fax: + (853) 323 660
e-mail: pereiraluis@revistamacau.com
Editor
Luís Ortet
Coordenador
Paulo Rego
Direcção Gráfica
José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação
Colaboradores Permanentes
Ina Chiu, Luís Pereira e Patrícia Lemos
Colaboraram nesta edição
Carlos Morais José, Carmo Correia (fotografia), Franck Regourd (fotografia), Hugo Pinto, Isabel Castro, John Si (fotografia), Jorge Silva, José Carlos Matias, José Miguel Encarnação, José Simões Morais (texto e fotografia), Luís Andrade de Sá, Marco Antinossi / Lusa, Mariana Palavra, Nuno Calçada Bastos (fotografia), Rodolfo Ascenso e Severo Portela
Administração, Redacção e Publicidade
Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edf. Centro Comercial First International
14º andar, Sala 1404
Telefone/Fax: + (853) 323 660
e-mail: contacto@revistamacau.com
Tipografia
Tipografia Welfare, Macau
Tiragem
3 500 exemplares
ISSN: 0871-004X

Com o presente número, a revista MACAU retoma a sua publicação trimestral, após uma interrupção de alguns meses, motivada pela realização de um concurso público lançado pelo Gabinete de Comunicação Social. Desse processo resultou a escolha de um novo adjudicatário do serviço de produção, gestão e distribuição da versão portuguesa da Revista, a empresa Delta Edições.

Nesta sua quarta série, a Revista manterá a sua vocação de promotora e divulgadora da realidade de Macau, na singularidade do seu estatuto de Região Administrativa Especial da República Popular da China e de ponto de encontro de culturas.

Uma das notícias mais salientes de 2005 foi o facto de a UNESCO ter inscrito o Centro Histórico de Macau na sua Lista de Património Mundial, pelo que esse é um dos temas em destaque nesta edição: a MACAU desafiou um historiador e antigo residente da cidade para uma visita guiada ao percurso histórico galardoado.

Outra vertente realçada é o papel da RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) como plataforma para a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa. As consequências da visita ao Brasil do Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, são abordadas, bem como a comemoração dos 30 anos da independência de Angola e outros eventos ligados ao mundo lusófono.

Diga-se a propósito que a Revista passará a ser distribuída em todos os países de língua oficial portuguesa, de forma tão sistemática e ampla quanto possível, sem esquecer, é claro, os seus leitores da RAEM.

Estando a Revista tão ligada à lusofonia, ganha sentido especial uma outra temática que igualmente destacamos nesta edição e serve de tema para a capa da edição: a língua portuguesa.

Finalmente, entre muitos outros temas abordados neste número, gostaríamos de referir a criação de uma secção especial destinada ao noticiário da actividade das Casas de Macau espalhadas pelo mundo e de quem se espera, como sublinhou recentemente o Chefe do Executivo, um papel activo na promoção da RAEM. É desejo da MACAU aprofundar o relacionamento com elas, bem como com a generalidade dos leitores de língua portuguesa, desde Macau ao Brasil, sem esquecer Timor-Leste, Portugal e os países lusófonos de África.

Luís Ortet

CAPA

Macau assume um papel cada vez mais relevante na relação com os quatro cantos do mundo lusófono: na vida dos residentes, nas pontes para o projecto de expansão económica, no ensino do português como língua apetecida na China.

NOVO CICLO

O Chefe do Executivo apresentou as linhas de força da acção política na recém-eleita Assembleia Legislativa. Duas mensagens destacam-se no seu discurso: sustentar o crescimento económico e promover a qualidade de vida.

A ARTE DO CHÁ

A água não tem sabor. O vinho impõe os seus limites. Resta então o chá, explica Américo Viseu, um "viciado" que nos conduz, passo a passo, pela cerimónia tradicional do chá. Da escolha das folhas até ao prazer da degustação.

Brasil-China
Brasil abraça o "Gigante do Oriente", 4
Marco Antinossi
O Brasil de cá e o Brasil de lá, 12
Jorge Silva

Reportagem
Angola, documentário e reconstrução, 14
Rodolfo Ascenso,

Associativismo
"Um angolano em Macau", 20
Hugo Pinto

Perfil
Tripla identidade, 22
Mariana Palavra

Língua
Queremos falar português, 26
Luís Pereira
Homenagem a Eugénio de Andrade, 36
Luís Pereira

Lusofonia
Os Sabores da alma, 42
José Miguel Encarnação
Os saltos dos Da Weasel, 43
Patrícia Lemos

Economia
Boom, 46
Severo Portela

Casinos
O poder da multiplicação, 50
Paulo Rego

Negócios
Macau no caminho das empresas portuguesas, 60
Hugo Pinto

Música
Festival de fado maior, 68
Patrícia Lemos

Património
Passo a passo, pelas ruas da história, 75
Patrícia Lemos

Tradições
A arte de beber o chá, 88
Mariana Palavra

China
Os Diaolous em Kaiping, 99
José Simões Morais

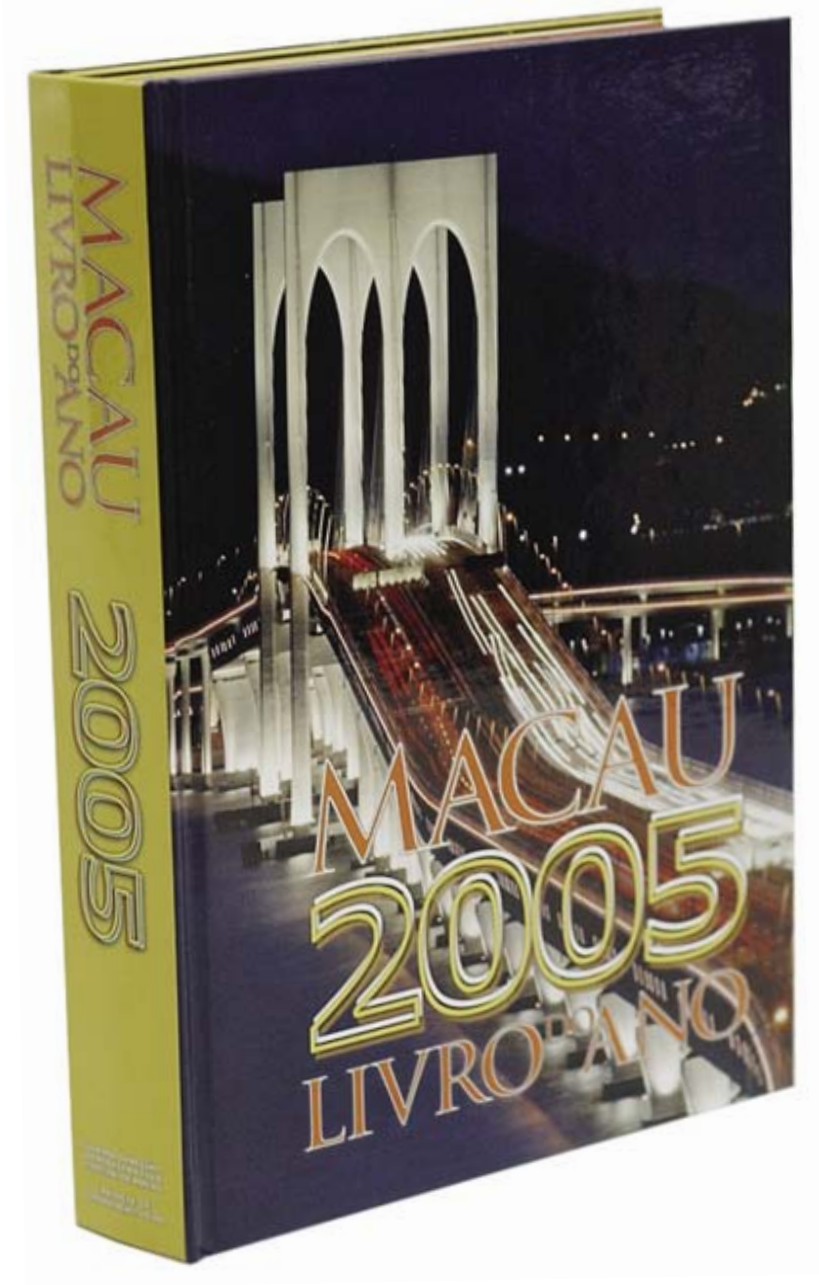
Legislativas
Equilíbrios de um sistema sui generis, 106
Isabel Castro

Política
Linhas de Acção para 2006, 112
Severo Portela

Desporto
Pólo e campeões, 118
José Miguel Encarnação

SECÇÕES
CASAS DE MACAU Pag. 38
NOTICIÁRIO Pags. 44, 65, 106 e 122
HISTÓRIAS COM PALADAR Pag. 96
CARTAZ Pag. 128
RETRATO Pag. 134

Macau 2005 Livro do Ano



Macau 2005 – Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial

Macau 2005 – Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas

As edições chinesa e portuguesa estão já disponíveis podendo ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.

Marco Antonossi *

Dezembro, 2005

Brasil abraça o "Gigante do Oriente"

A China deverá ser o segundo maior parceiro comercial do Brasil até ao final de 2006

São Paulo é o grande motor da economia brasileira

Foto: Mércia Gonçalves

O vice-ministro do Desenvolvimento e do Comércio Exterior, Ivan Ramalho, quer "alargar cada vez mais essa parceria" entre o Brasil e a China

Nos últimos dez anos, as trocas comerciais entre o Brasil e a China aumentaram mais de sete vezes, passando de 1,2 mil milhões de dólares (1994) para 9,1 mil milhões de dólares (2004). A China é já o terceiro maior parceiro comercial do Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos e da Argentina. A previsões apontam nesta altura para que a China seja o segundo maior parceiro comercial do Brasil até ao fim de 2005, com trocas comerciais na ordem dos 12 mil milhões de dólares. "O nosso desejo é alargar cada vez mais essa parceria", comenta a propósito o vice-ministro do Desenvolvimento e do Comércio Exterior do Brasil, Ivan Ramalho.

Quando Hu Jintao foi ao Brasil, em Dezembro de 2004, mereceu um privilégio único: o Cristo Rei foi fechado só para a visita

Brasil e China iniciaram relações diplomáticas em 1974. Contudo, as trocas comerciais começaram a crescer apenas a partir de 2001, com a entrada chinesa na Organização Mundial do Comércio (OMC). Actualmente o fluxo comercial entre os dois países aumenta a um ritmo próximo dos 30 por cento ao ano. "O fim das barreiras alfandegárias chinesas beneficiou as exportações agrícolas do Brasil, área em que o país tem grande competitividade", salienta o economista Fernando Ribeiro, da Fundação-Centro de Estudos em Comércio Exterior (Funcex), uma das principais instituições de investigação do sector no Brasil.

A lista de produtos comercializados entre os dois países ainda é restrita e concentrada nas mãos de grandes empresas. Soja, óleo de soja, minério de ferro e produtos siderúrgicos representam cerca de dois terços das exportações brasileiras para a China. A China vende, entre outros, máquinas, aparelhos electrónicos e carvão mineral para o Brasil. Actualmente, a balança comercial está em equilíbrio, depois de ter sido favorável ao Brasil, nos últimos quatro anos.

Alargar a rede de produtos

Os empresários chineses planificam entretanto alargar o volume e a variedade de produtos vendidos para o Brasil, nomeadamente têxteis, calçados, brinquedos e utensílios de plástico. "São sectores onde a indústria brasileira é deficiente e a indústria chinesa detém tecnologia de ponta", afirma Titus Liu, director da Câmara de Comércio Brasil - China, instituição que representa cerca de 300 empresas.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva visitou a China, em Maio de 2004, acompanhado por 350 empresários brasileiros para estimular a aproximação comercial. "A China é o maior importador mundial e o Brasil só detém um por cento deste comércio", contextualiza Ivan Ramalho. O Brasil quer igualmente atrair investimentos chineses, nomeadamente no sector de infra-estruturas. No ano passado, o Brasil recebeu 20,2 mil milhões de dólares em investimentos directos estrangeiros (IDE), sendo apenas 4,3 milhões de dólares da China. Nesse contexto, o Parlamento brasileiro aprovou recentemente legislação sobre parcerias público-privadas (PPP's), que oferece incentivos para empresas estrangeiras investirem em infra-estruturas.

** Jornalista da Lusa, no Brasil*

Cerca de 350 empresários brasileiros deslocaram-se à China com o presidente Inácio Lula da Silva, para mostar a sua pujança comercial

Foto: Lusa

Embraer na rota da China

O espectacular crescimento do sector de aviação na China, em média 17 por cento ao ano, fez a brasileira Embraer voar meio mundo. No final de 2000, a quarta maior fabricante mundial de material aeronáutico aterrou em Pequim, com a abertura de um escritório de representação comercial.

O escritório da Embraer em Pequim é responsável pelas acções de marketing e de vendas em todo o território chinês, para além do controlo de um centro de distribuição de peças, também na capital chinesa. O primeiro cliente da Embraer foi a *Sichuan Airlines*, que adquiriu um avião ERJ 145, com capacidade de 50 passageiros, a um custo de 20 milhões de dólares. Actualmente, a companhia mantém cinco aviões desse modelo em operação na China.

Dois anos depois, a Embraer voou mais alto e criou uma *joint-venture* com as empresas chinesas *Harbin Aircraft* e a *Hafei Aviation Industry*, ambas controladas pela *China Aviation Industry Corporation II*. A *Harbin Embraer Aircraft*, resultado de um investimento de 25 milhões da Embraer, está sedeada em Harbin, capital da província de Heilongjiang.

Um estudo da Embraer revela que o mercado chinês representará oito por cento do mercado mundial de aviões até 120 passageiros, nos próximos 20 anos, atrás apenas dos Estados Unidos e Europa. Isso significa que as empresas aéreas chinesas deverão adquirir 635 aviões de um total de 7800 unidades até 2024, um mercado que movimentará 170 mil milhões de dólares.

"O que impressiona na China é sua economia e o potencial de crescimento que oferece aos investidores. É estimulante perceber que os nossos aviões têm aceitação crescente entre as companhias chinesas", regozija-se o presidente da *joint-venture*, Roberto Rossi. Com cerca de 170 trabalhadores, a companhia fabrica aviões ERJ 145, exclusivamente para o mercado chinês. As aeronaves feitas na China são iguais às fabricadas na sede da empresa, na cidade de São José dos Campos, a 90 quilómetros de São Paulo.

Vendas em Macau

Desde sua criação, a *joint-venture* já recebeu 13 pedidos. Os primeiros seis aviões foram entregues à *China Southern Airlines*, entre Junho de 2004 e Janeiro de 2005. A *China Eastern Airlines Jiangsu* anunciou recentemente a encomenda de cinco aeronaves, com entregas marcadas

até Abril de 2006. Entretanto, a *Hong Kong Express*, detida pelo do magnata de Macau, Stanley Ho, encomendou outros dois aparelhos à Embraer. A *Golden Dragon*, igualmente ligada ao grupo de Stanley Ho e nova subconcessionária da Air Macau, espera operar a partir do próximo ano com o mesmo tipo de aparelhos escolhidos pela *Hong Kong Express*.

Líder mundial no fabrico de aviões com capacidade para 110 passageiros, a Embraer mantém escritórios e bases de serviços em França, Estados Unidos, Portugal, China e Singapura. Desde que foi criada, em 1969, a Embraer já fabricou cerca de 5500 aeronaves para 125 companhias aéreas de 58 países dos cinco continentes. O total de encomendas firmes da Embraer, uma das maiores empresas exportadoras do Brasil, ascende a cerca de 11 mil milhões de dólares para os próximos anos. A empresa espera entregar 145 aeronaves em 2005 e outras tantas em 2006.

A Embraer foi vendida pelo governo brasileiro em 1994 e adquirida por um grupo de investidores, liderado pelo banco Bozano e por dois dos maiores fundos de pensões no Brasil: Previ e Sistel.

Cinco anos após ter controlo privado, a Embraer assinou uma parceria estratégica com um grupo formado pelas maiores empresas europeias do sector, nomeadamente a *Dassault Aviation*, *EADS*, *Snecma* e *Thales*, para conquistar novos mercados.

M.A.

Procura de aeronaves a jacto por década e categoria de assentos

Assentos	2005-2014	2015-2024	2005-2024
30-60	650	1300	1950
61-90	1300	1550	2850
91-120	1250	1750	3000
Total	**3200**	**4600**	**7800**

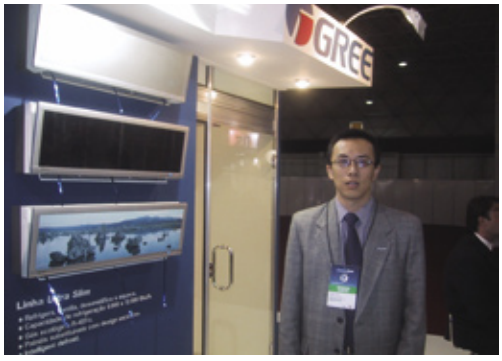
A análise da Embraer mostra que nos próximos 20 anos o maior mercado continuará sendo o norte-americano, com 4165 aviões ou cerca de 53% do mercado mundial

Procura nos próximos 20 anos

Região	No. de aeronaves	%
EUA	4165	53%
Europa/África/Médio Oriente	1991	26%
Ásia/ Pacífico	471	6%
China	635	8%
América Latina	538	7%
Total	**7800**	**100%**

Fonte: *Embraer*

Um pedaço de China na Floresta Amazónica



O gerente comercial da Gree, Zhang Wei, formou-se em universidades de Pequim, Macau e Lisboa

No meio da Floresta Amazónica existe um pedaço da China. A *Gree* instalou a sua primeira fábrica no estrangeiro em Manaus, capital do Estado do Amazonas, na região Norte do Brasil, em 2001. Em apenas quatro anos, a empresa chinesa transformou-se no maior fabricante de aparelhos de ar condicionado do Brasil.

A fábrica da *Gree* tem 250 empregados e produzirá 180 mil unidades até finais de 2006. Toda a produção será comercializada no mercado brasileiro. Outra parte dos produtos vendidos no Brasil é ainda produzida na China e exportada para o mercado brasileiro. "Estamos apenas a iniciar a actuação no Brasil e já vamos alargar a nossa produção para 300 mil unidades no próximo ano", afirma o gerente comercial da *Gree*, Zhang Wei, formado em universidades de Pequim, Macau e Lisboa.

Actualmente, a *Gree* lidera o sector de *splits* (aparelhos de última geração) no Brasil e disputa o quarto lugar no sector de ar condicionados tradicionais. O clima quente do Brasil transforma este tipo de aparelhos em produtos essenciais em determinadas regiões, nomeadamente no Norte do País. A comercialização de produtos da *Gree* no Brasil iniciou-se em 1998, através de um importador local. Um ano depois, a empresa chinesa assumiu directamente a venda dos seus produtos. E, entre Agosto de 2004 e Julho de 2005, a empresa registou uma facturação de 53 milhões de dólares norte-americanos, um acréscimo de 50 por cento face ao período anterior.

Dominar o mercado

O aumento da facturação foi resultado da adaptação da *Gree* ao mercado. Os brasileiros têm por hábito adquirir produtos electrónicos em várias prestações, o que obrigou a empresa chinesa a alargar os prazos de pagamentos. Como os *splits* não são tão comuns no Brasil quanto na China, a empresa decidiu aumentar a produção e a importação de ar condicionados tradicionais, aparelhos mais comprados pelos consumidores brasileiros.

A *Gree* decidiu igualmente concentrar as suas acções de marketing e de propaganda nas empresas de retalho, para enfrentar a concorrência das marcas brasileiras e das estrangeiras mais populares no Brasil. "Assinámos acordos com grandes redes de retalho, porque a recomendação do vendedor é fundamental na decisão de compra do consumidor brasileiro", explica Zhang Wei. Actualmente, os produtos *Gree* estão em 1500 lojas de todas as regiões brasileiras.

Zang Wei cita como vantagens para o investidor chinês no Brasil o potencial

de crescimento do mercado brasileiro e os incentivos fiscais do Governo. Outra vantagem, refere, é sentir que esta é uma porta de entrada para outros países da América Latina, nomeadamente os do Mercosul. As desvantagens no Brasil são a variação da moeda local (o real) em relação ao dólar norte-americano e as dificuldades de transportes num país continental, com uma precária rede de caminhos de ferros e de auto-estradas, para além da rigidez das leis laborais.

M.A.

Pif Paf descobre Macau

Macau será a plataforma de exportação do grupo brasileiro Pif Paf para o mercado chinês e o Sudeste Asiático.

Macau será a porta de entrada para o mercado chinês do décimo maior grupo brasileiro no sector da alimentação. A empresa Pif Paf tem planos ambiciosos para o seu escritório de representação, recentemente aberto em Macau, em parceria com empresários locais. O projecto prevê a comercialização de carnes (frangos e suínos) e sumo de frutas, produzidos no Brasil, para além da futura instalação de uma unidade de moagem de café em Macau. "O futuro económico e comercial entre Brasil e China será brilhante, com Macau a ser o grande interface entre esses dois mundos", afirma o director comercial da Pif Paf, Edvaldo José Campos. "Estar sedeado na China e posicionado entre os mercados chinês e brasileiro permite-nos acompanhar esse grande 'boom' comercial nos dois países. A ponte de Macau com a China é primordial", salienta o executivo.

A decisão da Pif Paf em instalar-se em Macau surgiu na sequência da visita ao Brasil do Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, Edmund Ho, em Junho deste ano. Em seguida, foi a vez de uma missão da Pif Paf, liderada pelo presidente Luís Carlos Mendes Costa, visitar Macau para conhecer de perto as oportunidades de investimento. Macau será a primeira operação própria no estrangeiro desta empresa brasileira, fundada há 35 anos, actualmente com uma facturação anual de 270 milhões de dólares.

Proximidade cultural

O grupo Pif Paf é um dos 40 maiores de Minas Gerais, terceiro estado mais rico do Brasil, atrás apenas de São Paulo e do Rio de Janeiro. O grupo exporta os seus produtos para os países de África, América do Sul e do Norte, Caraíbas, Europa do Leste e Rússia. Com a operação em Macau, pretende exportar igualmente para a China e os países do Sudeste Asiático.

Um dos factores que influenciaram a decisão do grupo brasileiro a iniciar uma operação em Macau foi a proximidade cultural. "Os laços comuns que unem Macau e os países de língua portuguesa funcionam como um estímulo comercial", realça Edvaldo José Campos. O "adequado apoio logístico e administrativo" oferecido pelo Governo da RAEM, nomeadamente pelo Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau, foi também decisivo para investir no mercado chinês, salienta.

M.A.

Fotos: GCS

Jorge Silva (de gravata vermelha), na entrevista colectiva ao Secretário Adjunto para a Economia e Finanças, Francis Tam

O Brasil de cá e o Brasil de lá

O Brasil visto em visita oficial é bem diferente. A comitiva que acompanhou o Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, na sua visita oficial ao Brasil, em Junho passado, sentiu essa diferença a toda a hora e a cada o minuto. Testemunho de um repórter da televisão de Macau nos bastidores da comitiva

O primeiro sinal de que estávamos no Brasil em visita oficial foi a segurança posta ao dispor da Comunicação Social, logo à saída do aeroporto, em São Paulo: um autocarro só para jornalistas, com uma equipa de seguranças brasileiros.

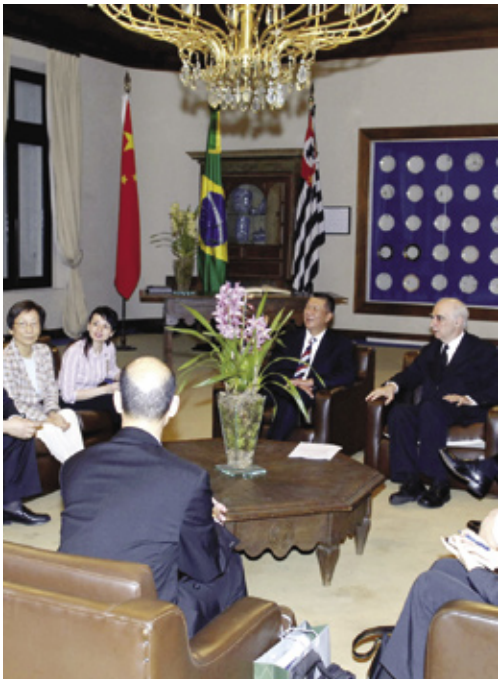
Dizem os números que o País já foi mais inseguro mas, tratando-se de uma comitiva oficial, nunca fiando... E o Brasil continua a ser essa terra imensa de grandes contrastes, onde a opulência de alguns edifícios e das moradias de luxo convivem lado a lado com as favelas. Se na zona de São Paulo está concentrada a riqueza ou, a grande metrópole continua a não ser uma cidade atraente.

De que falamos, afinal, quando falamos da riqueza do Brasil? Do primeiro país da América Latina em peso económico; da nona maior potência económica mundial, na qual os serviços, a indústria, a agricultura e a pecuária constituem os sectores-chave da economia; do país mais importante membro da MERCOSUL, mercado único que reúne alguns países da América Latina; da maior potência militar da zona e do líder regional em termos tecnológicos; de um dos dez países mais fortes

do mundo na indústria turística.
Na estratégia definida por Pequim e pelo Governo de Macau quanto às relações com os países de expressão portuguesa, o Brasil surge pois como uma prioridade. E esta visita deu frutos, face à atenção que as autoridades brasileiras dispensaram a Edmund Ho e sua comitiva.

São Paulo, centro de negócios

São Paulo fervilha de novos investimentos estrangeiros. A cidade continua a crescer para fora das suas avenidas tradicionais e da sua centralidade, o que adensa a sensação de estarmos numa grande metrópole. Mas é também desordenada, escura, quase desinteressante, ao mergulhar-se nas franjas da sua poderosa cintura industrial.
Querer fazer negócios no Brasil e esquecer São Paulo não faz qualquer sentido. Edmund Ho almoçou com homens de negócios paulistas, que olham para Macau não apenas como porta para a China mas também como destino final de investimentos. A Casa de Macau de São Paulo, a maior entre as suas congéneres em todo o Mundo, aproveitou a oportunidade para assinar diversos acordos de cooperação cultural e empresarial. Frederico Martins, empresário macaense há muito radicado no Brasil, assinou entre a sua empresa e a Associação Comercial e Internacional para os Mercados Lusófonos, prevendo a importação e a exportação, entre outros, de produtos alimentares e de peles.



Delegação chefiada pelo Chefe do Executivo, Edmund Ho, recebida no Senado, em Brasília

Os ecos do "mensalão", alegado caso de corrupção que na altura agitava a política brasileira, acabaria por marcar a visita da delegação de Macau a Brasília, capital do País, essa cidade desenhada a régua e esquadro onde a água, o cimento, a floresta e o mato – sim, o mato! - se entrelaçam num cenário deslumbrante que nos remete para outro imaginário: o de como deveriam ser as cidades...
A cidade fervia politicamente falando. Várias manifestações de cariz social e político polvilhavam o quotidiano. Mas o Governo brasileiro manteve os seus compromissos com a comitiva macaense e o Presidente Lula da Silva recebeu Edmund Ho, a quem prometeu investimentos brasileiros em Macau, nomeadamente nas áreas dos cimentos e da construção civil. Mais tarde, o ministro brasileiro da Indústria e Desenvolvimento mencionaria a hipótese de negócios no sector dos transportes movidos a álcool, aposta de longa data que vingou no Brasil.
Quando pela primeira vez estive no Brasil, em 1998, o parque automóvel era essencialmente brasileiro e os hotéis de qualidade contavam-se pelos dedos. Agora, as unidades hoteleiras em que ficámos eram quase todas de grande qualidade. O turismo não é só praias e as garotas de Ipanema, como muito bem perceberam as autoridades brasileiras...
Na floresta amazónica, no Brasil de lá, o que está longe e tem outro ritmo, uma pessoa sente-se esmagada com a imponência e a vastidão de recursos naturais. A China, atenta neste campo, construiu na zona diversas fábricas, onde é possível encontrar cidadãs chinesas a servirem de intérpretes e que falam um português do Brasil impecável.

Rodolfo Ascenso

A Associação Angola-Macau, recém criada no território, estabeleceu com a Teledifusão de Macau um protocolo para a realização de um documentário de televisão em português, inglês, mandarim e cantonense, com o intuito de mostrar este país africano à China e de revelar os chineses que já o descobriram. Um jornalista angolano em Macau conta na primeira pessoa essa aventura enquadrada nas comemorações dos 30 anos da independência de Angola

Fotos: Rodolfo Ascenso

Parque Nacional do Iona, na fronteira de Angola com a Namíbia

Angola,
Documentário e reconstrução

Dois dias depois da festa de apresentação da Associação Angola, que durante algumas horas me "pôs" já em Luanda, embora fisicamente estivésse ainda em Macau, arranquei a 11 de julho de Hong Kong para a capital angolana, via Joanesburgo. Foi o que se arranjou, quando os vôos para Luanda andam todos cheios (mais de 80 por cento de acréscimo de visitantes, este ano em relação ao passado, dizem as estatísticas).

Sigo à frente para ainda tratar de questões que se prendem com a produção do documentário. A diferença de fuso horário e a distância não permitiram resolver a partir de Macau muito do que era necessário. O Luís Nestor Ribeiro, com as câmaras, ia chegar uma semana depois.

Tinha estado em Luanda em Abril deste ano e voltado a Macau com a sensação de que as coisas estão a melhorar a cada mês que passa. A impressão foi confirmada por mais algumas melhorias no terminal internacional do Aeroporto 4 de Fevereiro. Interrogo-me se o terminal doméstico também acompanhou a evolução, mas não demoro muito a perceber que não. Continua uma péssima experiência para quem quer atingir as províncias, muito má mesmo para quem viaja em classe económica.

No caminho para casa vejo que, logo a meio da manhã, o trânsito já é impossível, mas consolo-me pensando em Bangueco-que. Facto é que existem hoje em dia na capital angolana mais carros registados – sublinho, registados – do que o número oficial de habitantes em 1975. Como estes anos não foram gastos propriamente a melhorar a estrutura rodoviária, conformo-me com a sorte que vou ter durante os dias que se seguem.

E assim é: as deslocações a fazer, aos ministérios, órgãos de comunicação social, hotéis e o que mais havia para tratar é tudo entremeado de longos períodos engarrafado no trânsito. Vá lá... em Luanda os telefones celulares funcionam, nem tudo é tempo perdido.

A primeira verdadeira surpresa que tenho é na Televisão Pública de Angola. Na TPA, além de reencontrar amigos, marcam a reunião prontamente, recebem na altura indicada e cumprem o prometido, não só no dia como na hora combinada. Fico com a sensação de que também as mentalidades estão a mudar, mas não quero ser demasiado optimista. "Se os angolanos, já assim, são convencidos, se aquilo vira um país a sério então vamos ter problemas" – recordo as palavras do mais velho.

Dias mais tarde, já regressado das províncias, outra experiência viria a demonstrar que, de facto, a forma de funcionar está a alterar-se. A eficiência não é a que estamos habituados, mas o ponto de partida é também muito distante. Há coisas que até têm mesmo que ser feitas daquele modo, porque se não forem não estamos em África.

O Nestor chega entretanto, fica num hotel próximo, aos preços proibitivos que vingam em todo o lado. Uma noite em Luanda, num hotel de quatro estrelas, não se arranjava por menos de 15.000 kwanzas, o equivalente a quase 1400 patacas (USD 175). Com os potenciais investidores a desembarcarem ao ritmo a que o fazem actualmente em Angola, os preços da estadia já devem ter subido entretanto.

Em Luanda o programa de filmagens cumpriu-se de acordo com as expectativas, na

perspectiva local: as alterações ao estabelecido estão previstas, só não se sabe para quando. Nem se pode chamar problemas a algumas dificuldades levantadas por agentes da autoridade mais diligentes, rapidamente ultrapassadas por explicações dadas pelo nosso agente, simultaneamente motorista, contratado para o efeito. Depende da linguagem que se utiliza, agora menos que da "gasosa" que refresca a sede ou aquece o bolso, consoante a ocasião.

Os contactos com os chineses, esses correram milimetricamente conforme o previsto. Recebidos pelo embaixador Zhang Beisan (o título de "Extraordinário e Plenipotenciário" é elucidativo da importância que têm as relações bilaterais), tivémos a fotografia completa da situação e o apoio inexcedível, a partir daí, do segundo secretário da Embaixada, Xie Huidong. Foi como sentir-me em casa duas vezes...

Nas empresas chinesas que trabalham em obras públicas, electrificação, caminhos de ferro e maquinaria agrícola as filmagens correram tão bem em Luanda quanto as realizadas depois a sul, sobre telecomunicações, instalação de fibra óptica e novas centrais telefónicas. Luanda põe os nervos em franja ao mais avisado. Por isso, a ida para sul chegou no momento exacto, quando o trabalho já não corria oleado como no início.

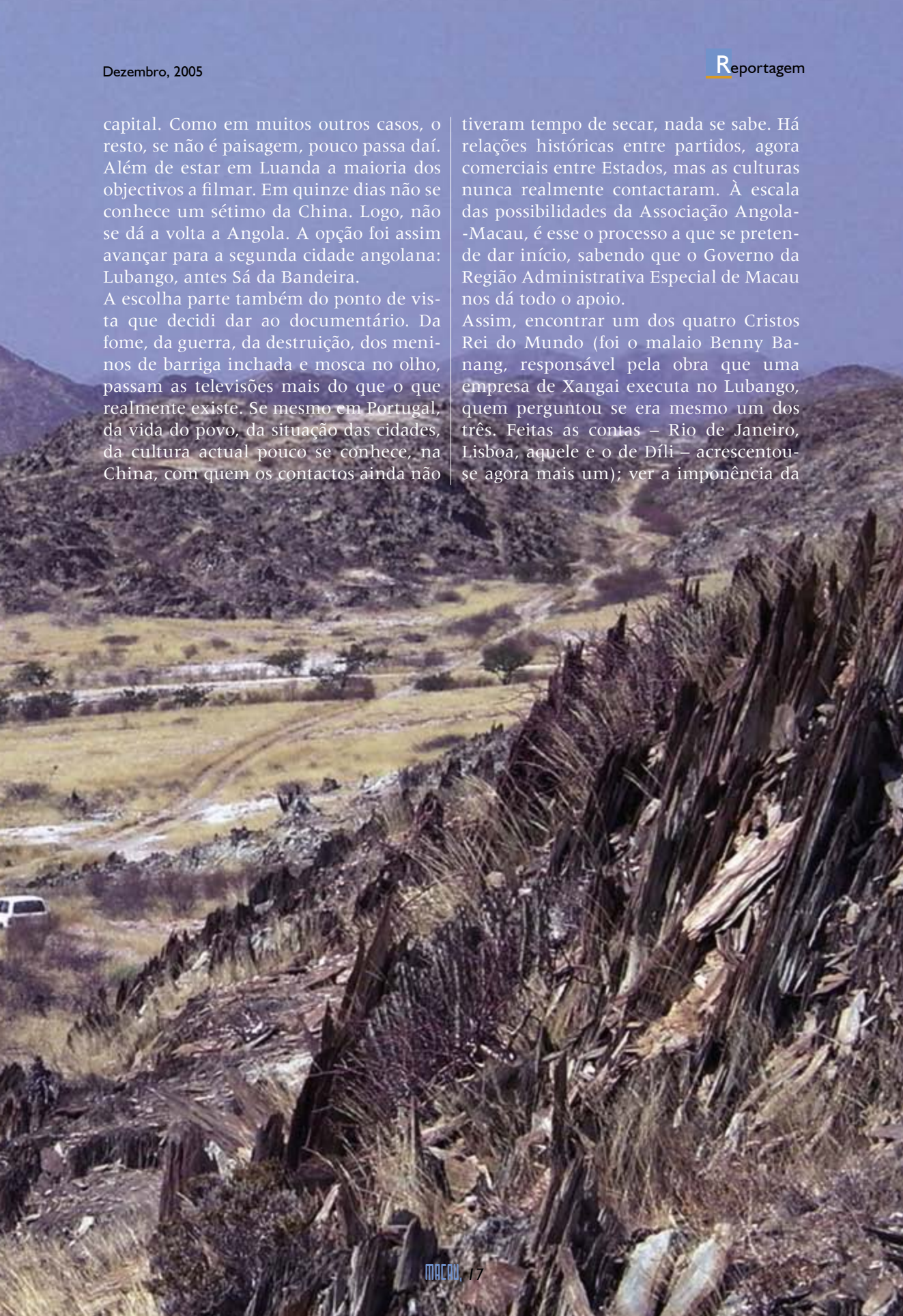
Havia que escolher. Em duas semanas de filmagens, uma tinha que ser gasta na

Mesmo no deserto encontra-se uma enorme variedade de paisagens. Neste caso, as famosas pedras faca

capital. Como em muitos outros casos, o resto, se não é paisagem, pouco passa daí. Além de estar em Luanda a maioria dos objectivos a filmar. Em quinze dias não se conhece um sétimo da China. Logo, não se dá a volta a Angola. A opção foi assim avançar para a segunda cidade angolana: Lubango, antes Sá da Bandeira.

A escolha parte também do ponto de vista que decidi dar ao documentário. Da fome, da guerra, da destruição, dos meninos de barriga inchada e mosca no olho, passam as televisões mais do que o que realmente existe. Se mesmo em Portugal, da vida do povo, da situação das cidades, da cultura actual pouco se conhece, na China, com quem os contactos ainda não tiveram tempo de secar, nada se sabe. Há relações históricas entre partidos, agora comerciais entre Estados, mas as culturas nunca realmente contactaram. À escala das possibilidades da Associação Angola-Macau, é esse o processo a que se pretende dar início, sabendo que o Governo da Região Administrativa Especial de Macau nos dá todo o apoio.

Assim, encontrar um dos quatro Cristos Rei do Mundo (foi o malaio Benny Banang, responsável pela obra que uma empresa de Xangai executa no Lubango, quem perguntou se era mesmo um dos três. Feitas as contas – Rio de Janeiro, Lisboa, aquele e o de Díli – acrescentou-se agora mais um); ver a imponência da



Duas jovens da tribo Mucubal, pastores nómadas que habitam no deserto

Serra da Leba, filmar a estonteante Fenda da Tundavala; e apanhar o pôr-do-sol na chegada ao Deserto do Namibe, permitiu-nos aliviar a pressão e recolher outras imagens que nos eram fundamentais.

Ao deserto íamos ainda buscar vestígios históricos de 20.000 anos, animais selvagens e um povo nómada de tradições ancestrais – os mucubais.

Feita a recolha, havia que regressar a Luanda para limar as últimas perspectivas e entrevistar Paulo Jorge que, além de voz autorizada na história da Angola independente, iniciou contactos em Pequim com o Partido Comunista da China ao tempo em que este repórter estava a nascer: há 40 anos, precisamente.

Em Angola, como na China, há ainda o bom hábito de ouvir com atenção os mais experientes falarem – lembrei-me lá desse ponto de contacto entre civilizações, de que nem sequer ía à procura.

Foi já na despedida que se confirmou, então, a sensação com que tinha fica-

do: o sr. Vicente, paquete do Jornal de Angola, ao entregar-me num hotel as fotografias de arquivo que tinham sido prometidas, explicou: "Dantes, se as quisesses, ías buscá-las, porque o interesse era teu. Mas agora os chefes estão a dar o exemplo. Estamos na Reconstrução. Eu vou fazer a minha parte para não dar má imagem a vocês que estão lá fora. Estamos a mudar as mentalidades aqui". Mentalidades?!? Saíram duas Cucas.

Um barco com chineses

Angola é a terra dos mujimbos (boatos), já se sabe. E alguns deles ganham dimensão de notícia internacional. Este começou com um barco onde o nome mal disfarçado revela ainda ser da província chinesa de Fujian. Está ancorado na Ilha de Luanda, à vista de todos. E mesmo a mais conceituada imprensa portuguesa dá por vezes eco a esta forma muito própria de acrescentar muitos contos a um conto: haveria um barco na Ilha onde pernoitavam milhares de chineses, dizia-se.

Ao encontro dos chineses em Angola íamos nós, se aglomerados aos milhares maior razão para a visita havia. Conhecendo os hábitos das gentes, antes do dia raiar já estávamos a caminho do local para os encontrar, em alterntiva à noite, quando é impossível filmar quem trabalha de sol-a-sol. O segurança, ou porteiro, se tal é aceitável para uma ponte de cais, notou a presença mas pouco ligou. O grupo que ali estava bem podia ser de uns angolanos a acabarem a noite quando dia raiava. Só a câmara de filmar destoava.

Ao fim de uns dez minutos lá se aproximou. Contacto estabelecido, veio a pergunta que se impunha:

- Então a que horas saem?
- Lá para as sete e meia, respndeu

Se saem é porque existem, pensei.

- E quantos são?
- Quatro, disse de pronto.
- Quatro?!? A insistência...
- Quatro! A confirmação, segura.

Um a um lá sairam, os quatro. Atravessaram a ponte, a praia, juntámo-nos a falar já no passeio, junto a uma roulotte que à noite vende cachorros e bebida. Um de Fujian, outro de Dalian, os restantes, que não falavam português, já nem sei de onde.

Que tinham aprendido português mesmo ali, que já lá estavam ia para seis meses, que estavam a transformar o barco num hotel-restaurante a inaugurar no final do ano. Aproveitou-se e filmou-se a capital a acordar, mesmo dali.

"Um angolano em Macau"

Alexandre Correia da Silva, advogado, presidente da Associação Angola-Macau

Foto: John Si

Diz que "a seguir ao Vinicius de Moraes", o poeta-cantor brasileiro, é "o único preto-branco" que existe. Na verdade, seguir o rasto da sua identidade implica uma viagem de geografias distantes, um mundo repleto de diferenças

Angola (Luanda) é a terra de origem de Alexandre Correia da Silva - Xana, para os amigos - e o lugar da juventude. Aos 17 anos de idade estava em Portugal para se licenciar em Direito. Nos doze anos que passou por terras lusas trabalharia nos ministérios da Agricultura e das Finanças. Em 1980 chega a Macau para ficar, na altura, como Inspector das Actividades Económicas.

Actualmente dedica-se à advocacia, profissão que exerce com sucesso, sendo um dos advogados do norte-americano Steve Wynn, o magnata do jogo em Las Vegas que alarga o seu império em Macau.

Dedica "o máximo de tempo" ao exercício da presidência da Associação Angola-Macau, pois as origens, diz, guardam-se perto. Quando lhe sobra algum tempo joga golfe, apenas pelo prazer. "Puro swing", sem negócios por perto. O futuro? "Já fiz três filhos, plantei uma árvore e escrevi um livro de histórias para os meus filhos..." Talvez o regresso a Angola.

E Luanda aqui tão perto

Quando foi apresentada a Associação Angola - Macau (AAM) ao público, Alexandre Correia da Silva, o seu primei-

ro presidente, lançou o desafio para a união das associações lusófonas de Macau numa única federação, ressalvando que cada uma deve ocupar o seu espaço e intervir nas áreas que considerem ser necessárias.

Nas suas palavras, as grandes linhas de acção da Associação que criou passam por, em primeiro lugar, "fazer os angolanos em Macau sentirem-se em casa", pois o processo de adaptação a uma realidade completamente diferente levanta dificuldades que requerem um apoio continuado. Em segundo, há que dar a conhecer outra Angola, "uma outra imagem do país para além da guerra", longe dos estereótipos da pobreza terceiro-mundista. "A guerra já acabou, já não é verdade", diz Correia da Silva. "O país está a refazer-se".

Para revelar essa imensa Angola, para lançar um olhar mais profundo à terra rica em recursos e as gentes de uma cultura tão diversa quanto ancestral, a AAM aposta forte em diversas actividades, desde recreativas, culturais e desportivas até às informativas ou de simples convívio.

A apresentação pública da AAM decorreu no passado dia 9 de Julho, no salão Lagoon do hotel Landmark, em Macau. Depois de um jantar que contou com duas centenas de pessoas, entre elas o embaixador angolano em Pequim, João Manuel Bernardo, realizou-se uma festa onde cerca de 400 pessoas dançaram ao som da música do DJ Madabaya, um dos animadores mais populares das noites angolanas.

Nos 30 anos de independência de Angola, dia 11 de Novembro, a cultura angolana esteve representada em Macau nas suas várias expressões artísticas. Cerca de três dezenas de artistas plásticos angolanos expuseram as suas obras. Escritores e editores deslocaram-se a Macau para a celebração de protocolos com editoras locais.

A data foi ainda aproveitada também para o lançamento de um livro de contos com tradução em cantonense, que será agora apresentado nas escolas chinesas. Outra das marcas deste programa foi a apresentação do documentário com o título "Angola, Independência e
Reconstrução", a cargo de Nestor Ribeiro e Rodolfo Ascenso (ver páginas anteriores), com edições em português, cantonense e mandarim, com vista à exibição nas televisões de Macau, do Continente Chinês e, muito provavelmente, na RTP África. O documentário será ainda distribuído num DVD que conterá informação adicional.

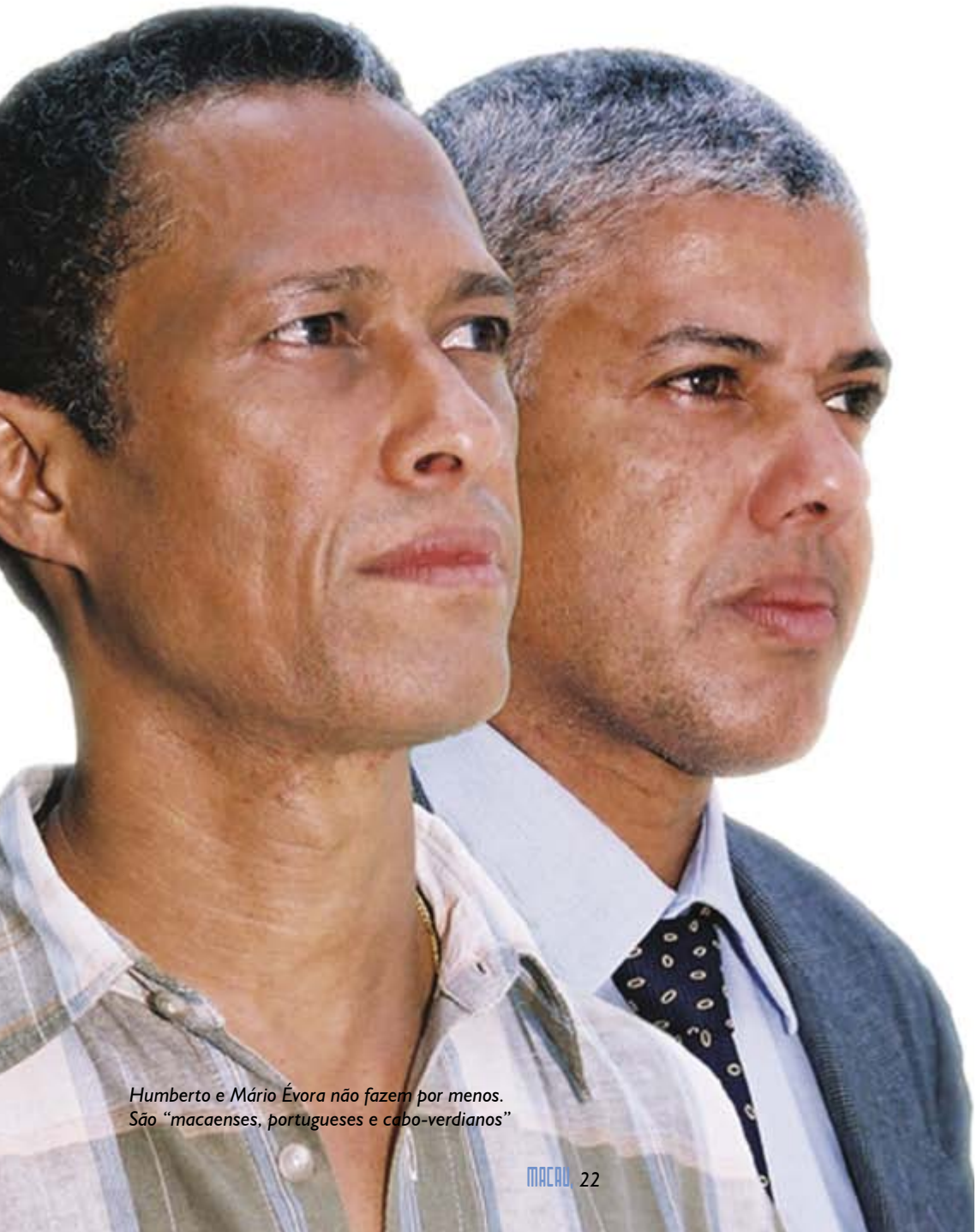
Nos órgãos de comunicação social de Macau, portugueses e chineses, a data foi comemorada com a publicação de 30 fotografias representativas dos 30 anos de independência.

O realizador da Teledifusão de Macau, Nestor Ribeiro, durante as filmagens em Angola

Fotos: Rodolfo Ascenso

Pinturas rupestres do povo Mucubal, no Deserto do Namibe

Tripla identidade



Humberto e Mário Évora não fazem por menos. São "macaenses, portugueses e cabo-verdianos"

Foto: John Si

Humberto Évora quase que aposta ser o cabo-verdiano que reside há mais anos em Macau. O recorde era detido por um tio que aqui frequentou o liceu, fez o serviço militar, casou com uma macaense e nunca mais visitou a terra natal. Chamava-se Euricles Brito Lima e faleceu o ano passado.

A família Évora foi das primeiras a deixar Cabo Verde para se fixar a longo prazo em Macau. Estava-se no final da década de 40 quando os avós maternos de Humberto e Mário chegaram ao Oriente. António Magalhães Coutinho era um homem habituado a diferentes fusos horários. Anos antes, este português tinha estado na Guiné, viveu depois em Cabo Verde, onde conheceu Crispina Brito Lima. Um casamento, alguns filhos e, anos depois, a família partiu para Macau. António Magalhães Coutinho veio para ser director dos Correios. Para trás ficava Cabo Verde e uma filha, recém casada. Mas também ela queria seguir a aventura dos pais pelo Oriente. Só era preciso convencer o jovem marido que repetia: "Sair de São Vicente? Nem pensar!". Não valeu de muito. Partiram para Macau com o objectivo de permanecerem dois anos. Ficaram 30! Ao colo já traziam um bebé, deram-lhe o nome de Humberto. O calendário marcava o ano de 1953.

É com orgulho que os dois irmãos recordam o avô e a obra feita em Macau. Os registos confirmam que António Magalhães Coutinho foi responsável pela construção do bairro social dos Correios, junto ao Mercado Vermelho. "Privilegiou os aspectos e as regalias sociais e tomou medidas que estiveram na génese da modernização dos Correios", frisam orgulhosos. O pai de Mário e Humberto teve um percurso profissional diferente: começou nos Serviços de Meteorologia de Macau, onde acabou como director. Curiosamente, antes da transferência para a Fortaleza do Monte, os Serviços de Meteorologia funcionavam no topo de uma colina, precisamente onde agora está construída a segunda fase do Hospital Conde de São Januário. "Por ironia do destino, acabei por vir a trabalhar num espaço onde eu tinha circulado de calções e meias altas, onde meu pai trabalhava", recorda Mário Évora. Em matéria de curiosidades, Mário bate recordes. Antes de ser governador de Macau, o conde São Januário, que dá nome ao hospital público onde

"Como os Évora chegaram a Macau? De avião." A primeira resposta de Mário Évora e os risos subsequentes deram o tom que iria dominar a entrevista. A conversa viajou pela chegada da família a Macau; pela infância dos dois irmãos; pela "emancipação" universitária; pelos amores da Medicina, música e desporto... pelas ligações a Cabo Verde, Portugal, Macau. A acompanhar as palavras e as memórias, um bife de atum e uma caldeirada de marisco, sabores da semana gastronómica de Cabo Verde

A mãe incutiu-lhes sempre valores da cultura de Cabo Verde

os Évora trabalham, passou também por Cabo Verde. "Aí começa a nossa saga Cabo Verde-Macau." Mas a história não acaba aqui. O conde tinha uns terrenos em Paço d'Arcos, onde Mário comprou uma casa. "Só depois vi lá uma tabuleta a dizer Rua Visconde São Januário. Bom, isto já é destino mesmo!". Humberto acrescenta que o irmão nasceu no Hospital de São Rafael, onde actualmente funciona o consulado de Portugal em Macau. Mário não perde a deixa: "Foi considerado património precisamente porque verificaram nos registos que eu tinha nascido lá. Imediatamente impediram que aquilo fosse alguma vez demolido", ironiza.

Cachupa aos domingos

São macaenses, portugueses e cabo-verdianos. Humberto e Mário não aceitam menos do que isso. Um identidade tripartida que foi alimentada desde sempre. "Nasci macaense, convivi com macaenses, comi com *fai chi*, ia comer *chau min* ao célebre Va I, ao lado do antigo Cinema Império, e brincava aos jogos tradicionais chineses", recorda Mário. Por outro lado, a realidade cabo-verdiana estava nos seus pais, na sua própria casa, onde aos domingos havia sempre cachupa. "Eu observava a forma como os meus pais reagiam quando recebiam um disco do Bana (cantor cabo-verdiano). Era sempre com a emoção que se ouvia a música de Cabo Verde." Mário lembra-se também da mãe lhes pedir para irem de bicicleta ver em que quartel estaria o novo militar que vira a passar. "De certeza que o rapaz é de Cabo Vede. Descubram onde ele está e digam-lhe que no domingo há cachupa."
Um ano e meio separa os dois irmãos. "Mas o Humberto não podia viver sem mim, por isso chumbou para podermos ficar no mesmo ano", brinca Mário. Na verdade, Humberto não podia viver sem o desporto. Foi campeão de Macau nos 100 e nos 110 metros barreiras. Neste último caso, o seu recorde não foi batido durante mais de dez anos. "Ganhei medalhas mas chumbei", confessa Humberto.

Partem assim juntos, em 1971, para estudarem Medicina na capital portuguesa. A comunidade cabo-verdiana de Lisboa teve um papel importante na integração dos irmãos que, pela primeira vez, haviam saído de casa. Humberto passou a dividir o tempo (em partes desiguais) entre os estudos e a música. Integrado num grupo cabo-verdiano de música de intervenção, deslocou-se inclusivamente ao arquipélago para tocar. Ainda gravou um vinil com o cantor Dani Silva. Mas o final do curso ditou também o fim da viola e da composição. "Chorei muito, não sei se é preciso escrever aqui a quantidade de lágrimas, mas tive que reduzir muito a parte musical."
Durante o curso, conheceram os movimentos políticos de resistência ao salazarismo e Mário Évora aproveitou para conhecer a Europa, à boleia e de mochila às costas. Concluídos os estudos, regressaram à terra do Oriente, onde ainda hoje residem. E, tal como na infância, continuaram a alimentar a tal identidade tripartida. "Isso reflectiu-se em várias opções: sou fundador da Associação dos Macaenses, criada com o aproximar da transição e com o intuito de preservar a nossa identidade cultural". O mesmo Mário Évora é também fundador e actual presidente da Associação de Amizade Macau-Cabo Verde, que participa em actividades ligadas à lusofonia e à presença portuguesa em Macau. "Não seria de admirar, obedecendo à sugestão de Scolari, se pusesse uma bandeirinha portuguesa à janela quando Portugal joga. Ao mesmo tempo ouço o relato para saber se Cabo Verde se classifica para as finais da Taça de África e vibro com jogadores estrangeiros que jogam em Portugal ou na diáspora, como Patrick Vieira, jogador da selecção francesa. Só não vibro com nenhum jogador macaense porque acho que actualmente não há nenhum a jogar na primeira divisão, embora sinta orgulho das participações passadas ."
Todos os anos, Humberto Évora visita Cabo Verde e une as férias à profissão. A Medicina Desportiva está a dar os primei-

ros passos no país e Humberto, médico desta especialidade (tirada em Itália, num período de muitas recordações), tem ajudado nessa caminhada, através de reuniões, colóquios e conferências. Juntamente com o médico do F.C.Porto, fez as primeiras intervenções cirúrgicas relacionadas com a Medicina Desportiva.

"Sinto-me 200% cabo-verdiano quando lá estou. Aliás, Cabo Verde é um país de emigração. Nunca lá vivi, mas tenho referências culturais comuns e muitos amigos da universidade estão lá." Como o próprio Ministro da Saúde e o director do Hospital da Praia. Durante as férias, chegam ao país emigrantes cabo-verdianos de todas as partes do mundo. "Nós contribuímos com a parte de Macau, a que faltava". Existem mais cabo-verdianos emigrados do que os que residem no seu país natal. "Cabo Verde é um arquipélago que tem dez ilhas mas é uma Nação de onze ilhas. A 11ª é a diáspora cabo-verdiana", comentam os Évora.

Mário e Humberto Évora, sempre unidos desde a mais tenra idade

Carreira Macau-Cabo Verde

Ao abrigo de um protocolo de cooperação na área da saúde, Mário Évora chegou a deslocar-se a Cabo Verde duas a três vezes por ano. "Os meus amigos diziam que eu já tinha descoberto o autocarro que passava por lá". Esse protocolo terminou e as visitas tornaram-se menos assíduas, também por culpa das dificuldades de acesso ao país. Mas, entretanto, outro acordo está a ser discutido. Mário conta em breve voltar a descobrir a carreira Macau - Cabo Verde.

Proximidade cultural

Nunca as raízes africanas estiveram tão preservadas em Macau. Para isso contribui a chegada nos últimos anos ao território de muitos cabo-verdianos e outros africanos de língua portuguesa, sobretudo estudantes. As novas tecnologias da informação também diminuíram as distâncias e o anterior isolamento cultural. Actualmente, os Évora estão a par das novidades cabo-verdianas, nomeadamente musicais. Quanto à culinária, "posso dizer que a minha empregada chinesa faz cachupa. Penso que com isto digo tudo", sintetiza Mário.

Não têm rumos definidos para o futuro. Mário espera andar cá e lá e, um dia, quem sabe, passar parte do ano em Macau, a restante em Cabo Verde, onde gostaria de instalar uma estrutura de saúde. A criação de um centro de medicina desportiva é um dos sonhos de Humberto.

O percurso e a vida de Humberto e Mário chegam a confundir-se. Os Évora admitem que cresceram e viveram como dois irmãos (no sentido fiel da palavra), com interesses comuns e "feitios diferentes mas compatíveis. Isso tem muito a ver com a forma como fomos educados, com a tradição cabo-verdiana de transmissão de princípios e regras. Agora reflectimos isso nos nossos filhos."

A Família Évora continua a criar raízes nos três continentes. Primos direitos do cantor Olavo Bilac, do grupo português Santos e Pecadores, Mário e Humberto são ainda familiares da "diva" cabo-verdiana Cesária Évora. "Somos primos de gente ilustre", brincam mais uma vez, para não destoar do resto da entrevista, adocicada com doce de papaia e queijo de cabra.

Luís Pereira

Queremos falar Português

Seria lógico pensar-se que o fim da administração portuguesa de Macau significaria a morte da língua portuguesa na China. Mas ao fazer de Macau uma plataforma para os países lusófonos, a política de Pequim mudou tudo. Afinal, há um número crescente de chineses que querem aprender a falar português

A China quer aprender a falar português e para tal conta com o apoio da sua Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), que tem o português como uma das suas línguas oficiais. Desde Setembro de 2002, data em que o Governo Central apresentou a sua estratégia para a cooperação económica com os países de língua portuguesa, que o número de alunos de língua portuguesa não cessa de crescer, tanto por parte de jovem estudantes como profissionais em busca de uma mais valia. Afinal é a falar que nos entendemos e, a julgar pelas afirmações de governantes e empresários, o céu é o limite das oportunidades comerciais entre a China e os países de língua portuguesa. Assim crêem centenas de alunos a estudar a língua de Camões, quer em Macau quer no interior do País, a quem não são alheios os resultados do reforço da cooperação económica.

Dados recentemente divulgados em Macau apontavam que o valor total de investimentos bilaterais superava, até Junho de 2005, os 710 milhões de dólares americanos. Nos primeiros seis meses do ano a China tinha investido cerca de 166 milhões de dólares americanos nos mercados lusófonos quando em 2004 os valores não superavam os 66,14 milhões de dólares. Em contrapartida os países de língua oficial portuguesa tinham já concretizado investimentos na ordem dos 227,6 milhões de dólares de um total de 544 milhões cativados na China e outros 7,1 milhões de dólares em Macau.

São estes números (de um processo ainda na sua fase incipiente) a motivação de alunos como Mário Tam, natural de Pequim, discente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de Macau e decidido a "ajudar a China" a reforçar uma parceria estratégica que ganha cada vez mais importância. Ou de António Chou, natural de Xiamen, na província de Fujian, localizada na costa este do Continente chinês, cuja paixão pelo português e a consciência

A professora Ana Maria Correia, durante as aulas no Instituto Português no Oriente

Fotos: Nuno C. Bastos

dos níveis de competitividade de um mercado de trabalho sobrelotado o levaram a candidatar-se ao Instituto Politécnico de Macau. Actualmente a frequentar o curso de intérprete-tradutor, António mantém um diálogo sem grande dificuldade e, embora a curiosidade dos seus colegas de turma o rodeie, não se deixa intimidar. As respostas surgem fluidas e cheias de uma convicção característica da juventude que aparenta. "É precioso", o domínio da língua portuguesa, afirma peremptoriamente. Mas querendo como que justificar-se acrescenta que "há muitos empresários e industriais chineses que querem investir em África, e no Brasil também, por isso precisam de nós para os ajudar nos contactos". O entusiasmo contagia os colegas, que o confirmam com um aceno colectivo, unidos por uma sincera esperança de um emprego garantido, de preferência no Continente chinês. No seu projecto vida, António gostaria mesmo, antes de iniciar a sua missão, de aperfeiçoar os estudos, quem sabe, em Portugal ou no Brasil. "Estou a estudar muito para isso", garante.

A sua colega de turma Margarida Sun é natural de Xangai, a capital económica

As aulas decorrem no Consulado Geral de Portugal na RAEM, numa sala onde se destaca o cartaz de Sofia de Mello Brieyner

chinesa, cidade que não dorme, determinada que está em atingir o patamar de pujança que Hong Kong representa para o país, como uma das principais praças do Mundo. A jovem reitera as palavras do amigo, citando o número de empresários seus conterrâneos que estão empenhados ou já a operar no mundo lusófono. Em contrapartida, "não há suficientes intérpretes especializados" e disponíveis para acompanhar a progressão de contactos e até mesmo no estabelecimento de empreendimentos. "Os nossos colegas todos arranjaram emprego..." murmura, já com as faces ligeiramente enrubescidas pelo entusiasmo. Margarida confessa que foi surpreendida pela Macau que veio a conhecer: "É muito diferente do que imaginei, diferente do resto da China, muito pequena mas muito interessante, os prédios antigos são muito interessantes". Pouco sabia sobre a história de Macau como entreposto comercial e cultural entre Ocidente e Oriente, celebrou o "retorno de Macau à pátria" de 19 de Dezembro de 1999, assinalado em todo o País, e esperava encontrar em Macau um casino a cada porta. Teve a sorte de desenvolver amizade com Joana Xiao, também de Xangai mas com familiares radicados em Macau há duas décadas, que não se fizeram rogados em servir de cicerones. A um ano de terminar os estudos, Margarida revela que já está a preparar uma relação de endereços de associações comerciais a quem disponibilizará as suas competências acrescidas, mas não deixa de sublinhar a sua preferência por vir a exercer funções no Consulado Geral de Portugal em Xangai, a inaugurar em breve.

Oportunidades profissionais

Os relatos dos muitos exemplos de sucesso de ex-colegas já graduados e a trabalharem no seio da grande China ou no estrangeiro têm nestes alunos um efeito moralizante. A confirmar os factos, Cândido Azevedo, professor do IPM que leccionou nos últimos anos na Universidade de Comunicações da China, afirma que todos os seus alunos, sem excepção, tiveram facilidade em iniciar uma promissora carreira profissional. E não é sem deixar transparecer a leve ponta de orgulho que só um docente pode sentir pelos seus alunos que dá conta que o último elemento disponível da mais recente formatura foi recrutado pelo próprio Centro Cultural da Embaixada de Portugal em Pequim, depois dos seus pares intérpretes terem já rumado para países como Brasil, Angola e Moçambique, enquanto outros para o interior da China, oferecendo os seus serviços às mais distintas entidades – desde companhias petrolíferas a equipas de futebol chinesas com jogadores brasileiros.
Natural de Macau, Vanessa Lai, faz parte da minoria de alunos residentes a frequentar a licenciatura da Universidade

de Macau, dominada por alunos da Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim, ao abrigo de um protocolo de cooperação. E embora partilhe a opinião dos seus colegas de turma de que o português é uma valorização no mercado de trabalho da iniciativa privada, seja na China ou em Macau, no seu caso particular Vanessa não hesita em formular o desejo de que os estudos a ajudem a ingressar na Função Pública. Aliás esta é ainda a opção preferencial dos alunos residentes que mantêm presente a convicção de que o domínio da língua portuguesa constitui uma mais-valia para uma carreira na Administração.

Contudo, perante este aumento de interesse pela língua portuguesa, a oferta não é suficiente para satisfazer a procura, cuja tendência será para continuar "sempre a crescer", como alerta Lei Hong Iok, presidente do Instituto Politécnico de Macau, outra das instituições onde a língua portuguesa é ensinada e por onde passaram largas centenas dos actuais quadros superiores da Administração, incluindo boa parte das chefias bilingues.

Se existe alguém que deixa transparecer a visão interior da paixão chinesa pelo português, é Lei Hong Iok. O relato dos seus percursos é sorvido com a mesma antecipação do chá, servido no seu amplo gabinete. O percurso do presidente do Politécnico pela língua de Camões iniciou-se já lá vão três décadas. Coleccionador de alguns dos mais raros exemplares dos Lusíadas, dignos de figurar numa colectânea museológica, foi formado intérprete-tradutor em Macau. Durante três anos partilhou a formação com mais quatro alunos, tendo como docentes o célebre Gonzaga Gomes, Túlio Tomás e Pereira Dinis, seu mentor. Volta à Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim, onde permanece seis anos como aluno e formador, mas em 1984 os seus serviços de intérprete-tradutor seriam requisitados em Macau, para apoiar as negociações do Grupo de Ligação Conjunto Luso-Chinês, entidade que tinha a seu cargo o acompanhamento do chamado "período de transição", nos anos que precederam a transferência de administração, em 1999. Hoje, à frente dos destinos do Instituto Politécnico, assume o

A professora Maria Antónia Espadinha mostra o filme "Jangada de Pedra" aos alunos do Departamento de Português da Fauldade de Ciências Sociais e Humanidades, na Universidade de Macau

ensino da língua portuguesa como "missão primordial" da instituição que dirige.

Panorama do ensino

O florescente interesse pelo português faz-se sentir desde a escolaridade infantil ao secundário complementar, incluindo o nocturno e programas de formação contínua, afirma o director dos Serviços de Educação e Juventude, Sou Chiu Fai, garantindo ser alvo de crescente número de solicitações por parte dos mais diversos estabelecimentos de ensino, oficiais e privados, de língua veicular chinesa ou inglesa, interessados em iniciar ou expandir os seus programas extra-curriculares de português.

Talvez por ser bilingue, Sou Chui Fai demonstra saber o quão importante se pode revelar para um indivíduo o domínio de uma segunda língua, deixando escapar um longo suspiro quando se lamenta, com franco pesar, de que, com os meios actualmente ao seu dispor, é-lhe impossível corresponder às necessidades actuais. Um facto a ilustrar essa situação é o de que há apenas um professor de português por cada 2,3 escolas, exceptuando as do ensino luso-chinês. Mesmo assim, reconhece que o aumento da procura é, já de si, um dado extremamente positivo e diz depositar grandes esperanças nas soluções que estão a ser equacionadas na reforma do Ensino, actualmente em curso.

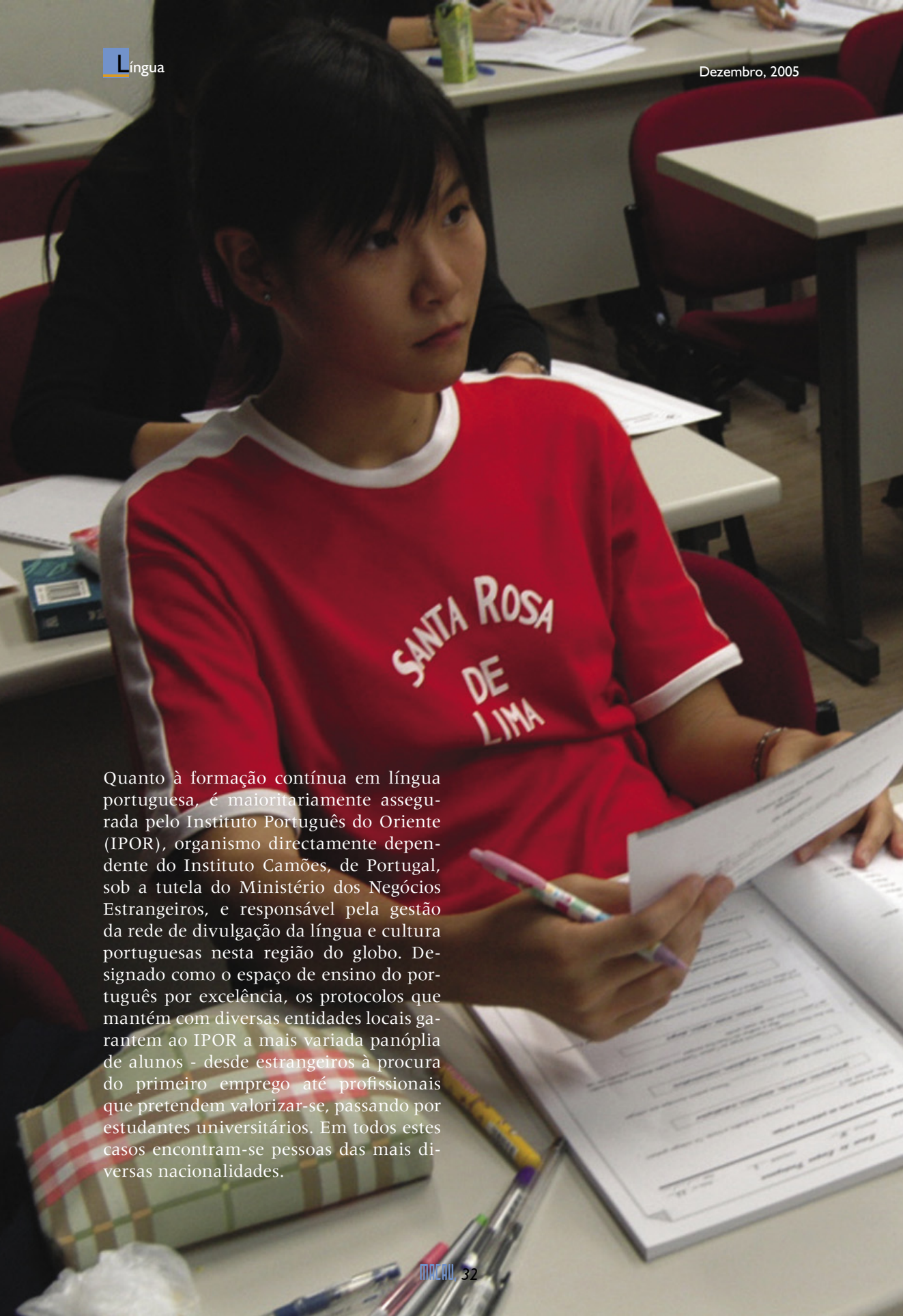
Em vantagem comparativa encontra-se a Escola Portuguesa de Macau, a única instituição na RAEM que assegura o ensino primário e secundário em língua veicular portuguesa, área em que, de momento, a oferta suplanta a procura. Detendo os necessários recursos e correspondendo à actual conjuntura, a directora da instituição, Edith Silva, antiga deputada e directora dos Serviços de Educação e Juventude, revelou que está prestes a ser lançado um programa especialmente destinado a leccionar o português a crianças e jovens alunos que seguem os seus estudos noutra língua curricular que não a portuguesa.

Ao nível do Ensino Superior, a oferta de programas em língua portuguesa limita-se, na sua esmagadora maioria, à Universidade de Macau e ao Instituto Politécnico. Este último assume-se, enquanto tutelar da Escola de Línguas e Tradução, como o herdeiro da antiga instituição formadora de tradutores e intérpretes – a Escola Sínica de Macau, criada há 100 anos por despacho régio do então ministro da Marinha e Ultramar de Portugal, Marquês Sá da Bandeira, datado de 22 de Julho de 1905.

As disciplinas de Português têem sido as opções mais procuradas

Para além do currículo de intérprete-tradutor, que pretende actualizar no próximo ano lectivo, o IPM lecciona um conjunto de programas de melhoramento linguístico, dos quais se destaca a especialização na área da linguagem jurídica. É contudo sob a alçada da Universidade de Macau que funciona a Faculdade de Direito, que, com o seu vasto conjunto de programas curriculares, da licenciatura ao doutoramento, congrega o maior número de discentes lusófonos, radicados em Macau ou provenientes de países de língua portuguesa.

Dado curioso em ambas instituições é que, após 1999, as disciplinas de português, mesmo sendo facultativas, foram das opções mais procuradas, tanto por estudantes estrangeiros como locais. Segundo Maria Antónia Espadinha, directora do Departamento de Português da Universidade de Macau, está em alta o número de alunos das diferentes faculdades que optam por tirar a sua segunda especialização em língua portuguesa – uma mais-valia para exercer a profissão além fronteiras.



Quanto à formação contínua em língua portuguesa, é maioritariamente assegurada pelo Instituto Português do Oriente (IPOR), organismo directamente dependente do Instituto Camões, de Portugal, sob a tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e responsável pela gestão da rede de divulgação da língua e cultura portuguesas nesta região do globo. Designado como o espaço de ensino do português por excelência, os protocolos que mantém com diversas entidades locais garantem ao IPOR a mais variada panóplia de alunos - desde estrangeiros à procura do primeiro emprego até profissionais que pretendem valorizar-se, passando por estudantes universitários. Em todos estes casos encontram-se pessoas das mais diversas nacionalidades.

Para além do Centro de Difusão de Línguas, afecto à Direcção dos Serviços de Educação, e a Direcção de Serviços da Administração e Função Pública, que assistem ao sistemático preenchimento das vagas nos cursos que vão criando, também os alunos do Instituto de Formação Turística que escolheram o português como língua de opção são formados pelo IPOR. A sobrecarga criada pelo surto do número de estudantes foi tal que o actual presidente interino do IPOR, Rui Rocha, se viu na necessidade de aumentar o corpo docente de destacados por Lisboa para leccionar em Macau com um número de contratados locais, num esforço para responder, no arranque do ano lectivo, a uma lista de espera de centenas de alunos interessados.

O Português na China

Se nos finais da década de 80, altura em que o actual director dos Serviços de Assuntos de Justiça (Cheong Weng Chon) da RAEM era aluno do mestre de linguística portuguesa Raul Pissarra no Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim, e o português mais um entre as largas dezenas de idiomas e dialectos de todo o mundo, hoje, a língua de Camões tem o seu espaço conquistado e prossegue a sua expansão. Com a saudade traduzida no cofiar do bigode, o antigo leitor do já extinto Instituto de Cultura e Língua Portuguesa recorda os seus primeiros anos no Oriente, há quase um quarto de século, quando o verde monocromático do vestuário citadino que preenchia as ruas da capital contrastava com a intimidade do campus universitário. "Os alunos eram poucos mas extremamente aplicados, e interessavam-se realmente por aprender...", lembra o docente, um personagem que personifica a exigência pela qualidade numa possante voz de baixo. Uma voz que será provavelmente das mais ouvidas em língua portuguesa na China - exceptuando talvez Rui Veloso – já que é o autor das cassetes de aprendizagem que ainda incorporam o material pedagógico dos cursos de Língua e Cultura portuguesas.

Hoje a rede de programas de língua e cultura portuguesas está presente para além dos principais pólos de poderio político e económico: desde Pequim, onde desde a década de 80 se manteve um leitor, a Xangai, Hong Kong e, mais recentemente, Cantão. Na capital chinesa, duas das mais prestigiadas instituições de ensino superior leccionam licenciaturas e cursos livres de estudos portugueses. A Universidade de Línguas Estrangeiras e a Universidade de Comunicações formaram numerosos altos quadros do Governo Central, entre os quais o actual vice-comissário do Comissariado do Ministério dos Negócios Estrangeiros na RAEM. O ensino do português é também assegurado nas províncias de Sichuan - célebre *habitat* natural do Panda - e Fujian, de onde é originário um quinto da população de Macau.

Além disso, Rui Rocha garante, por outro lado, que existem actualmente instituições de ensino no interior da China a leccionar currículos de língua portuguesa sem qualquer apoio institucional do Governo Português ou da RAEM. Curiosamente, na véspera da entrevista que concedeu para a elaboração desta reportagem tinha sido surpreendido pela visita ao IPOR de uma académica chinesa que acabava de abrir um Departamento de Português no interior da China e se propunha financiar a presença de um leitor do IPOR no seu estabelecimento de Ensino.

Corresponder à procura

A posição política do Governo português, na voz do embaixador de Portugal na China, António Santana Carlos, é a de que Portugal tem todo o interesse em corresponder aos actuais índices de apetência pela língua portuguesa, sendo previsível, a prazo, um incremento do apoio ao seu ensino no Continente chinês. E embora Macau, como ponto estratégico, possa ser alvo de acções pontuais, o grande esforço será no interior da China. O diplomata não deixa ainda de referir que, devido à política de aproximação de mercados, a

própria China tem aumentado o seu apoio à aprendizagem da língua portuguesa.
Ainda que sirvam mercados distintos, as várias entidades formadoras da RAEM pugnam pela criação de um mecanismo de concertação que permita articular uma estratégia de resposta às expectativas. Isto evitando incorrer no perigo da oferta continuar a revelar-se insuficiente e precipitar o fim prematuro do ciclo de apetência por uma procura frustrada.
Outra questão consensual é a necessidade da formação contínua dos professores, matéria em que é esperada maior sensibilidade do Estado português, quiçá através do IPOR.
Finalmente, a Universidade de Macau e o Instituto Politécnico deixaram-nos a garantia de que situações como as que se registaram no início deste ano lectivo, devido à grande procura – especificamente a recusa de um total superior a 600 alunos – não se repetirão.
Um caso exemplar foi o do Departamento de Português da Universidade de Macau que, apesar de se ter preparado para funcionar na sua capacidade máxima, durante o corrente ano lectivo de 2005/2006, visando acolher 38 alunos em duas novas turmas, foi totalmente surpreendido com a apresentação de mais de 400 candidaturas, só de alunos locais, isto mesmo depois de terem sido elevados os requisitos de acesso.

"Golpe de mestria diplomática"

O embaixador Santana Carlos elogia a diplomacia chinesa

Na sequência da apresentação, em Novembro de 2002, de uma orientação política de aproximação económica de Macau aos mercados lusófonos pelo Chefe do Executivo Edmund Ho, o Governo Central organizava, meses depois, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa onde definiu Macau como plataforma preferencial entre os dois pólos. O embaixador de Portugal na China, Santana Carlos, ex-dirigente da parte portuguesa do Grupo de Ligação Luso-Chinês caracterizou na altura a estratégia como "um golpe de mestria diplomática chinesa". Por um lado Pequim reforçava a sua posição em África e, por outro, sublinhava o papel de Macau enquanto plataforma de ligação da China aos países de língua portuguesa.

Matérias primas

Considerando fundamentais as áreas das infra-estruturas, agricultura, energia, exploração dos recursos naturais e formação de recursos humanos, a estratégia económica do Governo Central para a lusofonia divide-se essencialmente em três frentes: No que diz respeito aos países africanos de língua portuguesa, há que ter em conta os abundantes recursos naturais, essenciais para os astronómicos índices de produção que caracterizam o País a que muitos designam de "fábrica do mundo". Por outro lado, há quem veja em África um potencial mercado de escoamento de bens de primeira e segunda necessidade produzidos na China.
Finalmente, também compõem ainda o mundo lusófono, Timor-Leste, a mais recente nação do mundo, o Brasil – um dos maiores parceiros comerciais da China e o único que se pode gabar de manter um saldo positivo a seu favor e ainda Portugal, que constitui uma significativa porta de entrada no mercado europeu.

L.P.

Foto: Jornal Tribuna de Macau

Chen Duqing, representnte chinês em Timor-Leste. À direita, festa religiosa da comunidade chinesa em Díli

Um embaixador chinês com formação lusofóna

Chen Duqing, actual embaixador da China em Timor-Leste, é um dos mais ilustres e antigos membros do corpo de diplomatas que recebeu a sua formação em língua portuguesa em Macau antes de iniciar a sua longa carreira no espaço lusófono. Foi pioneiro na promoção dos diversos protocolos celebrados entre o Governo de Macau e o Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês, com vista à formação linguística dos seus quadros.

O diplomata chegou a Macau em 1964, nas vésperas da Revolução Cultural que o obrigaria a interromper os estudos, em 1967. Volvidos quase quatro décadas, é ainda com grande carinho que se refere ao nome de Mário Isaac, o seu estimado professor durante os escassos dois anos e meio de formação intensiva. Só voltaria depois a rever Macau em 1999, para participar nas cerimónias da transferência de administração que, segundo o embaixador, marcariam para sempre a sua carreira. Na altura Chen cumpria já missão diplomática no Brasil, mas a sua presença seria solicitada pelo Governo Central para acompanhar a elaboração do discurso oficial que o Presidente Jiang Zemin proferiu durante aquelas cerimónias.

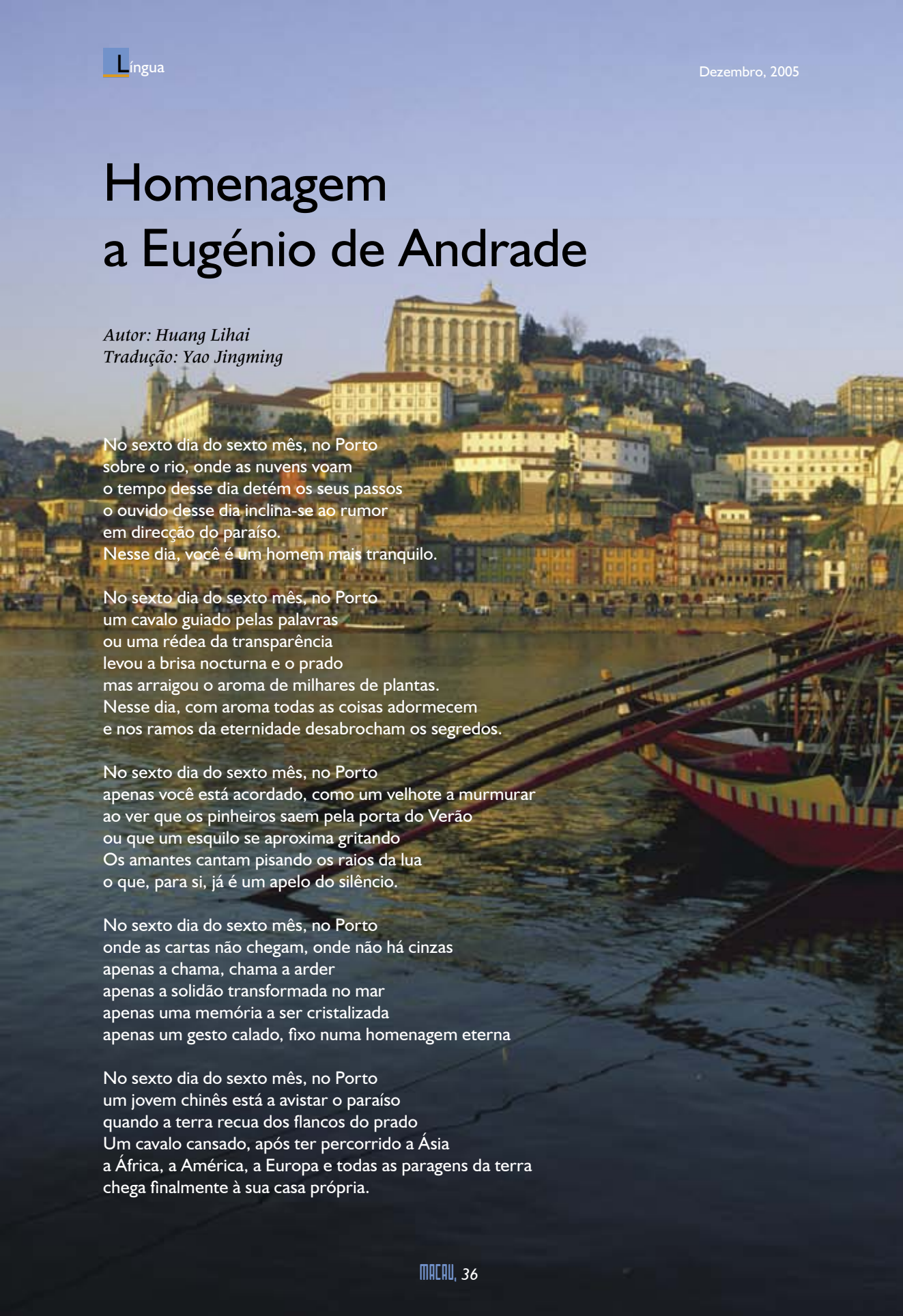
Macau na agenda

Desde então Macau tem sido uma matéria constante na sua agenda. Aliás, foi o próprio Chen Duqing, na altura embaixador da RPC no Brasil, que recebeu Edmund Ho e a sua comitiva durante a visita oficial do Chefe do Executivo de Macau a Moçambique, em 2002. Embora ainda não tenha trocado o café pelo simbolismo milenar do chá, poder-se-á dizer que aderiu ao espírito lusófono, não se poupando a esforços para eliminar as barreiras do formalismo por que se pautam a maioria dos seus pares diplomatas. Hoje, devido à geografia acrescida da vontade política de aproximação económica entre a China e os Países de Língua Portuguesa, o embaixador é cada vez mais uma presença habitual na RAEM, onde Timor Leste se prepara para instalar um Consulado-Geral. E não querendo minorar o importante passo político, Chen Duqing pugna ainda pela necessidade da criação de um mecanismo bilateral que permita incrementar as trocas comerciais entre Macau e o mais jovem país do Mundo.

L.P.

Homenagem a Eugénio de Andrade

Autor: Huang Lihai
Tradução: Yao Jingming



No sexto dia do sexto mês, no Porto
sobre o rio, onde as nuvens voam
o tempo desse dia detém os seus passos
o ouvido desse dia inclina-se ao rumor
em direcção do paraíso.
Nesse dia, você é um homem mais tranquilo.

No sexto dia do sexto mês, no Porto
um cavalo guiado pelas palavras
ou uma rédea da transparência
levou a brisa nocturna e o prado
mas arraigou o aroma de milhares de plantas.
Nesse dia, com aroma todas as coisas adormecem
e nos ramos da eternidade desabrocham os segredos.

No sexto dia do sexto mês, no Porto
apenas você está acordado, como um velhote a murmurar
ao ver que os pinheiros saem pela porta do Verão
ou que um esquilo se aproxima gritando
Os amantes cantam pisando os raios da lua
o que, para si, já é um apelo do silêncio.

No sexto dia do sexto mês, no Porto
onde as cartas não chegam, onde não há cinzas
apenas a chama, chama a arder
apenas a solidão transformada no mar
apenas uma memória a ser cristalizada
apenas um gesto calado, fixo numa homenagem eterna

No sexto dia do sexto mês, no Porto
um jovem chinês está a avistar o paraíso
quando a terra recua dos flancos do prado
Um cavalo cansado, após ter percorrido a Ásia
a África, a América, a Europa e todas as paragens da terra
chega finalmente à sua casa própria.

Paixão poética

Fotos:Franck Regourd

Os poetas Huang e Yao comentam a poesia de Andrade

A publicação de uma colectânea de traduções da obra poética de Eugénio de Andrade foi encarada pelos seus pares chineses como "uma verdadeira prenda", tal foi o sucesso que aquele expoente máximo da literatura portuguesa da actualidade granjeou no Continente chinês.
Pouco sensibilizada para os autores portugueses, dado o reduzido número de traduções para chinês, bem como a fraca circulação que é garantida aos projectos que passam do prelo, a publicação do número de Agosto de 2004 da revista chinesa "Poesia e Prosa", de Cantão, tomou por choque a cena literária chinesa. O que Eugénio de Andrade ali oferecia aproximava-se deliciosamente da poesia clássica chinesa - da clareza de espírito dos antigos, quando as palavras desenham a emoção do presenciar de um momento efémero, na incessante procura de um mundo melhor. A própria estrutura, brilho e musicalidade das estrofes, os versos curtos, solenes, essenciais, apresentam uma cumplicidade com os clássicos chineses que nenhum oriental jamais imaginou poder estar presente num poeta europeu.
Graças à difusão da publicação, lida pelos autores mais promissores um pouco por todo país, Eugénio de Andrade é hoje um dos poetas estrangeiros mais lidos na China, em papel ou em digital, com páginas electrónicas dedicadas à sua obra.
O projecto que alterou toda uma percepção da poesia portuguesa, baseada sobretudo na obra de Fernando Pessoa e no épico dos Lusíadas, surgiu de uma colaboração entre dois poetas, chineses. Um deles é Yao Jinming, natural de Pequim e actual docente da Universidade de Macau, que em 1989 se dedicou à tradução sistemática da obra de Eugénio de Andrade. Para além do "Pequeno Caderno de Oriente" - 2002, grafado pelo poeta português após uma efémera passagem por Macau, Yao publicou outras cinco colectâneas ("Com Palavras Amo" – 1990, "O Outro Nome da Terra- 1994, "Camões e a Memória do Oriente" - 1995, "Selecta de Poetas Portugueses" - 1999, e "Jardim de Lou Lim Ieoc", 1999).
Mas quem materializou a "paixão chinesa" foi o jovem Huang Lihai, dramaturgo ao serviço do Governo Provincial da sua cidade natal de Cantão, proprietário e editor da revista em causa. Rendido à mestria de Eugénio de Andrade, propôs-se lançar num dos números da sua revista toda a obra traduzida pelo seu companheiro de tertúlias no Círculo de Poetas de Cantão, Yao.

"Foi amor à primeira vista. Mas como eu, apaixonaram-se pela poesia de Eugénio de Andrade centenas de autores e artistas chineses, " confessa Huang, feliz tão somente pela oportunidade de poder partilhar. A receptividade diz, "foi avassaladora". Dos quatros cantos do País chegaram inúmeras congratulações e mensagens de agradecimento remetidas por associações culturais e poetas de renome, todos eles sensibilizados com a "descoberta" de tão solenes e intrigantes versos.
A morte do poeta maior da literatura portuguesa, a 13 de Junho de 2005 um ano após o lançamento do álbum que o expandiu a Oriente, levou os seus pares chineses a prestarem-lhe uma homenagem póstuma, que se realizou em Macau, fazendo a entrega formal do prémio "Poesia e Homem" que já haviam atribuído ao poeta português no ano passado.
Recolheu a distinção o cônsul-geral de Portugal na RAEM, Pedro Moitinho de Almeida, no decorrer de uma cerimónia que reuniu poetas, músicos e artistas chineses vindos de diversos pontos da China, com o desejo comum de renderem a última homenagem ao escritor português.

L.P.

車輛事務
Veículos
Vehicle Affairs
駕駛執照
Condução
Driving Licences
綜合
服務中心
CENTRO DE SERVIÇOS
DO IACM
民 政 總 署
INSTITUTO PARA OS
ASSUNTOS CÍVICOS
E MUNICIPAIS
The Integrated Services Centre of the Civic and Municipal Affairs Bureau
衛生監督事務
Inspecção e Sanidade
Food and Animal Inspection and Control
行政執照及環保
Licença Administrativa e Protecção Ambiental
Administrative Licensing and Environmental Protection
文康、工程及綠化
Actividades Culturais e Recreativas,
Obras, Zonas Verdes
Cultural and Recreational Activities, Works and Green Projects
辦公時間：星期一至星期五由上午九時至下午六時
（中午照常辦公）
星期六、日及公眾假期休息
Horário de funcionamento
2ª a 6ª feira, 09:00 - 18:00
(Funciona durante as horas de almoço)
Fecha aos Sábados, Domingos e Feriados.
Opening hours
Monday to Friday: 9:00am-6:00pm (no lunch break)
Closes on Saturdays, Sundays and Public holidays
南灣大馬路762-804號中華廣場
Avenida da Praia Grande Nº762-804, Edf. China Plaza
2
字樓
°andar
www.iacm.gov.mo
民政總署市民服務熱線
Linha do Cidadão do IACM
337676

Conselho das Comunidades Macaenses aprova orçamento e plano de actividades

O Conselho das Comunidades Macaenses (CCM) aprovou o orçamento e plano de actividades para o biénio 2005/2006. A deliberação resultou de uma Assembleia Geral extraordinária, que se realizou aproveitando a presença da maioria dos dirigentes das Casas de Macau na RAEM, a convite do Comité Organizador dos Jogos da Ásia Oriental para assistir às competições. Consta do programa o reforço da promoção do ensino da língua portuguesa na diáspora bem como o estudo, investigação e divulgação do dialecto macaense - Patuá; viabilização de instalações próprias para todas as Casas de Macau; intensificação de protocolos institucionais com a Universidade de Berkeley da Califórnia; criação de um Museu da Comunidade Macaense na RAEM; consolidação de núcleos da juventude nas Casas de Macau promovendo actividades juvenis; e organização de intercâmbios culturais e desportivos regionais e inter-regionais. A dinamização dos jovens macaenses na diáspora - que dá o mote ao próximo Encontro das Comunidades Macaenses agendado para 2007 - por um lado, e o financiamento do plano de actividades por outro, perfilam-se entre as principais preocupações do Conselho. Criado há um ano, à margem do Encontro das Comunidades Macaenses - Macau 2004, o CCM é uma instituição com sede na RAEM que congrega as Casas de Macau na diáspora e o conjunto de associações de matriz portuguesa de Macau.

Entusiasmo de São Paulo contagia a diáspora

Com a visita no Verão do Chefe Executivo da RAEM ainda fresca na memória, a Casa de Macau de São Paulo tem vindo a assumir um papel motivador como rampa de lançamento de um número de iniciativas junto das demais casas. É exemplo a criação de uma associação

Edmund Ho em visita à Casa de Macau de São Paulo

de empresários macaenses do Brasil, movimento que visa o incremento das relações comerciais com Macau a que já aderiu a diáspora radicada nos Estados Unidos e na Austrália, onde ainda carece de oficialização. Ainda o entusiasmo com que lançou a "directoria jovem" e o êxito do modelo – dotando os mais novos com autonomia para promoverem e organizarem as suas próprias actividades -, incentivou outras casas a criar núcleos direccionados para novas gerações. Convívio, iniciativa e entusiasmo têm sido a regra nesta que é a maior Casa de Macau.

Macaenses da Califórnia criam associação empresarial

Está criada a Associação dos Empresários Macaenses da Califórnia, tendo como objectivo facilitar as relações entre congéneres a residirem na RAEM e nos Estados Unidos. A iniciativa integra um movimento encetado pela Casa de

Macaenses no Brasil impulsionaram esta iniciativa

Macau em S. Paulo - e que Sidney está em vias de aderir - para incrementar o número de mecanismos comerciais entre a RAEM e a diáspora. Na voz dos protagonistas trata-se de uma oportunidade para Macau capitalizar toda uma infra-estrutura existente além-fronteiras. No caso particular da Califórnia, é também intenção do recém-criado organismo proporcionar oportunidades de negócio entre o empresariado chinês e o poderoso sector dos lacticínios, um terço do qual é controlado pela diáspora portuguesa ali residente.

Centro Cultural Macaense une diáspora radicada nos EUA

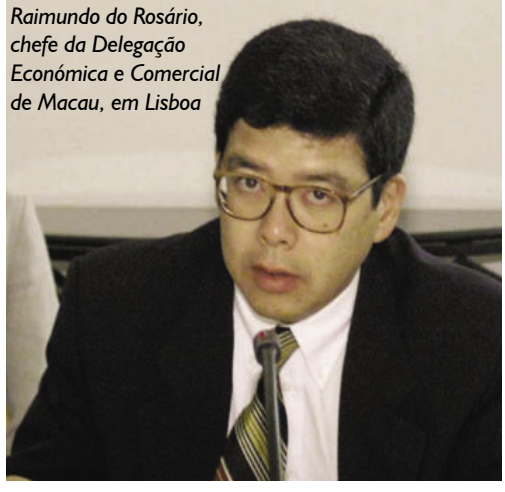
Aspiração antiga da diáspora radicada nos Estados Unidos, o Centro Cultural Macaense tornou-se uma realidade ao longo deste ano com a assinatura de um acordo histórico entre as três casas norte-americanas - Lusitano Clube da Califórnia, Casa de Macau USA e União Macaense Americana. Fazendo uso do apoio financeiro concedido há cinco anos pela Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau, está já em curso o processo de aquisição de um terreno onde será edificada a sede do centro cultural enquanto bastião da identidade macaense na América. As instalações contarão com uma "biblioteca central", uma galeria de exposições e um espaço para a comercialização de produtos "*Made in Macau*", servindo de palco ao mais variado rol de actividades para a promoção e preservação da história, cultura e legado macaenses - leccionar, entre outras disciplinas, as línguas portuguesa e chinesa, culinária e artes marciais.

Austrália lança "Grupo dos 18-30"

Respondendo ao principal desafio com que se depara a diáspora macaense, a dinamização das novas gerações, e ao projecto lançado pela sua congénere brasileira em São Paulo, a Casa de Macau na Austrália levou a cabo a reunião inaugural do "Grupo dos 18-30". A iniciativa, que assegurou um assento nos novos corpos gerentes, visa a promoção de iniciativas especificamente direccionadas aos jovens e que concorram para a preservação da identidade macaense. Em Setembro passado, data em que decorreu a XXI Assembleia Geral, eram aproximadamente 700 os membros da Casa de Macau Inc. Austrália, com representação efectiva nos estados de Queensland, South Australia, Victoria, Western Australia, Tasmania, e Capital Territory.

Primeira dama portuguesa recebe comitiva da RAEM

A Associação Promotora da Instrução dos Macaenses organizou a visita de uma delegação da RAEM a Portugal onde manteve uma ronda de contactos com destaque para os encontros com a primeira dama portuguesa, Maria José Ritta e com o embaixador da China em Lisboa, Ma Enhan. A Delegação Económica e Comercial de Macau em Portugal, chefiada por Raimundo do Rosário, fez coincidir a presença da comitiva em Lisboa com a exposição do macaense Rigoberto do Rosário Jr. que serviu de pano de fundo para a apresentação do livro "À mesa com a Diáspora". Para além da romagem ao santuário de Fátima, onde foi lida uma mensagem do Bispo da Diocese de Macau, D. José Lai, os mais



Raimundo do Rosário, chefe da Delegação Económica e Comercial de Macau, em Lisboa

de 70 elementos da comunidade, entre membros da APIM, Associação dos Aposentados, Pensionistas e Reformados de Macau, Associação dos Macaenses, Santa Casa da Misericórdia, e Lusitano Clube de Hong Kong tiveram ainda oportunidade para visitar os principais pontos turísticos do País.

Casa de Macau em Lisboa mais perto do mundo

A Casa de Macau em Lisboa acaba de lançar a sua página na Internet (www.casademacau.pt) onde dá conta da sua variada actividade cultural, institucional e editorial, com a publicação de um boletim mensal e outro trimestral. Ao nível institucional, acaba de alargar o seu já vasto leque protocolar - que permite oferecer aos associados cursos de português ou aulas de taichi e ioga – com a assinatura de um acordo com o INATEL - Instituto Nacional de Aproveitamento dos Tempos Livres.

Convívios em Toronto

O elenco totalmente feminino da direcção da Casa de Macau no Canadá, em Toronto, foi reconduzido para um segundo mandato votado em Assembleia Geral no passado mês de Setembro. Atitude que significou uma declaração de confiança por parte dos 284 associados no rol de actividades socioculturais por que se pautou o trabalho desenvolvido durante o primeiro mandato.

A Casa de Macau de Toronto organizou uma excursão às Cataratas do Niagara

Fotos: Carmo Correia

Os sabores da alma

Macau voltou durante três dias do mês de Outubro a viver as cores da cultura lusófona. Como manda a tradição, as Casas-Museu da Taipa serviram de palco a um verdadeiro encontro de culturas, onde a saudade teve lugar e os afectos foram exteriorizados.

Longe do formalismo das conferências ou dos encontros ministeriais, a Festa da Lusofonia contribuiu uma vez mais para o estreitar das relações entre as diferentes comunidades de língua portuguesa e as comunidades chinesas radicadas na RAEM.

A Festa da Lusofonia tem o dom de nos transportar pelos cinco continentes ao ritmo de cada país, seja ele africano, asiático, europeu, ou de outro qualquer espaço geográfico. É a História alinhada em barracas, onde se trocam estórias, experiências e saberes.

Numa só tarde foi possível comer muamba de Angola, provar a cachupa de São Tomé, beber um cálice de grogue de Cabo Verde e, por que não, rematar a refeição com bebinca à moda de Goa. Mais ao cair da noite fomos convidados a dançar ao som de um samba bem brasileiro, acompanhado de um copo de cachaça. Mas havia também quem preferisse enconstar-se ao balcão de Portugal e deliciar-se com os doces conventuais, aproveitando para depois descobrir outras paragens: Timor-Leste, Guiné Bissau, Moçambique.

Entretanto, pela noite dentro, começava a ouvir-se o som de uma música familiar. Vinha do anfiteatro ao ar livre. Seriam os Da Weasel ou os Terrakota?. Não seriam antes os moçambicanos Timbila Muzimba? O que importa é que eram sons da lusofonia, o som de todos nós.

J. M. E.

O salto dos Da Weasel

Macau esteve na rota dos Da Weasel. No palco da Festa da Lusofonia depositaram uma das muitas sementes que andam a espalhar pelo mundo e mostraram o que tinham para dar. Muitas "Re-Definições" e outras peças de colecção que marcam o seu percurso: discos como "3º Capítulo" ou mesmo "Podes Fugir Mas Não te Podes Esconder". Macau ficou a conhecê-los e, em troca, deu-lhes alento para continuarem neste salto além fronteiras.

Quem os viu só pode acreditar que a cruzada dê os seus frutos. Os Da Weasel mataram saudades às comunidades lusófonas e fizeram disparar muitas máquinas fotográficas de um público repleto de jovens chineses. O anfiteatro das Casas-Museu da Taipa encheu para receber a trupe de Almada".

O sexteto convenceu um público tão heterogéneo em idades como em etnias, não fosse aquele o palco da Lusofonia. Especial foi a cumplicidade que criaram nos interlúdios. Apesar dos poucos dias (mal dormidos!) que passaram na RAEM, conseguiram aperceber-se de alguns dos mil mundos da região. E polvilharam as suas músicas de alusões a Macau.

Os Da Weasel têm tudo para se afirmar em palcos estrangeiros: sabem dar espectáculo, têm repertório vasto uma atitude para agradar a gregos e a troianos. É uma versatilidade que lhes vêm da raiz. Os irmãos Jay Jay Neige e Pacman têm família em Cabo Verde e em Angola. Também Dj Glue e Vírgul fazem a ponte para África.

Foi uma passagem relâmpago que mais parecia a de um cometa. O rasto ficou. Macau provou ser plataforma para eventos culturais. Mas agora é preciso continuar a apostar, fazendo deste um casulo da cultura lusófona em ebulição. Afinal, a aposta não era assim um risco tão grande como se imaginava. Ganharam os músicos, o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, que dourou a sua organização, e o público, claro está!

É o mundo lusófono a abrir as portas a mais música portuguesa. Aos Da Weasel chovem convites de todo o mundo, depois de em Novembro do ano passado terem conquistado um prémio MTV. As bandas portuguesas que não navegam no circuito tradicional e popular já podem sonhar com o carimbo no passaporte. E será como nunca ninguém imaginou: pela porta da lusofonia.

P. L.

O sexteto de Almada aproveitou o palco de Macau para o seu movimento de internacionalização

Investimentos mútuos

O reforço da cooperação económica e comercial entre a China e os países lusófonos está traduzido em investimentos bilaterais superiores a 710 milhões de dólares americanos até Junho de 2005. Nos primeiros seis meses deste ano a China investiu nos países lusófonos 166 milhões de dólares americanos, tendo aceite investimentos de 544 milhões de dólares do mundo lusófono. Os números do investimento contrastam com os de 2004, quando a China tinha investido apenas 66,14 milhões de dólares nos países de língua portuguesa. Relativamente à RAEM, os países lusófonos fizeram investimentos globais de cerca de 60 milhões de patacas.

Primeiro casino em Cabo Verde

David Chow, empresário ligado à indústria do jogo de Macau e líder do projecto da Doca dos Pescadores, acaba de assinar um acordo com o Governo de Cabo Verde tendo em vista a construção de um complexo turístico na Ilha de Santiago em que figura o primeiro casino do arquipélago. Com uma área de quatro hectares, o complexo denominado "Ilha da Fantasia" abrirá ao público dentro de três anos, obrigando a um investimento nunca inferior a 100 milhões de dólares. Para além de Cabo Verde, também Angola se manifesta disponível para a introdução de casinos.

Encontro em Brasília

O VI Fórum dos Presidentes dos Supremos Tribunais de Justiça dos Países e Territórios de Língua Portuguesa reuniu em Brasília, representantes dos oito países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e também da Região Administrativa Especial de Macau. Delegados do Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Macau debateram as necessidades e as dificuldades que cada um dos tribunais encontra no processo de formação dos seus magistrados.

RAEM atrai *offshore* português

A entrada em vigor do novo diploma financeiro da União Europeia, a 1 de Julho, levou dois dos maiores bancos portugueses – Caixa Geral de Depósitos e Banco Português de Investimento - a deslocarem as operações "offshore" que mantinham na Região Autónoma da Madeira para Macau, juntando-se assim ao Banco Espírito Santo e Banco Comercial Português que já operavam na RAEM . A Caixa Geral de Depósitos criou uma dependência nas instalações do Banco Nacional Ultramarino para gerir fundos no valor de 1,11 mil milhões de dólares americanos, maioritariamente depósitos a prazo.

Apoio a aeroportos moçambicanos

A Companhia do Aeroporto de Macau e a Administração de Aeroportos de Moçambique assinaram um protocolo de cooperação mútua na gestão das tecnologias de informação com a sua congénere moçambicana. A primeira aplicação prática prende-se com a instalação de monitores informativos das partidas e chegadas dos voos nos três aeroportos afectos à Administração de Aeroportos de Moçambique, Maputo, Beira e Nampula. As negociações, encetadas durante o Fórum Económico dos Aeroportos realizado no princípio do ano, na RAEM, decorreram à margem da Feira Internacional de Maputo, onde a RAEM e a província chinesa da Fujian se fizeram representar numa comitiva empresarial conjunta.

Voluntários lusófonos para Pequim

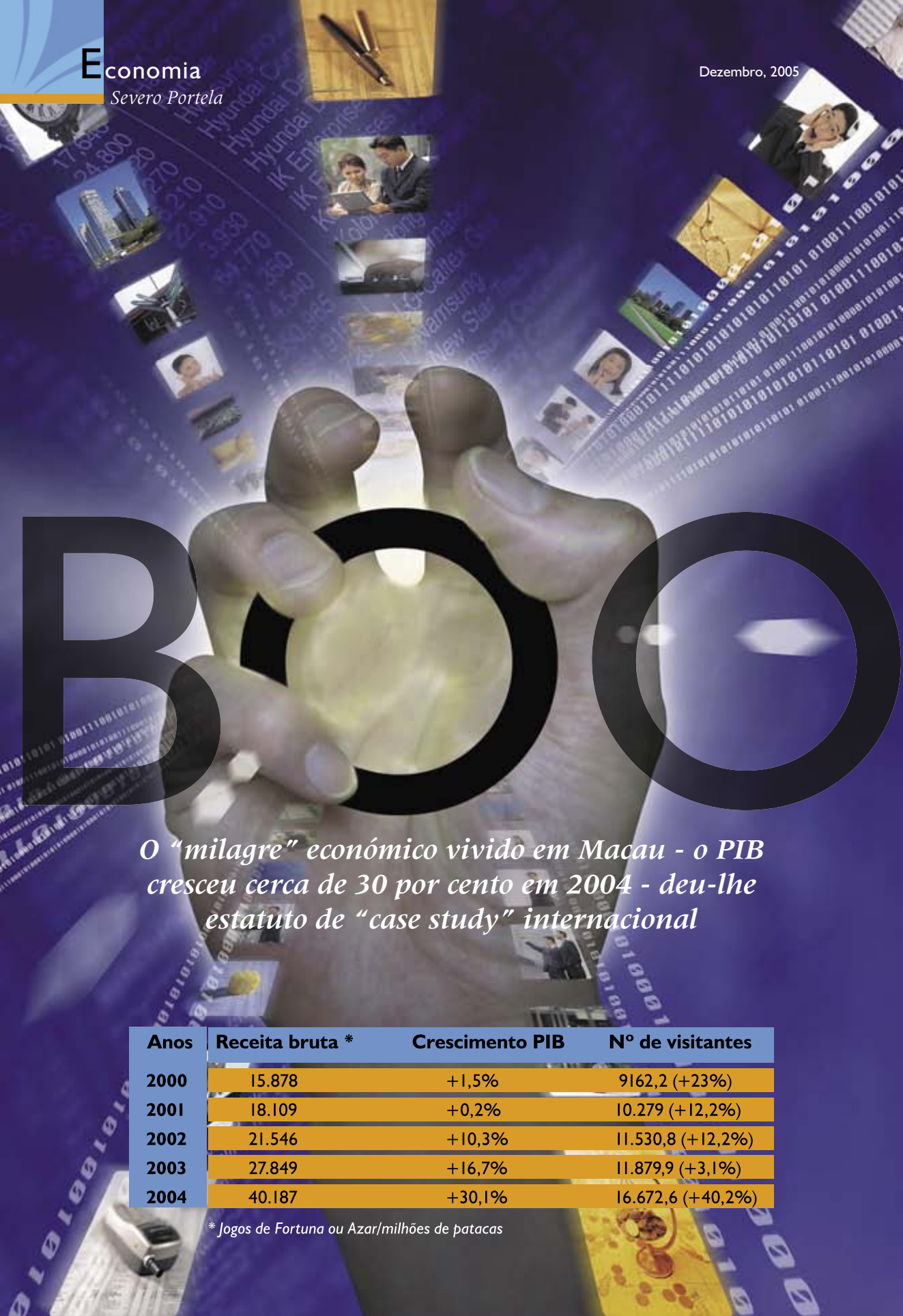
A RAEM respondeu afirmativamente à solicitação do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008, que manifestou uma insuficiência numérica de pessoal com domínio da língua portuguesa e qualificado para a apoiar as delegações lusófonas durante a sua estadia na capital chinesa. O quadros destacados para Pequim terão já no seu currículo três grandes eventos desportivos, os 4º Jogos da Ásia Oriental, realizados em Outubro passado, os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto 2007 os primeiros Jogos da Associação dos Comités Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa, agendados para o próximo ano.

Imprensa Portuguesa reunida na RAEM

A Associação Portuguesa de Imprensa promove em Dezembro na RAEM o XI Congresso da Imprensa Portuguesa. A instituição pretende assim intensificar as relações entre as empresas de comunicação social europeias e o mercado asiático. O evento terá como temática "Os Media e os Desafios da Sociedade de Informação" onde serão debatidas questões como os direitos de autor, sistemas de regulação e auto-regulação dos "media".

Portugal propõe Macau para a CPLP

Portugal vai propor a entrada de Macau como observador para as questões do desporto na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. De acordo com o secretário de Estado do Desporto, Laurentino Dias, a proposta vai ser apresentada em Março de 2006, na reunião ministerial que decorrerá em Moçambique, e tem como objectivo a entrada de Macau na CPLP, com o estatuto de observador mas com direito a participar nos jogos da comunidade, cuja próxima edição tem lugar em 2007 no Brasil.



BOOM

O "milagre" económico vivido em Macau - o PIB cresceu cerca de 30 por cento em 2004 - deu-lhe estatuto de "case study" internacional

Anos	Receita bruta *	Crescimento PIB	Nº de visitantes
2000	15.878	+1,5%	9162,2 (+23%)
2001	18.109	+0,2%	10.279 (+12,2%)
2002	21.546	+10,3%	11.530,8 (+12,2%)
2003	27.849	+16,7%	11.879,9 (+3,1%)
2004	40.187	+30,1%	16.672,6 (+40,2%)

** Jogos de Fortuna ou Azar/milhões de patacas*

Num mundo cada vez mais intranquilo, e ameaçado pela deriva do preço do crude e/ou o aumento das taxas de juro, interdependente e globalizado, não se estranhará que predominem vozes pessimistas. As que descortinam, no limite, o pesadelo da recessão geral, não obstante a realidade dos números apontar para uma prevalência do crescimento económico: moderado, nos EUA; ligeiro e em permanentes revisões em baixa, na zona Euro; atolado, no Japão; determinado, na ASEAN e, por contraste; vigoroso, na China.

No entanto, mesmo na República Popular da China, a economia de referência no que concerne aos patamares de crescimento do PIB, prevê-se que o crescimento da economia retroceda da vizinhança dos dois dígitos para, em 2006, uns saudáveis oito por cento.

Neste quadro, no culminar de uma década arrastada entre segmentos de contracção e distensão muito ligeiros, a singular Região Administrativa Especial de Macau aparece com crescimentos, pelo menos, surpreendentes: 14 por cento em 2003, 28 por cento no ano seguinte, em termos reais. E, embora recuando, estima-se que o ano de 2005, no fecho, consagre esta tendência atípica de crescimento económico. (Ver quadro).

Esta realidade dos números da RAEM não passou anónima, especialmente junto dos observadores da vizinha Região Administrativa Especial de Hong Kong e, mercê dos mais recentes investimentos de grupos de Las Vegas/Nevada, cotados em bolsa, junto dos analistas dos EUA. Fosse por relativo desconhecimento, por necessidades de adjectivação ou mera comodidade de diagnóstico, o crescimento excêntrico da RAEM entrou no rol dos 'milagres' que concentrou o olhar de políticos e economistas dos mais variados cantos do Globo.

José Duarte, economista, docente universitário radicado em Macau, rejeita "obviamente" a escapatória milagrosa, embora sublinhe que, com taxas de crescimento deste nível, "estar-se-á, incontornavelmente, muito para além do que se pode encarar como uma retoma normal após um normal período de contracção".

Rejeitando, igualmente, peritagem especial no sector dos casinos, Duarte entende como do "domínio do senso comum" atinar que a razão da retoma se encontra no desenvolvimento da indústria do Jogo. "O que apanhou quase toda a gente de surpresa foi a celeridade e intensidade da mudança proporcionada pela decisão estratégica de pôr termo ao regime de monopólio". (Ver quadro).

Por seu turno, Albano Martins, economista, gestor de um grupo privado de desenvolvimento imobiliário, prefere aceitar o "milagre", apenas, e apenas, "na medida em que o crescimento do PIB é atípico; porque é muito forte e porque há um salto executado a partir de uma acentuada recessão".

"Graças às receitas do Jogo, o PIB, que subira ligeiramente em 2000, contraíra em 2001, a partir de 2002, ascende espectacularmente", constata Martins, pelo que prefere "corrigir" a sua versão da mudança: "Milagre foi conseguir passar-se de uma economia sem luz ao fundo do túnel para uma economia em crescimento".

"Repare-se que o crescimento ainda seria maior se as exportações se tivessem aguentado. Desceram cerca de 30 por cento. Acrescente-se outro dado interessante que é o que resulta do crescimento mínimo das importações, que é a segunda maior componente negativa do PIB".

Segredo do sucesso

O exponencial crescimento das receitas brutas do Jogo - os operadores entregam aos cofres da Região 35 por cento a título de imposto especial e mais cinco por cento em contribuições sociais - não se justifica por uma qualquer tese de varinha de condão. No caso, a decisão de liberalizar o sector e transformar o monopólio histórico do magnata Stanley Ho em três concessões e duas subconcessões.

José Duarte assegura que foi a intervenção conjugada de um segundo factor, ou circunstância, que espoletou a nova re-

alidade. Até 2002, recorda, a economia percorria o trilho recessivo; a taxa de desemprego subia a níveis preocupantes, os preços deflacionavam, e, para ensombrar ainda mais o cenário sobreveio a ameaça da SRAS - Síndroma Repiratória Aguda Severa - que afectou especialmente a Região Administrativa Especial de Hong Kong e consequentemente os fluxos turísticos para Macau.

Foi neste cenário, com o objectivo de amortecer a crise, que o Governo Central decidiu, em meados de 2003, implementar a denominada política de concessão de vistos individuais, reiterada com a progressiva extensão geográfica, aos turistas do interior do País, até então constrangidos ao regime excursionista.

Albano Martins: "O crescimento do PIB é muito forte e há um salto executado a partir de uma acentuada recessão"

"O período da retoma coincide com o impacto simultâneo destes dois factores", confia José Duarte. Albano Martins afina pelo mesmo diapasão, e destaca a "procura adicional" criada pelo Acordo CEPA na sua componente de liberalização de visitantes.

Deve ter-se em conta que durante o período concreto da crise da SRAS a alínea exportação de serviços, incluindo casinos, caiu 14,6 por cento, mas, mesmo assim, o Jogo cresceu um por cento.

Seguiu-se, na expressão do economista José Duarte, a "explosão" de todos os indicadores. Desde logo aquele supracitado como o factor determinante, os visitantes do Continente chinês, que, num quantitativo global de 16 milhões, em 2004, atingiram os 57 por cento do total. Mas também, como se viu, o PIB, o FDI - investimento directo estrangeiro, e, de grande relevância na RAEM, a construção civil. Por outro lado, a acção conjugada da concorrência entre os operadores do Jogo e do *boom* da construção fez reverter a tendência do emprego, resultando numa redução da taxa de desemprego, estabilizada nos quatro por cento, e, de par, concretizou uma pressão ascendente dos salários. Entre 2003 e 2004, de dez por cento em média.

Nem tudo, porém, vem em rosa. Albano Martins alerta para a presença da inflação, "comandada pela subida do arrendamento", e para as consequências de alguma especulação no sector imobiliário. "A oportunidade de negócio é livre e nessa medida a especulação é justificável. O *boom* justifica-se quando há procura ...mas atenção que em Macau, não havendo bolsa de valores, há uma bolsa de...construção". De facto, no primeiro semestre de 2005, foram transaccionadas quase 20 mil fracções autónomas, o que consubstancia um acréscimo de cerca de 60 por cento face ao semestre homólogo de 2004.

Providência e providencial

Ambos os economistas, Duarte e Martins, estão de acordo na necessidade de acautelar o comportamento das principais variáveis do modelo económico da RAEM e perspectivar amortecedores ou alternativas. O primeiro enfatiza a "forte interdependência" entre os sectores do jogo, turismo e construção, na medida em que "há relações fortes nas performances de cada um destes", o segundo prefere uma perspectiva mais redutora: "se o jogo corre mal, corre tudo mal".

Mas tudo isto é insuficiente para esgotar a complexidade do modelo da pequena região administrativa especial da China. Recentemente, o Chefe do Executivo da RAEM, intervindo na sessão preparatória da Cimeira da OMC, reconhecia as fragili-

dades da Região. "Macau é uma economia pequena, com limitados recursos e capital humano e uma estrutura económica caracterizada pela sua vulnerabilidade face aos impactos exteriores, sejam eles positivos ou negativos". Como a RAEM bem experimentou durante a crise da pneumonia atípica.

Como tal, o modelo assente no núcleo duro do jogo, integra, também, as estratégias complementares de maior integração regional com a denominada zona do Grande Delta, em que se vislumbra um acesso crescente e alargado ao nível do comércio e serviços, uma vez que o Governo Central já aprovou, a partir de 1 de Janeiro de 2006, a total isenção de taxas sobre os produtos fabricados em Macau, a exploração das potencialidades da RAEM enquanto plataforma de ligação ao mundo lusófono, o estímulo às PME. Todos estes instrumentos providenciais para amortecer as assimetrias distributivas decorrentes da gradual expansão da fatia do Jogo no PIB da RAEM. Sem pôr em causa a natureza livre e concorrencial do modelo económico, aberto ao investimento do exterior.

E o maior e o melhor ainda está para vir. Na síntese de José Duarte, em termos de Jogo, Turismo e Construção, "Macau tem com que se entreter para uma década".

Percepção do modelo

Estabelecida que ficou a definição do jogo como o catalizador do crescimento no modelo económico da RAEM, convirá desmistificar o mais comum preconceito ou defeito com que os sectores menos esclarecidos abordam a actividade do jogo. Como se fora não mais do que uma actividade paralela, associada negativamente a problemas sociais, voltada para si própria.

Não é assim. O Jogo, no modelo previsto na liberalização firmada pelo Governo da Região em 2002, inspirado no sucesso de Las Vegas, merece, por si só, a designação de "indústria", ou, de forma mais generalizada, como um aspecto particular da indústria do Turismo. Porventura, a fórmula "cabeça do dragão", adoptada nos quadrantes públicos, explicita melhor o papel de ponta de lança que o Governo da RAEM atribui a este sector, no quadro da abertura ao investimento de operadores estrangeiros, designadamente, os oriundos da jurisdição testada do Nevada.

Sem prejuízo, refira-se, pois, que os casinos, doravante, no paulatino desenvolvimento do modelo, perfilar-se-ão como um dos aspectos de um sector que integra o segmento MICE (congressos e exposições), o entretenimento familiar, e outros; todos estes construídos e somados, no exemplo de Las Vegas, podem relegar as receitas puras do jogo para um quinto da receita global da indústria. Como esclareceu Jorge Oliveira, coordenador da comissão de regulação do Jogo.

José Duarte: em termos de Jogo, Turismo e Construção, "Macau tem com que se entreter para uma década"

Nem todos descortinam as possibilidades de reconversão dos casinos através da implementação do modelo liberalizado da RAEM ou altamente concorrencial de Las Vegas. Não deixa de ser, pelo menos, curioso, que o primeiro-ministro francês, Dominique de Villepin, tenha incluído, entre os dez sectores estratégicos que devem ser defendidos dos "predadores estrangeiros", o dos casinos.

Paulo Rego

O poder da multiplicação

Os ventos da concorrência catapultaram Stanley Ho para opções de futuro. Aos 83 anos de idade, aparentemente resistente, surpreendentemente visionário, multiplica o número de casinos de média gama (já vai em 16), lançando em simultâneo projectos de grande fôlego financeiro e arrojo arquitectónico.

Em Março de 2002, a Sociedade de Jogos de Macau (SJM) substituiu como concessionária de jogo a Sociedade de Turismo e Diversões de Macau, de quem herdou o saber feito nas teias do jogo local e o músculo financeiro de um monopólio que vinha de 1962. Contas feitas a 2004, a SJM gerou 80 por cento das receitas brutas do jogo: 32 mil milhões de patacas (USD 4 mil milhões). Estima-se que detenha 85 por cento do mercado a crédito e 65 por cento do chamado *mass market*. No primeiro caso, a SJM parece imbatível, cimentada a estratégia das salas de jogo

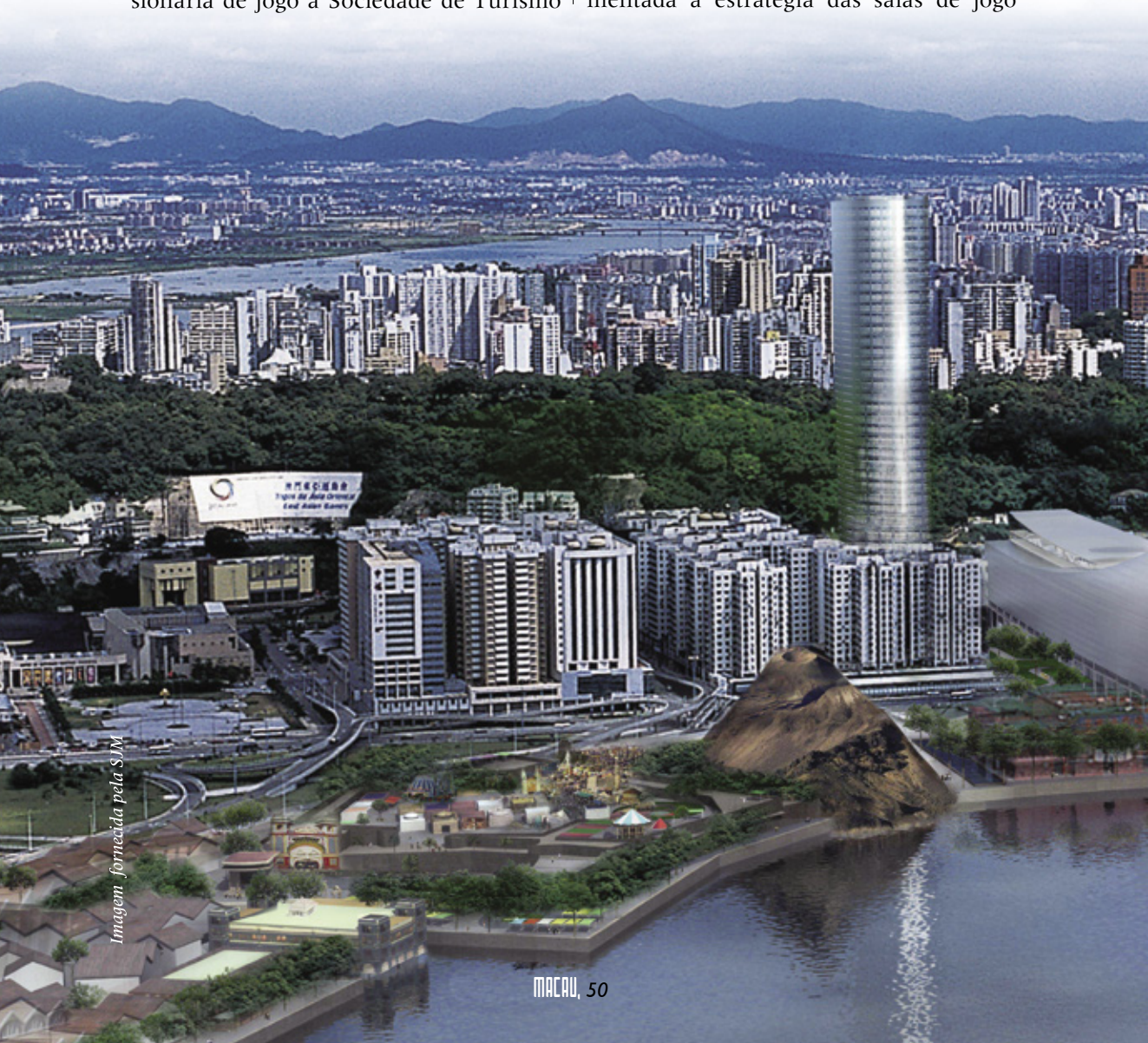


Imagem fornecida pela SJM

operadas por parceiros especializados na venda de fichas a crédito.

Só o *Oceanus* ultrapassa o investimento em infra-estruturas assumido no contrato de concessão (4,7 mil milhões de patacas). Esta visão futurista do arquitecto francês Paul Andreu custará 6,2 mil milhões de patacas (USD 775 milhões): 450 metros de comprimento, 68 de largura e altura variável, dos 50 aos 180 metros (na torre), vão rasgar a face da cidade e rebentar a escala do número de mesas de jogo e suites de luxo. A data da sua construção não está confirmada. Já a ser erguido, no centro da cidade, está o *Grand Lisboa*: 650 quartos em 44 andares, oito dos quais reservados ao jogo. Em fase final de acabamentos está já a Doca dos Pescadores (*Fishermans's Wharf*): 93 mil metros quadrados, 40 por cento dos quais reclamados à água, no Porto Exterior, para a construção de casinos, comércio a retalho, bares e restaurantes, recortados numa arquitectura *kitch*, que reproduz estilos asiáticos e europeus em miniatura. Para o outro lado da cidade, no Porto Interior, a SJM prepara outro parque temático, com casinos, no Cais 16. Entretanto, a Melco, empresa cotada na bolsa de Hong Kong e gerida pelo filho de Santley, Lawrence Ho, anunciou mais dois mega-projectos: o *Parque Hyatt*, de seis estrelas, na ilha da Taipa, e o *City of Dreams*, no Cotai, que entre outras sumptuosidades anuncia salas de jogo por baixo de gigantescos aquários habitados por golfinhos.

Sociedade de Jogos de Macau

Capital Social
SJM: 82%
Stanley Ho: 10%
(interesse económico pleno)
Ambrose So: 4%
Lou: 3%
Rui Cunha: 0,5%

Administrador Delegado
Stanley Ho
Presidente do C. A.
Cheng Yu Tong
Administrador
Ambrose So
Administrador
Loi Ng Chi Seng
Administrador
Rui Cunha
Advogado
Rui Cunha

"Oceanus", a visão do arquitecto francês Paul Andreu, obra emblemática dos novos empreendimentos da SJM

O capital de investimento da *Galaxy* provém da *K. Wah Construction Materials*, grupo de construção civil cotado na Bolsa de Hong Kong e que detém 97, 9 por cento da concessionária de jogo em Macau. A KWCA é controlada na sua quase totalidade pela família Lui, cujo patriarca é Lui Chen Woo, originário da província de Jiangmen e actual membro da Assembleia Popular Nacional, em Pequim, para além de ostentar inúmeros outros cargos honoríficos de carácter social e/ou de representação política no Sul da China. Outro nome importante nesta estrutura societária é o de Lim Kok-thay, líder da Genting, que recentemente adquiriu cerca de seis por cento da KWCA, movimento que é visto por analistas internacionais como uma segunda tentativa de entrar no mercado de jogo em Macau por parte deste grupo malaio, um dos derrotados na corrida à atribuição de licenças, em 2002.

Assinado o contrato de concessão com o Governo da RAEM, em Julho de 2002, a *Galaxy* avançou rapidamente com a edificação do seu primeiro casino: o *City Club – Waldo*, resulta da estratégia de adaptação

Do outro lado do Delta

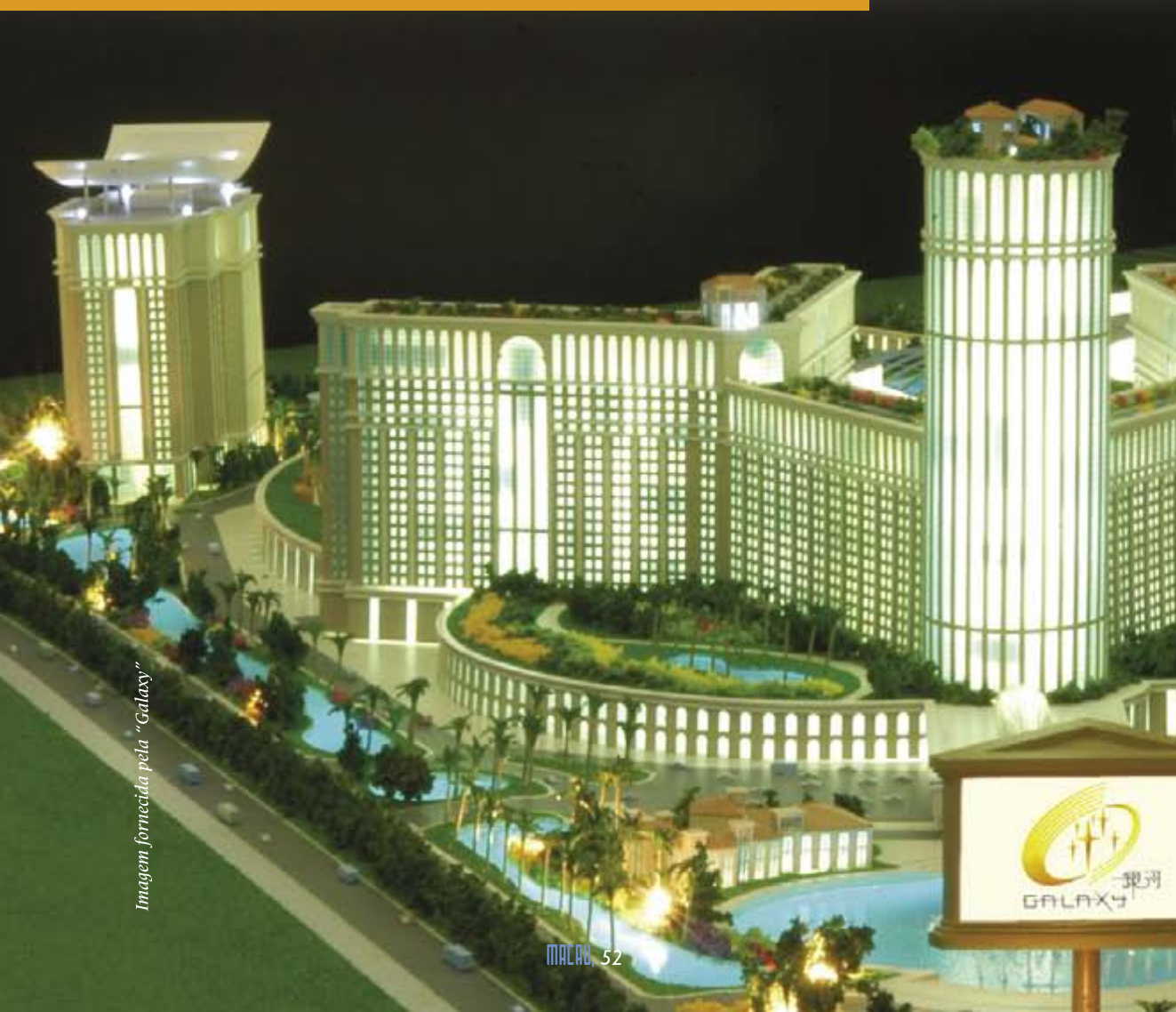


Imagem fornecida pela "Galaxy"

de um edifício pré-existente, na marginal de entrada da cidade, mesmo em frente ao *Sands*, da *Venetian*. Esta primeira aposta da *Galaxy* permitiu-lhe iniciar as operações em curto epsço de tempo, o que lhe rendeu, em 2004, cerca de três mil milhões de patacas em receitas brutas (USD 375 milhões). Os números demonstram ainda ser ser esta a única concessionária com capacidade de concorrer no mercado de venda de fichas a crédito, dominado pela SJM, no qual ainda assim conseguiu uma fatia que ronda 12 por cento. Resultados bem superiores ao que a *Galaxy* apresenta no mass market, não tendo aí alcançado mais do que cinco por cento das receitas brutas do jogo .

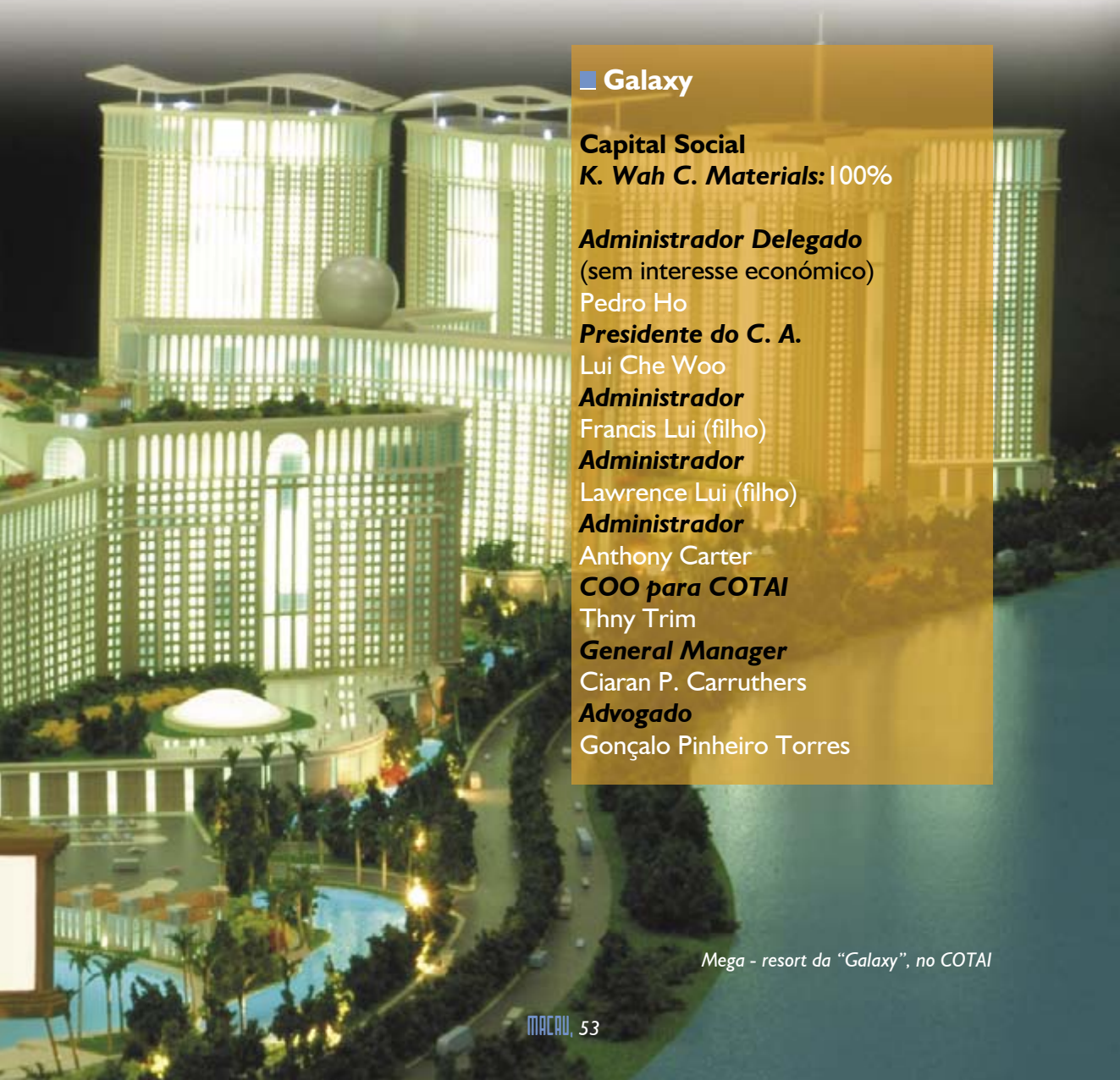
A *Galaxy* comprometeu-se por contrato a construir um *mega-resort* no COTAI, tendo entretanto já anunciado outros hotéis-casino: o *Star World* e o Hotel Rio. É obrigada, também por contrato, a investir cerca de 4,4 mil milhões de patacas (USD 550 milhões), mas ultrapassará largamente esses montantes, já a partir destes novos projectos que tem na calha.

P.R.

Galaxy

Capital Social
K. Wah C. Materials: 100%

Administrador Delegado
(sem interesse económico)
Pedro Ho
Presidente do C. A.
Lui Che Woo
Administrador
Francis Lui (filho)
Administrador
Lawrence Lui (filho)
Administrador
Anthony Carter
COO para COTAI
Thny Trim
General Manager
Ciaran P. Carruthers
Advogado
Gonçalo Pinheiro Torres



Mega - resort da "Galaxy", no COTAI

Rapidez e visão de jogo

Imagem fornecida pela "Venetian"

A "Venetian" foi a primeira a acreditar no COTAI, "strip" entre as ilhas da Taipa e Coloane

A *Venetian* promete marcar a diferença em Macau, dada a sua tradição de investimento em áreas de negócio complementares às do jogo, nomeadamente nas convenções e nas indústrias de entretenimento, áreas em que Sheldon Adelson se apresenta como uma espécie de "Midas" em Las Vegas. Inicialmente parceiro da *Galaxy*, acabou por se separar com a agilidade e a perspicácia que lhe permitiram agarrar a tempo uma subconcessão, assinada em Dezembro de 2002, através da qual se comprometeu a construir, no COTAI, um *mega-resort* e vários hotéis, circundados por canais de água, onde gôndolas e outras alegorias irão reproduzir a estética romântica de Veneza (na foto). Aí nascerá um centro de convenções com cerca de 100.000 metros quadrados, tendo

o Governo apostado na lógica de que a massa financeira do jogo é uma das armas que potencia a diversificação da economia local.
A operadora norte-americana começou por jogar rápido. O seu primeiro casino em Macau, o *Sands*, foi construído em tempo recorde e, em 2004, facturou cerca de 3 mil milhões de patacas (USD 375 milhões), tendo num ápice conquistado cerca de 30 por cento do *mass market*. A estratégia agora é jogar mais alto. Sheldon Adelson pretende evitar grandes volumes de investimento directo no COTAI, projecto para o qual prefere encontrar parceiros internacionais dispostos a erguerem hotéis de luxo em Macau. Entretanto, pediu já mais lotes de terreno destinados à expansão desse complexo turístico, tendo em simultâneo surpreendido tudo e todos com a aposta anunciada

Venetian

Capital Social
Las Vegas Sands: 90%
Jorge Neto Valente: 10%
(sem interesse económico)

Administrador Delegado
Jorge Neto Valente
Presidente do C. A.
Sheldon Adelson
Vice-presidente/Consultor Jurídico
Tom Smoke
Administrador
William Wydner
COO
Frank MacFadden
Responsável Operações de Jogo
Walter Powells
Advogado
Jorge Neto Valente

para a Ilha da Montanha, zona para a qual o Governo de Macau tem estado também a negociar ambições de crescimento geográfico. Já no município de Zhuhai, do outro lado da fronteira, não é permitido aí abrir casinos, mas a *Venetian* anunciou no passado mês de Outubro ter chegado a acordo para a construção de mais um mega-complexo de hotéis de luxo, onde nascerá outro centro convenções. A curta distância do COTAI, a *Venetian* torna-se assim na primeira operadora estrangeira na área do jogo a pôr um pé em cada lado da fronteira.

P.R.

Steve Wynn primeiro esperou para ver. Assinou o contrato de construção em Julho de 2002, mas só este ano deu início às obras de construção do seu primeiro casino em Macau. Entretanto, o valor por acção do grupo, na Bolsa de Nova Iorque, saltou de 104 patacas (USD 13) para cerca de 480 patacas (USD 60), o que multiplicou não só a sua capacidade de investimento como, consequentemente, o acesso ao crédito. Mais de 50 bancos foram já convidados a entrar, ou reforçar a sua posição, no sindicato bancário de 5,69 mil milhões de dólares de Hong Kong (USD 729 milhões), criado em Setembro de 2004 para financiar a actividade da Wynn-Macau, que, por sua vez, garante à banca uma contrapartida na ordem dos 50 milhões de USD – à taxa de 3.27 por cento.

O *Wynn Resort* (na foto) vai custar mais de oito mil milhões de patacas (USD mil milhões) e deverá estar pronto em meados de 2007. O processo de construção é considerado uma obra prima da engenharia moderna, tendo o edifício primeiro sido totalmente revestido em vidro amarelo espelhado, a uma velocidade estonteante, partindo-se agora para os acabamentos no interior, já com o ar condicionado em pleno

Ganhar em vários tabuleiros

Imagem fornecida pela "Wynn - Macau"

funcionamento. Assim se ganha tempo e dinheiro, anulando-se o risco da cedência dos materiais, nos casos em que o ar é climatizado depois de finalizada a obra. Entretanto, está já anunciado um segundo hotel-casino, no COTAI, em forma de torre.
Para fazer face à concorrência em terras do Oriente, Steve Wynn optou por aliar-se àquele que é considerado o grande "tubarão" do jogo no Japão: Kazou Okada, o homem forte do *pachinko* e do *pachi-slot*, que, demonstram os números oficiais, rendem mais que todos os casinos de Macau juntos. Mas nem só de casinos se faz o nome Wynn. A sua última aposta passa pela criação de marcas e patentes ligadas à sua imagem pessoal, na senda de outros multimilionários da era mediática, como Richard Branson ou Donald Tramp. O último grito dá pelo nome de *Wynn & Company*, uma multinacional no ramo da joalheria que abrirá lojas apenas em hotéis de cinco e seis estrelas. Ao jeito da *Tiffany & Co.*

P.R.

Wynn-Macau

Capital Social
Wynn Resort Ltd: 90%
Wong Chi Seng: 10%
(sem interesse económico)

Administrador Delegado
Wong Chi Seng
Presidente do C. A.
Steve Wynn
Administrador
Mark Schorr
CEO
Grant Bowie

Advogado
Alexandre Correia da Silva

O primeiro hotel/casino da Wynn deverá estar pronto em meados de 2007, tendo representado uma revolução no processo de construção em Macau

O último quer ser o primeiro

A *MGM Mirage* foi uma das que perdeu em 2002 a corrida à concessão de licenças de jogo. Mas quando em Junho deste ano o seu homem forte em Las Vegas, Terry Lanni, lançou em Macau a primeira pedra do primeiro hotel-casino da subconcessão comprada à SJM, por 1,6 mil milhões de patacas (USD 200 milhões), deixou um recado carregado de charme e optimismo: "A melhor coisa que nos aconteceu foi ter perdido esse concurso. Prefiro ter aqui 50 por cento de uma subconcessionária, em parceria com a família Ho, do que 100 por cento de um negócio sozinho. A *MGM Grand Paradise* nasce assim em Macau como uma *joint-venture* com duas das filhas de Stanley Ho, Pansy e Daisy. Foi a última a posicionar-se no mercado local do jogo, após a sua liberalização. E muito pouco tempo depois da escritura de constituição da sociedade lançou a todo o gás a construção do seu primeiro hotel-casino (na foto): 600 quartos; 300 mesas de jogo, metade das quais para jogadores VIP; 1000 slots; e um custo estimado em 7,8 mil milhões de patacas (USD 875 milhões). Este projecto, cuja conclusão está anunciada para meados de 2007, juntou arquitectos norte-americanos e de Hong Kong ao residente Eddie Wong, combinando um corpo largo a 460 pés de altura, com vidros espelhados em tons dourados

Imagem fornecida pela MGM Grand Paradise

A estratégia da "MGM Grand Paradise" passa por disputar a visibilidade na face da cidade para o Porto Exterior

e um desenho a fazer lembrar as ondas oceânicas. Claramente, uma estrutura concebida para disputar a visibilidade na frente aquática da *strip* na marginal dos Novos Aterros do Porto Exterior, do *jet foil* até ao Hotel Lisboa.

No dia do início da construção deste projecto foi anunciado um segundo hotel-casino, embora com desenho e localização ainda em estudo. O COTAI, entre as ilhas da Taipa e Coloane, parece ser a probabilidade mais forte. Depois da Melco e do *City of Dreams*, a *Venetian*, a primeira a acreditar naquele espaço, parece assim condenada a ter companhia na zona. Até porque ali "é mais fácil encontrar terrenos com área suficiente que permitam uma construção não só em altura mas também em extensão", comentou Terry Lanni a propósito do próximo projecto que a *MGM Grand Paradise* tem já na calha.

P.R.

MGM Grand Paradise

Capital Social
MGM Mirage: 50%
Pansy Ho: 50%

Administrador Delegado
Pansy Catilina Chiu King Ho
Presidente do C. A.
Joseph Terry Lanny
Administrador
Garry Neil Jacobs
Administrador
Kenneth Rosevear
Advogado/secretário da Sociedade
António José Menano

Macau no caminho das empresas portuguesas

Os números comprovam o sucesso: mais de 80.000 visitantes e a concretização de 35 projectos comerciais ao longo dos quatro dias em que decorreu a X Feira Internacional de Macau (FIM), realizada no Centro de Convenções da Torre de Macau, entre os dias 20 e 23 de Outubro. Sob o mote "Promoção da Cooperação Regional e Desenvolvimento da Economia Diversificada", 110 delegações, provenientes de 36 países ou regiões, usaram a FIM como montra. Afinal, ver e ser visto era o objectivo.

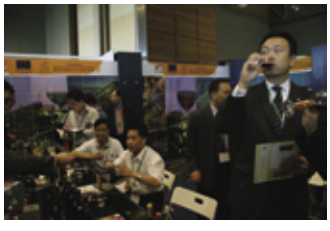
Organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), com a co-organização de várias entidades locais e regionais, o evento destacou-se também pela maior

Fotos: ICEP-Macau

participação de sempre de empresas portuguesas na FIM. Reflectindo o actual interesse da China pela Lusofonia, os restantes países de expressão portuguesa ocuparam a área exterior dedicada às exposições: Brasil, Cabo Verde, Timor-Leste, Guiné-Bissau, Moçambique e Angola distribuiram-se por um total de 40 stands representativos de 25 empresas e organismos de promoção.

Portugal apresentou-se com 30 empresas, incluindo os sectores agro-alimentar, têxteis e confecções, novas tecnologias, mobiliário, materiais de construção e produtos farmacêuticos. Contudo, as empresas dedicadas à produção e distribuição de vinhos foram as que suscitaram maior interesse junto dos visitantes.

O delegado do ICEP em Macau, Manuel Geraldes mostra o pavilhão de Portugal ao Chefe do Executivo e ao Cônsul Geral de Portugal



José Eduardo Lopes, presidente das Caves de Santa Marta, situadas na região demarcada mais antiga do mundo, o Douro, considera "o mercado asiático cada vez mais aliciante." Depois de Macau, a delegação duriense continuaria o périplo até Cantão, capital da província de Guangdong, e a Xangai, capital económica da China.

Manuel Geraldes, delegado do Instituto das Empresas para os Mercados Externos (ICEP) na Região Administrativa Especial de Macau, reiterou o sentido das intenções dos empresários portugueses: "Macau por si só é um mercado algo limitado para os exportadores portugueses. Mas através do turismo, especialmente do que provém da China Continental, funciona como uma montra de produtos que poderão depois ser exportados para a República Popular da China". A Feira Internacional de Macau, já com 10 edições, "ganhou um importante estatuto de bolsa de contactos e de negócios. Oportunidade, essa, que deve ser aproveitada pelos empresários portugueses", alertou Manuel Geraldes.

De facto, grande parte das exportações portuguesas para Macau e Hong Kong aumentaram 11 por cento no primeiro semestre deste ano, sendo que 20 por cento dessas vendas reportam-se a equipamentos eléctricos e cinco por cento aos vinhos.

Os empresários portugueses procuram orientar-se para lá das retomas sempre adiadas.

A porta sempre aberta

Narana Coissoró foi um dos visitantes atentos da X FIM. Na qualidade de investigador chefe do Instituto do Oriente (I.O.) da Universidade Técnica de Lisboa, o académico deslocou-se a Macau a propósito de um projecto que o I.O. desenvolve: "Macau como placa giratória das relações económicas da China com os países lusófonos".

"Viemos falar com os empresários portugueses, os representantes políticos na RAEM e também com o senhor Chefe do Executivo, Dr. Edmund Ho. Havemos de ir também a África e aos restantes países lusófonos. O projecto termina daqui a três anos e contamos apresentá-lo em Macau", revelou.

Narana Coissoró estuda Macau como plataforma

Neste sentido, Narana Coissoró nota que Macau mais não faz do que aproveitar, e deixar que aproveitem, as muitas especificidades que detém. "Não é de estranhar que Macau tenha servido como porta, quer para a China, quer para os países lusófonos, já que tradicionalmente a cidade está ligada à lusofonia", explica, garantindo que o interesse é recíproco.

Por parte da China, a adesão à Organização Mundial do Comércio acelerou o processo da elevação do gigante asiático a potência mundial. Das implicações desse processo fazem parte as relações com os países lusófonos.

Angola, afirma Narana Coissoró, é o exemplo mais evidente dessas relações. O ouro negro angolano é tão precioso para a indústria chinesa como a capacidade construtora dos asiáticos para o desenvolvimento angolano.

"Apesar de a China ter sido a grande potência a ajudar Angola e Moçambique a conquistarem a independência, não dormiu à sombra dos seus feitos passados e renova constantemente os seus laços. A grande política da China é estar presente, adaptar-se às novas realidades, neste caso à globalização."

Rita Santos acompanhou os governantes africanos

Relativamente a Portugal, acredita que o país tem um papel fundamental a desempenhar. "Se Macau é a placa giratória na China, Portugal é a placa giratória na Europa. A China tem outros canais, mas Portugal é um dos acessos da China à União Europeia". Além disso, continua, "Portugal tem relações privilegiadas com os PALOP."

Todavia, considera ainda que o actual momento de crise que Portugal atravessa, "cada vez mais grave", lamenta Narana Coissoró, faz com que a prioridade seja "ultrapassar os problemas internos." Depois, "quando levantarmos economicamente a cabeça, cá estaremos para dar um abraço a Macau e à China. Como antigamente", vaticina.

World Trade Center Macau

Macau Voluntary Arbitration Center

WTC

Conciliation and arbitration before litigation.

World Trade Center Macau Co. Ltd.
Av. da Amizade Nº 918
World Trade Center Building, 16th Floor
Tel: (853) 727666 - Fax: (853) 727633

Yuan revalorizado

Numa medida histórica a China revalorizou o yuan em 2 pontos percentuais, no passado mês de Julho, fixando uma nova taxa de câmbio de 8,11 dólares americanos. A moeda chinesa, fixada desde 1997 ao câmbio de 8,3 por um dólar, foi indexada a um cabaz monetário, tornando-a mais flexível. Se em Macau os efeitos foram mínimos, as principais economias, dos Estados Unidos, Japão ou União Europeia saíram beneficiadas, eliminando a vantagem competitiva do anterior valor do yuan, considerado demasiado baixo.

Acordo têxtil sino-europeu

A União Europeia e as autoridades chinesas chegaram a acordo, em Setembro passado, quanto às quotas de exportação de têxteis chineses para o mercado europeu. A medida veio possibilitar importações de têxteis chineses no valor de centenas de milhar de dólares que tinham sido bloqueados nas alfândegas do espaço comunitário desde o princípio do ano. Em Macau a medida teve um forte impacto no índice de exportações que caiu para 50 por cento dos valores anuais.

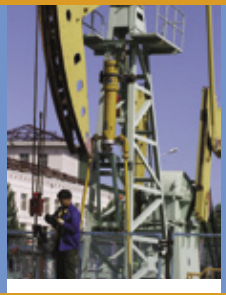
Novo casino Estoril-Sol em Fevereiro

O Grupo Estoril-Sol, detido pelo empresário Stanley Ho, principal operador da indústria do jogo em Macau, prevê inaugurar o novo Casino-Lisboa em finais de Fevereiro de 2007, em pleno Parque das Nações, em Lisboa. Equipado com tecnologia de última geração, integrada numa arquitectura depurada e contando com uma atmosfera vanguardista, o complexo propõe assumir-se como um vértice do entretenimento em Portugal.

Visitantes em crescimento

A RAEM recebeu 13,7 milhões de visitantes nos primeiros nove meses deste ano e mais de metade dos 7,6 milhões de turistas oriundos do continente chinês já viajam com visto individual. De acordo com as estatísticas relativas ao movimento visitantes, até ao final do terceiro trimestre tinham entrado em Macau 13.774.455 visitantes, mais 13 por cento do que no mesmo período de 2004. Em 2004 Macau registou um recorde de 16,7 milhões de visitantes, com uma subida de cerca de 40 por cento face a 2003.

PIB chinês em alta



O Produto Interno Bruto da China cresceu 9,4 por cento nos primeiros nove meses de 2005 face a igual período do ano passado. Embora com um aumento ligeiramente inferior ao registado no primeiro semestre do ano (9,5 por cento), o PIB continua a mostrar um crescimento sustentado, assente sobretudo nos investimentos em capital fixo, que aumentaram 26,1 por cento desde Janeiro na variação anual

Voos entre Brasil e China

A companhia aérea Varig vai iniciar voos para a China, na sequência de um acordo de partilha de voos com a Air China. Trata-se da primeira empresa aérea brasileira a oferecer voos regulares em partilha entre as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Pequim, com escala na Alemanha. A nova ligação aérea irá proporcionar a ampliação das relações comerciais entre os dois países e será um marco para a entrada de turistas chineses no Brasil, afirmou o vice-presidente comercial da Varig, Marcelo Bottini. No ano passado, os governos dos dois países assinaram um protocolo que tornou o Brasil num dos destinos recomendados aos cidadãos chineses.

Jovens portugueses em Xangai

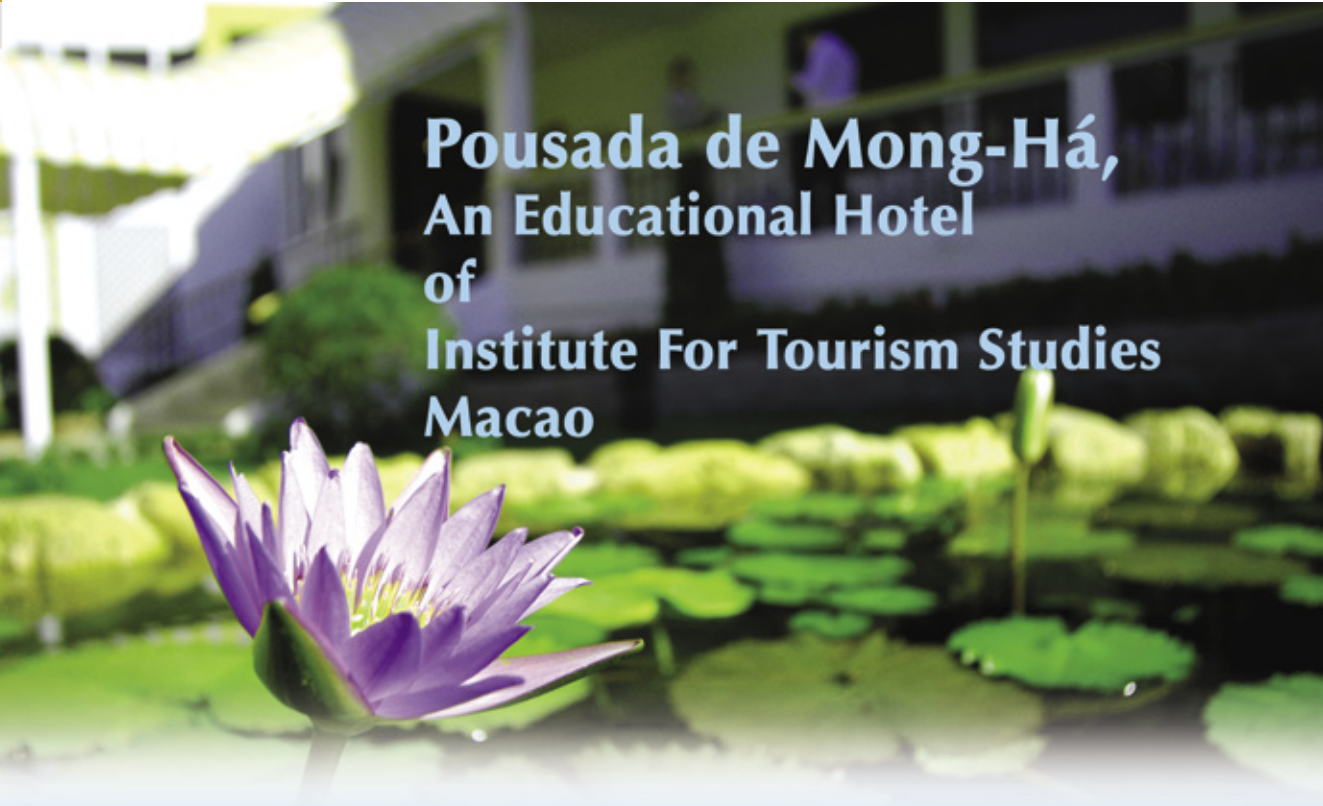
Visando um maior conhecimento e sensibilização do mercado da grande China pela juventude portuguesa, Xangai, capital económica da China acolhe em Fevereiro de 2006 perto de 50 estagiários no âmbito do programa "INOV Contacto". Trata-se de um projecto do Ministério da Economia que viabiliza um número de estágios a jovens quadros em cinco cidades estrangeiras de reconhecida pujança económica – São Francisco, Austin, São Paulo e Helsínquia para além de Xangai, os estagiários desempenharão funções em empresas europeias.

Promoção do Comércio na Ásia

Macau organiza em Fevereiro de 2006 a 19ª edição do Fórum para a Promoção do Comércio na Ásia. Entre os dias 23 e 24 de Fevereiro de 2006 vão estar na Região Administrativa Especial de Macau dirigentes políticos e comerciantes oriundos de 21 países para discutirem a Cooperação e o Desenvolvimento da Economia e do Comércio nas regiões da Ásia e do Pacifico. Para Takezo Yanagida, director-geral do departamento de Comércio e Economia a da organização japonesa do Comércio com o exterior, o Fórum vai "reforçar o papel de Macau nas regiões da Ásia e do Pacífico alargando desta forma a esfera da actividade económica e comercial com benefícios para a diversificação da cooperação".

China conta dez bilionários

O número de bilionários da República Popular da China subiu de três para dez, de acordo com a lista publicada na edição asiática da revista financeira *Forbes*. As 100 pessoas mais ricas da China detêm uma fortuna de USD 41 mil milhões de dólares. A fortuna média dos 100 mais ricos da China foi de 29 mil milhões de dólares, em 2004, valor atribuído ao "forte crescimento económico e ao enorme apetite dos investidores estrangeiros". Subiram os índices da confiança internacional em injectar fundos em empresas chinesas.



Pousada de Mong-Há,
An Educational Hotel of Institute For Tourism Studies Macao

Back to ordinary things in life...

望廈賓館

旅 遊 學 院
INSTITUTO DE FORMAÇÃO TURÍSTICA
Institute For Tourism Studies

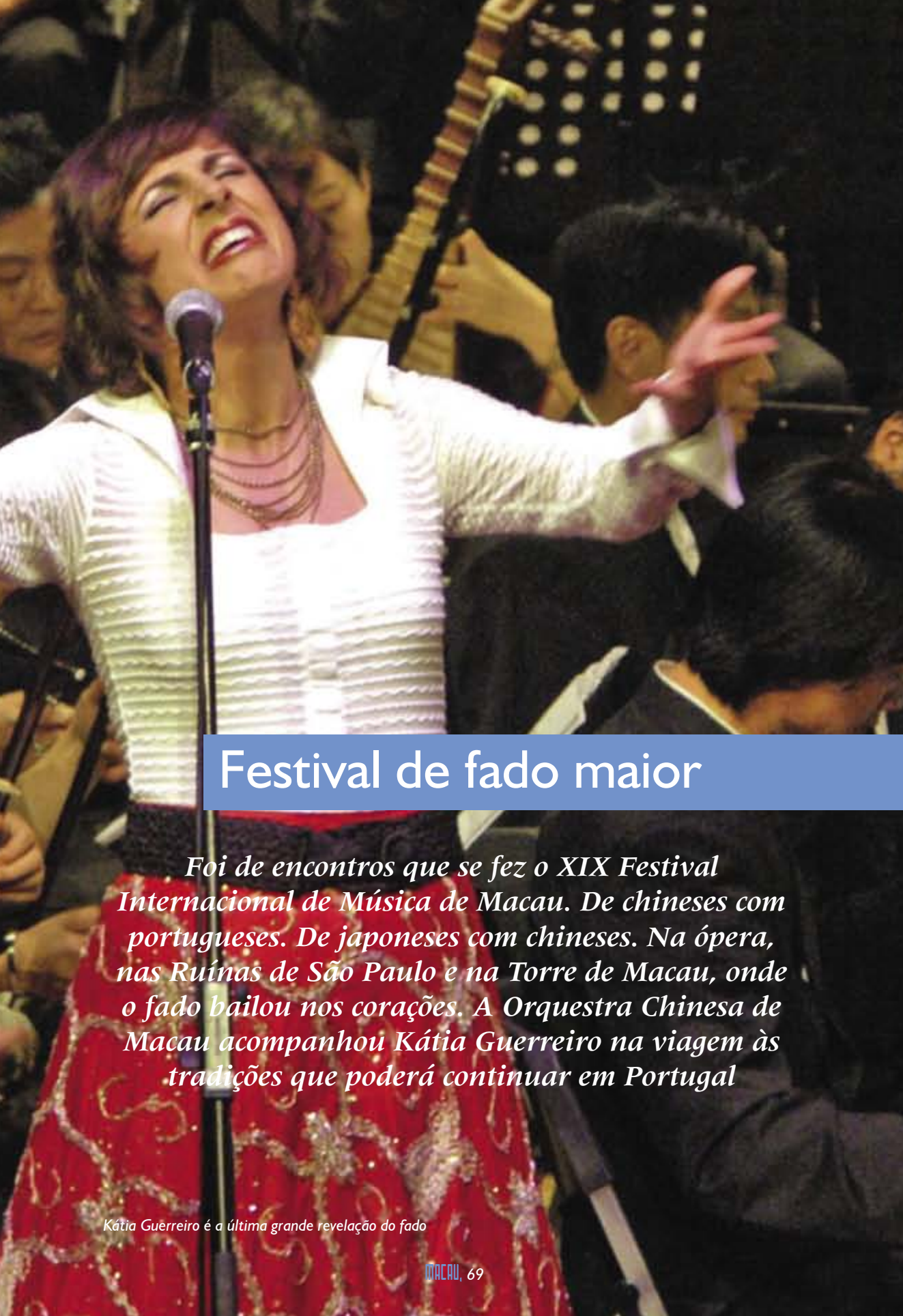
Colina de Mong-Há, Macau, China
Tel: (853) 515 222 Fax: (853) 556 925
iftpmh@ift.edu.mo
http://www.ift.edu.mo/pousada

Música

Patrícia Lemos

XIX FESTIVAL DE MÚSICA DE MACAU

Fotos: Instituto Cultural



Festival de fado maior

Foi de encontros que se fez o XIX Festival Internacional de Música de Macau. De chineses com portugueses. De japoneses com chineses. Na ópera, nas Ruínas de São Paulo e na Torre de Macau, onde o fado bailou nos corações. A Orquestra Chinesa de Macau acompanhou Kátia Guerreiro na viagem às tradições que poderá continuar em Portugal

Kátia Guerreiro é a última grande revelação do fado

Há mais de cem anos em Nagasaki se fez o tempo e o espaço de "Madame Butterfly". Um universo nascido da verve de Puccini, na Itália do século XIX, que o encenador japonês Yasushiko Aguni reinventou há 20 anos. Para o seu discípulo, Shigetaka Matsumoto, que repôs em cena esta produção da Ópera Fujiwara, a estreia internacional em Macau, no dia 7 de Outubro, "foi um destino natural", porque nas Ruínas de São Paulo se encontrou com a sua cultura; porque no palco sentiu a empatia entre cantores americanos, japoneses e chineses. Assim se abriu o apetite para aquela que viria a ser uma das melhores edições do Festival Internacional de Música de Macau (FIMM) dos últimos cinco anos. A maratona só terminou no dia 6 de Novembro.

A provar que este era um festival de estrelas esteve também o inigualável Ivo Pogorelich, que se demorava ao piano, pesando cada nota na sua técnica impressionante. Mais animado foi o recital de guitarra e voz de Julie Nesrallah e Daniel Bolshoy. Um belo casamento entre a música clássica e o folk na Igreja de São Domingos. A cantora estreou-se com um texto do poeta brasileiro Vinícius de Moraes, o que a fez sentir-se "mais próxima do público português".

Mais guitarras se ouviram no festival. A família de virtuosos "The Romeros" montou a sua "fiesta espanhola" no renovado Teatro Dom Pedro V, em mais um namoro entre clássica e tradição. Uma redundância de programas que deve ter feito de Manuel Falla o compositor mais tocado

West Side Story: um dos pontos altos do festival

este festival, pois até "Empire Brass", o ensemble que deu por finda a temporada de espectáculos, soprou sons deste autor nos metais americanos.

Para a história do festival fica sem dúvida o concerto do Quarteto de Cordas "Borodin", um grupo apadrinhado pelo mítico Shostakovich. A mestria das cordas russas encantou o público. Não era a primeira vez que deixava um rasto de satisfação em Macau, mas o Instituto Cultural previu o interesse e reservou duas noites de actuação, agraciando a estreia do renovado Teatro Dom Pedro V.

Quem não faltou ao debute dos novos tons vermelhos do teatro foi o Cônsul Geral de Portugal, Pedro Moitinho de Almeida que, confessando não ser muito versado em música clássica, deixou-se deslumbrar pela alma russa e pela nova face do Dom Pedro V. "Está lindíssimo!", elogiava no intervalo do concerto, enquanto passava os olhos pelo imaginário macaense.

Panóplia de estilos

Se o teatro macaense foi brindado com música clássica, as Ruínas de São Paulo acolheram a alma latina do festival. A grande diva cubana que conquistou o realizador Wim Wenders, em Buena Vista Social Club, fez desfilar jazz e baladas latinas. Como Besa Me Much. Omara Portuondo, cantou também em português uma letra de Carlinhos Brown e o hino chinês dos anos 30: "A Lua Representa o meu Coração". Ficou a sonhar por mais e, no final do espectáculo, exclamava:

"Quero voltar! Fiquei muito satisfeita com este espectáculo", que primou sobretudo pelo malabarismo de Papi Oviedo à guitarra três.

Ao mesmo palco subiu Rodrigo Leão. Na fachada de todos os encontros projectou "Cinema", um disco multicultural pelas vozes que nele convivem. Já cá tinha estado com os "Madredeus" e os "Sétima Legião". Nessas idas e vindas foram aumentando as saudades: "Ainda guardo uma pipa que aqui comprei de recordação há alguns anos", lembrou antes de despertar emoções na escadaria das Ruínas.

A festa prolongou-se na noite seguinte junto ao Rio das Pérolas, onde a formosa acordeonista Celina da Piedade deu um "concerto" fora de horas que deixou os portugueses, feitos amigos, de alma cheia.

Já tinha dado a provar a sua simpatia no *workshop* na Escola Portuguesa de Macau (EPM). Rodrigo Leão dispôs-se a ofereceurum *show-case* e a escola retribuiu com uma sessão animada ainda pela exibição de um dos alunos ao violino de Viviena Toupikova, que acompanhou Rodrigo na digressão. Melhor ainda correu a oficina de Kátia Guerreiro. No final, os alunos da Escola Portuguesa de Macau já tratavam o fado por tu. Para Kátia, "foi uma experiência extraordinária ter a oportunidade de falar sobre o fado num sítio tão distante de Portugal".

Junto dos seus músicos, de onde se destacava o guitarrista João Veiga, companhia de outros tempos de Amália Rodrigues e Alfredo Marceneiro, cantou com a "Orquestra Chinesa de Macau". Foi o reacen-

Rodrigo Leão

Madama Buterfly

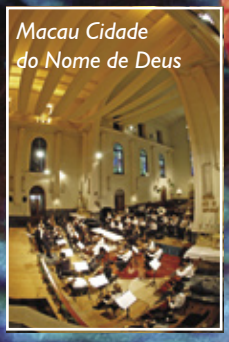
der da velha chama. Dois anos depois do guitarrista Pedro Jóia, Kátia reatou uma ligação cultural entre portugueses e chineses, semente antiga deixada por outros artistas como Rao Kyao ou António Ferro. "Uma honra" que a encheu do espírito de "missão" de levar a formação de Macau "numa grande digressão" a Portugal. Tudo fará, prometeu, para cumprir esse desígnio, que é também o sonho de Pang Ka Pang. O maestro não só conduziu com brio a sua trupe de músicos no tear de sons tradicionais que Kátia pintou com o fado, ainda que a falta de ensaios toldasse o encontro, mas também pela forma como liderou a homenagem a Teresa Deng, outro espectáculo popular do FIMM.

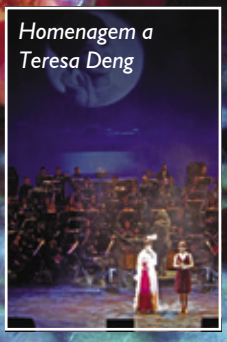
No capítulo dos concertos chineses, as "Oriental Angels" cruzaram tradição e *pop* num fundo polvilhado de *playbacks*. Já o espectáculo da Orquestra de Macau, na grande homenagem ao compositor de Macau Xian Xinghai, desenhou sorrisos de especial satisfação por parte da comunidade chinesa.

Mais contemporâneo, o festival ganhou ainda pelo conceito do espectáculo "Cidade do Nome de Deus de Macau". A compositora da RAEM que reside em Nova Iorque, Lam Bun Ching, e o americano que trocou os Estados Unidos pela China, Eli Mashall, criaram duas peças inspiradas em Macau. Mas a Saudade de Macau II, de Lam, terá sido menos elaborada que a composição de Marshall, cantada na Igreja da Sé por Warren Mok. Até o director artístico do FIMM, que este ano preferiu o concerto à ópera, quebrou uma velha tradição.

Oriental Angels

Empire Brass


Macau Cidade do Nome de Deus


Homenagem a Teresa Deng

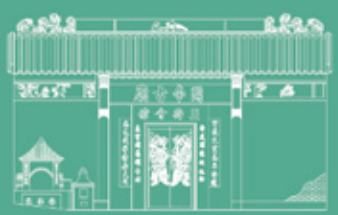
Orquestra de Câmara de Lausanne

"The Historic Centre of Macau"
a proud addition
to UNESCO's World Heritage List

Come and experience Macau's living cultural heritage

MACAU

PATRIMÓNIO MUNDIAL
WORLD HERITAGE
澳門 世界遺產



MACAU GOVERNMENT TOURIST OFFICE

www.macautourism.gov.mo

澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

www.macauheritage.net

Patrícia Lemos

É a passear a pé que se descortina Macau. Nos pátios, túneis, nas lajes de granito desvenda-se o mundo chinês. Na calçada, nas faces das igrejas e nos quintais das casas macaenses inscreve-se o universo português. Em périplo pela cidade encontra-se a razão de ser do Centro Histórico: Património Mundial da UNESCO

Passo a passo, pelas ruas da história

Foto: Carmo Correia

Fotos: Instituto Cultural

Templo de A-Má, erguido há cinco séculos pela comunidade chinesa

Embalados pelas ondas do Delta do Rio das Pérolas, com mais leito por onde correr para os mares do Sul da China, os chineses ergueram há mais de cinco séculos o Templo de A-Má. É a pedra de toque do percurso que em Julho de 2005 a UNESCO elevou a Património Cultural da Humanidade. Ali, onde um dia os portugueses, segundo a tradição, a salvo de uma tempestade, encontraram o nome para esta terra abençoada, começa a história da cidade antiga. Num longo passeio pelas memórias, o historiador Jorge Cavalheiro lembra o passado que não volta e um presente que Macau deu ao mundo: a sua multiculturalidade.

O Sol monta a brasa na calçada portuguesa que banha o Templo de A-Má. Jorge Cavalheiro lança o olhar sobre o monumento que parece ter brotado dos rochedos da encosta da Colina da Barra. Agrada-lhe a harmonia entre a obra humana e a Natureza. No pequeno lanço de degraus do templo entram e saem os passos apressados dos turistas. Muitos turistas chineses, que em Macau espreitam do buraco

da fechadura o mundo ocidental, ainda hoje pedem sorte e saúde à deusa A-Má. O historiador português, que há muitos anos fez desta região sua morada, acredita que ali estão "os inícios de Macau".

Durante vários séculos, pescadores festejaram as alegrias e carpiram desaires da faina do mar naquele espaço sagrado. "Aqui passavam as mulheres e os homens com os seus chapéus de bambu de abas muito largas. Vestidas com calças pretas e uma espécie de cabaias, elas andavam descalças e com as crianças num suporte às costas. Mais do que simplesmente turistas, eram verdadeiros crentes".

Era ali, junto ao templo, que os juncos dormitavam depois de horas a fio na pesca. Professor na Universidade de Macau, Jorge Cavalheiro defende uma herança histórica que não sorri à calçada portuguesa, hoje morada de um quiosque de pintura ainda fresca, decorado como manda a tradição europeia, onde reluz a bugiganga turística.

A Barra do templo dos chineses

Onde hoje se encontra uma mescla de motivos do Oriente e Ocidente, o mundo antigo era profundamente chinês. Nada disso existia, "era tudo mar", esclarece o historiador, lançando o braço no ar que cobre o horizonte que encara o templo.

No tempo que se contava pela Lua, as festas do Ano Novo Chinês eram "um ritual de retorno aos tempos míticos da origem, da pureza; aos tempos sagrados em que os homens, com forte formação moral, eram solidários". Em resposta ao apelo do re-

começo de uma nova vida, os pescadores ali rumavam, "agradecendo as bênçãos do ano anterior, pedindo também a boa sorte para o ano que começava".

Os vendilhões eram outros habitués. Eram muitos, acentua. Os negociantes saltimbancos renovavam as suas vendas de acordo com a estação do ano. No Verão, o fufá, espécie de taufu mole em calda doce; e a gelatina preta, feita a partir de uma erva escura e servida com um molho doce, davam sempre boas contas ao fim do dia.

Conta o historiador que os vendedores ambulantes se concentravam em vários pontos da cidade, compondo uma feira gastronómica volante. Negociantes de espírito nómada que foram gradualmente desaparecendo. "As transformações económicas de Macau e o desinteresse dos jovens pela ocupação" fizeram definhar a prevalência desta actividade, sobretudo nos anos 70 e 80. Mais recentemente, "por questões higiénicas", o governo proibiu o negócio. A Jorge Cavalheiro bate a saudade do colorido e da animação, que "são parte do património de Macau e integram a memória colectiva de uma geração". Imagina "uma zona pedonal e tradicional com este ambiente recriado de acordo com as condições higiénicas recomendáveis".

Já na Calçada da Barra, numa verdadeira gincana pelo passeio, contornando as árvores e evitando os carros, impõe-se aquele edifício de toque arabesco: o Quartel dos Mouros, segundo estandarte do Centro Histórico de Macau. "Tem uma messe e parece que serve bons pratos", recomenda Cavalheiro. Fica bem próximo da Casa do Mandarim, ainda a ser recuperada. Este edifício chinês foi morada de Zheng Guanying, escritor que inspirou muitas das ideias de Sun Yat-Sen e Mao Tse Tung. Sobre a Casa do Mandarim ainda há-de cair o véu. Por ora, restanos aquele cume tradicional, podendo ainda seguir-se as linhas chinesas num ou noutro intervalo do tapume.

Até desaguar no Largo do Lilau, os pés dividem-se entre o asfalto e o passeio, tão estreito que as raízes das árvores se encavalitam na superfície em busca de liberdade. Já no alto, a clareira do Largo do Lilau, espaço das histórias macaenses, acolhe a nascente que noivou tantos portugueses. O povo sabe que quem daquela água beber jamais esquecerá Macau.

Fotos: Instituto Cultural

De cima para baixo:
Largo do Lilau; Quartel dos Mouros e Teatro D. Pedro V

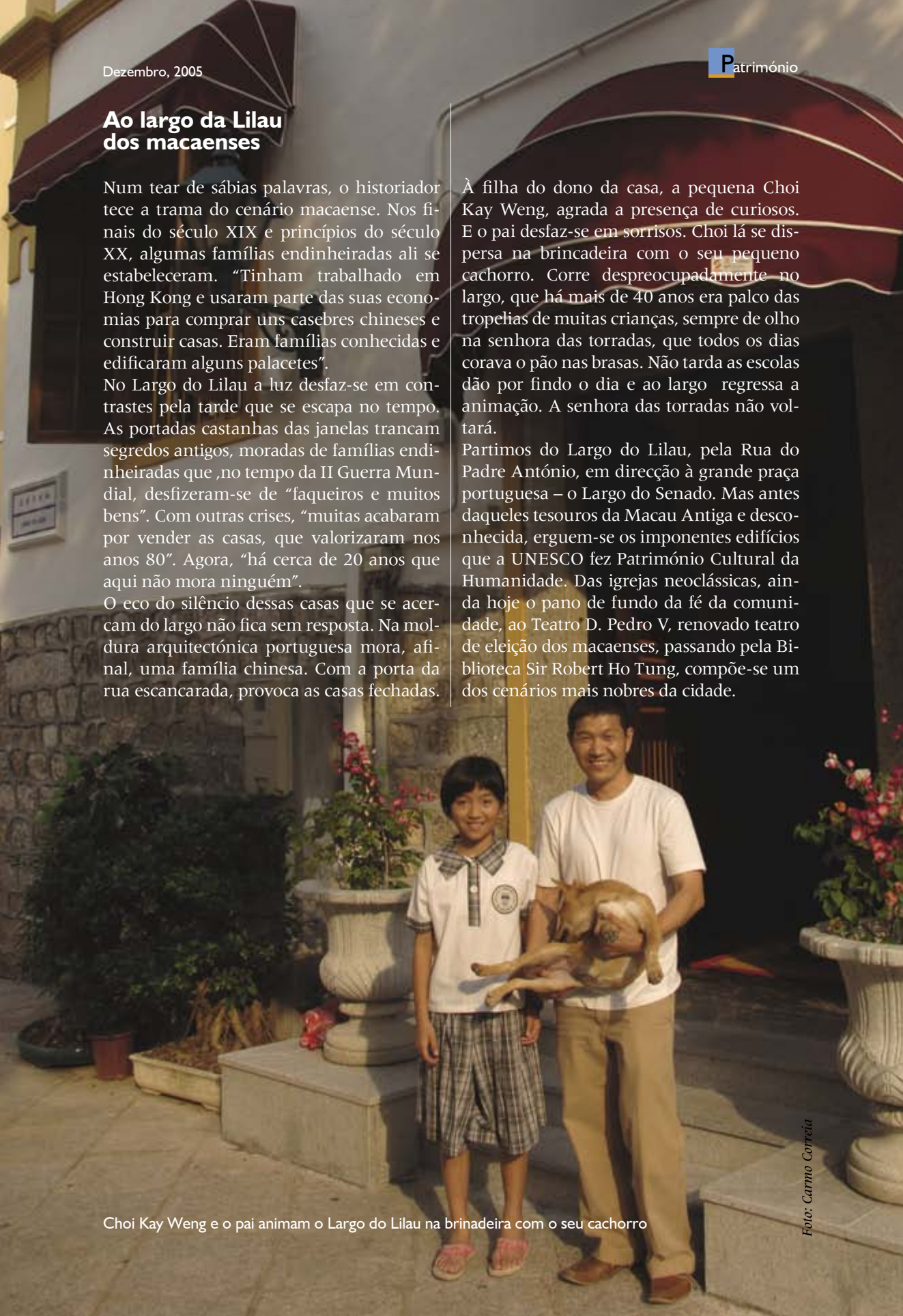
Ao largo da Lilau dos macaenses

Num tear de sábias palavras, o historiador tece a trama do cenário macaense. Nos finais do século XIX e princípios do século XX, algumas famílias endinheiradas ali se estabeleceram. "Tinham trabalhado em Hong Kong e usaram parte das suas economias para comprar uns casebres chineses e construir casas. Eram famílias conhecidas e edificaram alguns palacetes".

No Largo do Lilau a luz desfaz-se em contrastes pela tarde que se escapa no tempo. As portadas castanhas das janelas trancam segredos antigos, moradas de famílias endinheiradas que ,no tempo da II Guerra Mundial, desfizeram-se de "faqueiros e muitos bens". Com outras crises, "muitas acabaram por vender as casas, que valorizaram nos anos 80". Agora, "há cerca de 20 anos que aqui não mora ninguém".

O eco do silêncio dessas casas que se acercam do largo não fica sem resposta. Na moldura arquitectónica portuguesa mora, afinal, uma família chinesa. Com a porta da rua escancarada, provoca as casas fechadas. À filha do dono da casa, a pequena Choi Kay Weng, agrada a presença de curiosos. E o pai desfaz-se em sorrisos. Choi lá se dispersa na brincadeira com o seu pequeno cachorro. Corre despreocupadamente no largo, que há mais de 40 anos era palco das tropelias de muitas crianças, sempre de olho na senhora das torradas, que todos os dias corava o pão nas brasas. Não tarda as escolas dão por findo o dia e ao largo regressa a animação. A senhora das torradas não voltará.

Partimos do Largo do Lilau, pela Rua do Padre António, em direcção à grande praça portuguesa – o Largo do Senado. Mas antes daqueles tesouros da Macau Antiga e desconhecida, erguem-se os imponentes edifícios que a UNESCO fez Património Cultural da Humanidade. Das igrejas neoclássicas, ainda hoje o pano de fundo da fé da comunidade, ao Teatro D. Pedro V, renovado teatro de eleição dos macaenses, passando pela Biblioteca Sir Robert Ho Tung, compõe-se um dos cenários mais nobres da cidade.



Choi Kay Weng e o pai animam o Largo do Lilau na brinadeira com o seu cachorro

Foto: Carmo Correia

Largo de São Domingos

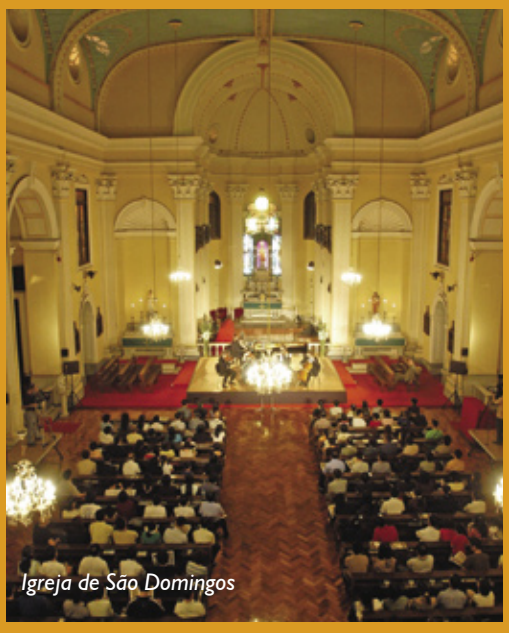
O passo largo português

Pela estreita Calçada do Tronco Velho toma-se o pulso ao coração da cidade. O colossal Leal Senado namora a sua praça. Com a Avenida Almeida Ribeiro aos seus pés, eleva-se o pináculo da singularidade multicultural de Macau. O enxame de gentes, que nem à noite recolhe, faz daquele um espaço real.

Aceso o rastilho das memórias, nos olhos de Jorge Cavalheiro reflectem-se os riquexós, que até ao final da II Guerra Mundial dominavam as artérias de Macau. "Só depois veio a era dos triciclos, havendo até – imagine-se – chauffeurs privados que levavam as crianças à escola" e onde se acomodavam "as senhoras e os senhores" até àquele destino favorito da cidade - a famosa Almeida Ribeiro. Abundavam as lojas de artigos sofisticados, "comprava-se uma gravata ou uma camisa mais delicada. Também existiam muitas ourivesarias".

Nas arcadas dos edifícios do Largo do Senado, muitos dos quais foram em tempos solarengas residências, ainda hoje se distribuem muitas lojas, mas não as de outrora. Os alfaiates continuam a tecer os sonhos das senhoras, mas nas ruelas paralelas.

Torneado o largo, quase na sombra da Igreja de São Domingos, o historiador lamenta o desaparecimento da barbearia Xangai, tão procurada pelos portugueses, gratos por tratos e carinhos raros. Entrar naquela redoma chinesa era como viajar no tempo. Em seu lugar, um armazém de dois andares, sem montra, oferece-se ao Largo do São Domingos. Arranjadas as fachadas portuguesas, satura-se o interior de modernidade.

De alma lavada na alvura do edifício da Santa Casa da Misericórdia, segue-se até ao grande estandarte de Macau, as Ruínas de São Paulo, onde dizem estar esculpida a história da religião católica na Ásia. As casas da Rua de São Paulo tinham outras vidas. Jorge Cavalheiro ainda é do tempo em que ali viviam muitas famílias ricas. Também essas relíquias da construção portuguesa não resistiram ao tempo e ali brotam agora traçados menos singulares.

Igreja de São Domingos

Vista nocturna do Largo do Senado

Fotos: Instituto Cultural

Pela Colina do Monte insinuam-se as Ruínas de São Paulo. A clivada escadaria acolhe o manto de admiradores. No altar da cidade, brilha a coroa da Acrópole de Macau.

Depois do recorte das muralhas da Fortaleza do Monte, o caminho é descendente, em direcção à Casa Garden, sede da Fundação Oriente. Todos os santos ajudam porque esse também é espaço religioso e de encontro de culturas. A Fortaleza da Guia fica a um salto, na cidade pequena e sedutora das gentes que por ela passam. Com a tarde cai o pano de outra Macau, mais uma das suas muitas faces. As luzes da história antiga da cidade acendem-se e a do Farol da Guia é a última de percurso de 25 sítios, mas a que mais longe projecta o Centro Histórico.

O Centro Histórico de Macau de lés-a-lés

Modelo: "Rua Direita" – Elo de ligação do Porto Interior até ao coração da antiga Cidade Cristã – Modelo tipicamente português usado para cidades portuárias
Zonas de protecção: Da Barra ao Jardim Camões e Colina da Guia
25 sítios
Em recuperação: Casa do Mandarim, Teatro D. Pedro V e Igreja de Santo Agostinho.
Área total das zonas de protecção inscritas: 1,23 km2
Área total península de Macau: 8,7 km2
Duração do percurso: cerca de duas horas e meia

1. Templo de A-Má
Século XV
Configuração actual data de 1828
Colina da Barra

2. Quartel dos Mouros
1874
Estrutura neoclássica com influências Mughai
Colina da Barra

3. Largo do Lilau
Das primeiras zonas residenciais portuguesas
Atmosfera mediterrânica, com influências Art Deco

4. Casa do Mandarim
1881
Arquitectura tradicional chinesa, com subtis motivos ocidentais
Rua da Barra

5. Igreja de São Lourenço
Construção Jesuíta de 1560
Actual configuração dos anos 50 do século XIX, por Tomás d'Aquino
Estrutura neoclássica
Margem Sul de Macau

6. Igreja e Seminário de São José
Seminário fundado em 1728, arquitectura neoclássica
Igreja construída em 1758, arquitectura barroca

7. Largo de Santo Agostinho
Ambiente tipicamente português

8. Teatro Dom Pedro V
1860
Estilo neoclássico
Largo de Santo Agostinho

9. Biblioteca Sir Robert Ho Tung
Construção anterior a 1894, Gosto macaense com influência tradicional chinesa
Largo de Santo Agostinho

10. Igreja de Santo Agostinho
Fundada por padres agostinhos em 1591
Estilo neoclássico,
Largo de Santo Agostinho

11. Edifício do Leal Senado
Construído originalmente em 1784
Estilo neoclássico
Largo do Senado

12. Largo do Senado
Com edifícios neoclássicos

13. Templo de Sam Kai Vui Kun
Restauro data de 1792
Construído por comerciantes chineses
Arquitectura tradicional chinesa simples
Próximo do Largo de São Domingos

14. Santa Casa da Misericórdia
Fundada pelo primeiro Bispo de Macau, em 1569
Estrutura neoclássica com elementos do maneirismo
Largo do Senado

15. Sé Catedral
Construção mais sólida em 1620
Actual configuração dos anos 50 do século XIX, por Tomás d'Aquino
Largo da Sé

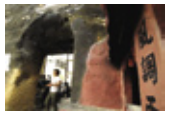
16. Casa de Lou Kau
1889
Estilo tradicional chinês Xiguan
Largo da Sé

17. Igreja de São Domingos
Fundado por padres espanhóis dominicanos em 1587
Largo de São Domingos

18. Templo de Na Tcha
1888
Estilo tradicional chinês
Travessa da Paixão

19. Ruínas de São Paulo
Construção atribuída ao jesuíta Carlos Spínola
1603-40
Largo da Companhia de Jesus/ Colina do Monte

20. Troço das Antigas Muralha de Defesa
Construção por volta de 1570



21. Fortaleza do Monte
Construída pela Companhia de Jesus (jesuítas) em 1626

22. Igreja de Santo António
Configuração original anterior a 1560
Construção Jesuíta
Estrutura neoclássica

23. Casa Garden
1770
Neoclássico com influências românticas

24. Cemitério Protestante
Capela Morrison e primeira sepultura datam de 1821

25. Fortaleza da Guia
Entre 1622 e 1638
Capela edificada antes de 1622
Farol de 1865

A História na ponta da língua

Há muitos anos que o historiador Jorge Cavalheiro conduz pela Macau Antiga os olhares de quem lhe dedica o dia-a-dia. A todos surpreende, nos recantos que revela, com a História que conhece como à palma da mão. Também este português terá bebido da fonte do Lilau... e nunca mais esqueceu a cidade que aos dez anos lhe foi confiada como morada. Por Macau se quedou até ir estudar História na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Em Portugal, viria a leccionar por escassos anos, regressando a Macau já nos anos 80. Foi na Escola Comercial Pedro Nolasco que pela primeira vez contou com uma plateia de alunos.

Activo participante de numerosos projectos de valorização da História de Macau, no final dos anos 90, rumou ao Japão para ensinar Cultura e Literatura portuguesas, bem como História de Portugal. Em Quioto, aprendeu a língua e a cultura japonesa, *know-how* que posteriormente transmitiu em algumas conferências. Especialista também na arte de beber o chá, Cavalheiro regressou a Macau há dois anos, passando testemunho na Universidade de Macau.

No Largo do Lilau, o historiador Jorge Cavalheiro (à esquerda), durante a visita guiada ao percurso galardoado pela Unesco

Foto: Carmo Correia

O caminho do PORTUGUÊS no ORIENTE

PORTUGUÊS, V séculos de língua e cultura no Oriente, continuados através do IPOR.

Preservar e difundir a língua e a cultura portuguesa através dos seus cursos, manuais e outros materiais didácticos é um dos principais objectivos do Instituto Português do Oriente.
O IPOR promove ainda a difusão e a certificação da Língua Portuguesa na Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, República Popular da China, Tailândia e Vietname.

INSTITVTO PORTVGVÊS DO ORIENTE

Venha aprender PORTUGUÊS no IPOR e obtenha a certificação reconhecida em Portugal

R. Pedro Nolasco Silva, 45 - 1º Macau • Tel: (853) 530227 • Fax: (853) 530277 • info.macau@ipor.org.pt • www.ipor.org.pt

Carlos Morais José

Galinha africana

Foto: Nuno C. Bastos

Não é em vão que se viaja. E isto é tão verdade para as pessoas como o é para os cheiros, os sabores e até o amor. Um prato de comida, por exemplo. Um conjunto de ingredientes, de tipos de fogo, de tempos de apuro, que quando se desloca a outro território tem forçosamente de se modificar. Assim mais ou menos como as pessoas.

Não deixará por isso de manter parte da sua forma original e mesmo alguma da ficção que sempre envolve uma refeição saboreada com gosto. Com a viagem, a culinária sofre mas não deixa por isso de se enriquecer, de se entregar com paixão a outras mãos e outros modos de fazer e de fazer saborear.

E esta é a história de uma galinha que em Macau se fez de África, sendo hoje um dos pratos mais emblemáticos da cozinha deste lugar no Sul da China. Não há turista gourmet que não tenha como obsessão experimentar a famosa Galinha Africana, ponto de paragem obrigatório em qualquer menu de quem preze a sua passagem por Macau e não prescinda de um mergulho prolongado nas diversidades da gastronomia local.

Hoje existe um pouco por toda a cidade, em restaurantes geridos pelas mais diversas etnias. Chineses, macaenses e portugueses, ingleses, indianos ou malaios,

muitos apresentam no seu menu a Galinha Africana. É realmente um prato de Macau. E, é claro, uma sombra de mistério, dizem, rodeia o seu aparecimento. Afinal, porquê chamar Africana a uma galinha cujos temperos, aparentemente, nada têm a ver com a comida de África? Outra pergunta: faz-se isto a uma galinha que, afinal, aqui chegou, simplesmente, grelhadinha da silva? A resposta é, obviamente, sim. E vamos tentar elaborar.

Para isso, teremos de recuar até aos anos 20 do século do mesmo nome. Uma época em que estacionaram em Macau soldados vindos das então colónias que Portugal tinha em África. E por aqui marcharam, com a farda portuguesa, mas muito de seus próprios costumes a assombrar-lhes o quotidiano. Claro que o belo frango grelhado era parte costumeira e aplaudida da refeição. Terá sido esse entusiasmo que despertou a curiosidade da gente local?

Seca para o paladar chinês

Tinha, contudo, defeitos... o tal franguinho nas brasas para o gosto chinês. Bom porque picante e crocante, mas demasiado seco para quem de há muito se habituou a acompanhar com molho o omnipresente arroz. Gostavam, é certo, mas a galinha à sua maneira era mais doce... ou marinada no vinho de arroz e servida fria, quase como entrada rica de uma lauta refeição.

O tempo, entretanto, passou. E como tudo aconteceu nunca poderá ser mesmo provado. A verdade é que, na década de cinquenta desse mesmo século, um cozinheiro macaense de seu nome Américo Ângelo fazia sucesso com uma galinha que denominava de Africana. O prato animava as noites do restaurante da Pousada de Macau, um espaço junto da Baía da Praia Grande, mesmo ao lado do Palácio do Governo. Mas já pouco tinha a ver com o frango grelhado dos soldados que há muito tinham partido. Ou teria? O que congeminara mestre Ângelo, cozinheiro que fez história na gastronomia desta terra?

Exactamente... ninguém sabe ao certo. Não era, ao que parece, homem de muitas falas. Menos ainda de revelar segredos. Mesmo Manuela da Silva Ferreira – neta dos donos da Pousada de Macau, hoje dona do Restaurante Litoral – que passou muito tempo na cozinha com o mestre, não garante ter apanhado por inteiro a receita tal qual ele a diariamente aplicava. "Na verdade, a Galinha Africana, tal como hoje a conhecemos, só surgiu quando o Américo Ângelo foi trabalhar para o restaurante do Hotel Lisboa, nos anos 60", afirma. Também talvez só nessa altura o mestre de cozinha tivera tempo para se dedicar de outro modo aos pratos que confeccionava. Agora, com outro tipo de financiamento, proporcionado pelo advento do jogo nas mãos de Stanley Ho.

Curiosamente, agora que existem outras condições financeiras, Américo Ângelo faz a viagem ao contrário e vai ao continente africano recolher cheiros, formas e sabores. E quando volta estabelece, definitivamente, no Hotel Lisboa a Galinha Africana, prato de Macau.

Cobertura exuberante

E para que não existam dúvidas estamos a falar de um resultado gastronómico que inclui óleo de coco e pasta de amendoim, um molho com assomos de Índia, um delicado toque da Malásia, um suave doce que, finalmente, o concilia com o gosto da China. E, pois claro, o picante, suave ou intenso, ao gosto de cada um. Uma galinha que sofreu todos os tormentos e delícias de uma travessia do mundo para se constituir e ser saboreada nas mesas de Macau.

De prato simples, mero grelhado pincelado a forte picante, passou a refinado, temperado por um molho que testemunha travessias de oceanos. Não deixa por isso de fazer jus ao nome.

Talvez seja porque, por detrás desta nova exuberância, esteja ainda algo de muito original: um cordial, caloroso e bem disposto bem estar, que soldados africanos trouxeram um dia na sua alma até esta cidade.

Fotos: Franck Regourd

A arte de beber o chá

Aprender a beber o chá significa dominar uma arte, entrar numa cultura e por um pedaço de história que desperta os sentidos. É um ritual lento, paciente, saboroso... a meio caminho de um vício saudável

O Hotel Mondial (*sic*) foi o ponto de encontro combinado. Junto à entrada do edifício, que já deve ter tido melhores (e famosos) dias, autocarros ora recolhiam, ora largavam excursionistas do Continente. Imaginei que, se estivesse inserida numa excursão do género, muito da cultura local iria escapar-me, nomeadamente a do chá. No caso daqueles visitantes chineses essa era uma falsa questão. Afinal, se o chá tivesse nacionalidade, seria com certeza chinês.

A Associação da Arte do Chá fica a uns escassos metros do Mondial, do outro lado da rua. Tão disfarçado de loja, o local quase esconde a arte dessa tal bebida. Mas essa cultura está lá, em todo o lado: no mobiliário, nas paredes, nas senhoras que nos recebem, até no material que está à venda. Tudo tem uma história, uma explicação, uma etiqueta que se pode colar. Américo Viseu (ver caixa) abriu-nos as portas desse mundo. Logo à entrada, fui recebida pelo tilintar dos serviços de louça, pelos murmúrios das conversas e por Achi, que também nos acompanharia na visita. Teria que seguir as suas mãos, gestos e expressões, essenciais no Cha Dao, a arte chinesa de preparar e servir o chá. Américo Viseu foi desfiando a história e as estórias, deu três dedos de conversa (os mesmos que agarram as pequenas taças) e foi saboreando o seu vício.

O gravador, o bloco de notas e as múltiplas canetas que levei (várias, por precaução e paranóia) destoaram em cima da mesa de chá, sobre a qual estava o serviço próprio, de uma louça branca. Enquanto a água fervia numa chaleira de vidro, sobre uma chama alimentada a álcool, observei Achi. Talvez na casa dos 30, vestia uma blusa em versão moderna dos fatos tradicionais chineses. De facto, a tradição dita que sejam mulheres a servir o chá e que se vistam e penteiem de acordo com as modas requintadas de outros tempos. Para além de um ritual, o Cha Dao é sinónimo de cortesia e, normalmente, é acompanhado por música chinesa. Atrevo-me a acrescentar que é também um elogio aos sentidos. Na verdade, a cor, a forma e o cheiro são fundamentais na cerimónia, daí que o "chá esteja tão próximo do vinho", como explica Américo Viseu.

Provámos o primeiro aroma com o chá *tic kun yam*. Cheirei e observei a cor antes da água fervida afogar as folhas. Os manuais ditam para cada tipo de chá, diferentes temperaturas de água. Felizmente, Achi passou por cima deste preciosismo e avançou para a cerimónia com a chaleira quente na mão. Confesso que com tanto papel, caneta e gravador, me perdi nos primeiros gestos.

O chá é preferencialmente guardado no interior de caixas metálicas (herméticas), ou em pacotes em forma de tijolo, bolo, bola ou panqueca

As "garras do dragão"

Achi utilizou as "garras do dragão": numa linguagem descodificada, o polegar, o indicador e o dedo médio para pegar na tigela de chá que contém a água e as folhas. Com a ajuda da tampa, foi afastando para dentro algumas folhas teimosas que espreitavam. A água trespassou depois um coador, antes de cair num bule. O líquido passou finalmente para as pequenas taças. Quando aproximei as minhas três "garras" para agarrar-me à bebida, Achi, com a ajuda de uma pinça, pegou nas taças e verteu-as. O líquido fugiu pelas reentrâncias de bambu da mesa de chá, foi escorregando por ali dentro até repousar num reservatório da mesa, próprio para esse efeito. Afinal, esta primeira fase servia apenas para aquecer, lavar e desinfectar os copos. Tive que esperar que todos aqueles passos se repetissem (chaleira-bules-copos, mais ou menos nesta ordem) antes de saciar a sede e a impaciência. Fui decorando e registando no papel: 40 segundos de espera; copos alinhados; distribuição no sentido dos ponteiros do relógio; três dedos (símbolo de delicadeza, domínio e firmeza). Quan-

do finalmente achei que podia pegar no copo e levá-lo à boca... novas instruções: "Primeiro, apreciar a cor, cheirar e nunca, nunca engolir o chá sem molhar primeiro a língua e a boca", avisou Américo Viseu, travando, mais uma vez, os meus impulsos.
Mesmo depois de bebido o chá, de novo o olfacto é posto à prova. Os aromas persistem em colar-se aos recipientes vazios. Fazendo as contas às minhas notas, é possível que o resultado não seja esse, mas, segundo os especialistas, são 18 os passos desta cerimónia do chá *tic kun yam*. Passos que vão sendo repetidos em várias rondas até saciar o gosto. Foi isso mesmo que fomos fazendo, bebericando o chá e o ambiente.

Um mundo de sabores

Depois do chá *tic kun yam*, um dos mais populares de Macau, e quando eu pensava que o bar fechava ali, Américo Viseu surpreendeu-nos com um chá verde, o *long jeng*. Com ele chegaram novos passos e regras, cheiro, cor e sabor diferentes. Tive que mudar de caneta e o lado da cassete, facto que não me impediu de ouvir novo alerta de Américo Viseu: "o chá verde, nomeadamente o *long jeng*, tem normalmente repercussões na bexiga". Mal tinha ainda saboreado o *long jeng*, já outro chá ocupava a mesa. O *pou lei* cheira a velho (às vezes tem bolor), é velho (pode ficar dezenas de anos a fermentar) e, curiosamente, são os mais velhos que mais o consomem. Os mais novos costumam dizer que sabe a remédio. Confirmo e acrescento que cheira a terra e tem uma cor alaranjada.
A noite já caíra na rua, mas o tempo não parecia passar por ali. Da mesa ao lado, chegavam sons animados. O grupo ia embora, deixando atrás de si um final de tarde à volta do chá e de pevides brancas. Na nossa mesa, faltava mais uma prova. De um sabor de verão e de um cheiro a flor, o chá de jasmim selou aquele momento.
Já as portas da Associação estavam fechadas ao público quando fui espreitar todos os cantos à casa. As paredes mal se viam, tapadas por prateleiras e armários. De um lado, milhares de bules e copos de louça ou barro; do outro, chaleiras eléctricas e o próprio chá. Estava no interior de caixas metálicas (herméticas) ou em pacotes em forma de tijolo, bolo, bola ou panqueca. Atrás de um biombo, escondiam-se mais mesas de chá em bambu, livros, troféus, galhardetes e caligrafia chinesa pregada na parede. Perdidas por ali, algumas fotos de outros tempos, frequentadores famosos deste templo do chá.

Folhas de chá verde, tic kun yam e jasmin

1 - 3: Mesa de bambú disposta com os elementos necessários à cerimónia do chá: taças, bule, tigela, copos de cheiro, coador e as folhas do chá
4, 5: Chaleira utilizada para se aquecer a água, posteriormente vertida na tigela
6: A água é coada para o bule
7, 8: Do bule para os copos e destes para as taças
9: Com a ajuda das pinças verte-se a água das taças para o reservatório debaixo da mesa de bambú
10, 11: As folhas do chá são postas na tigela
12: As folhas do chá são banhadas a água quente
13: As "garras do dragão" seguram a tigela e a tampa, vertendo-se o chá para o bule, através do coador
14: O chá passa para os copos de cheiro
15 - 19: A taça vai cobrir o copo de cheiro e, sempre com as "garras do dragão", gira-se o set 180º passando-se o chá para a taça
20: O cheiro apurado no copo é essencial para o ritual antes de se beber o chá
21 - 23: Os três dedos, em "garra de dragão", podem finalmente levar o chá à boca

Daqui a uns anos... e muitos litros

Na hora da partida, Américo Viseu retirou-me as ilusões. Há diferentes maneiras de preparar, servir e beber, consoante os tipos de chá. Precisarei, por isso, de muitas lições (e anos?) para ter, legitimamente, a sensação de domínio da arte. A única verdadeira sensação naquele momento era uma ligeira pressão na bexiga, como Américo Viseu já tinha alertado... Recordei-me também de uma outra informação do anfitrião: "o chá é mais barato do que os regimes de emagrecimento e tem o mesmo efeito". Mal tive tempo para me alegrar com isso. Tive de correr para a casa de banho, atolada de papéis, canetas e gravador.

Paixão madura

Quem o conhece está habituado a ser arrastado para estas coisas do chá. Não se pode, por isso, acusar Américo Viseu de não partilhar a sua paixão. Mas nem sempre foi assim. O gosto pelo chá só nasceu há cerca de cinco anos. Nascido e criado em Macau, este engenheiro esteve sempre mais voltado para a cultura portuguesa. Assim o ditaram o ensino em língua portuguesa e a formação universitária em Portugal. Com o regresso a Macau e a entrada na vida adulta, impunha-se também uma decisão madura e própria de gente grande: a escolha de uma bebida diária, na qual se pode confiar. "A água não tem gosto, o vinho faz dormir...sobra o chá. Pode ser bebido diariamente, faz bem à saúde e dá para manter a forma", garante Américo Viseu, em jeito de campanha promocional. Já viciado na bebida e influenciado por amigos foi arrastado (também ele) para a Associação da Arte do Chá de Macau. A partir daí, foi só consumir cursos de formação básica, livros, jornais... e, naturalmente, muito chá. Aos 42 anos de idade é viciado e trabalha sempre com um copo de chá ao alcance da mão.

Américo Viseu: "A água não tem gosto, o vinho faz dormir... sobra o chá."

Ingredientes:

Chá *tic kun yam*
Chá l*ong jeng*
Chá *pou lei*
Chá de jasmim
Água
Bolos e/ou pevides (opcional)

Instrumentos:

Bico a álcool
Chaleira
Mesa de chá
Serviço de chá
Conjunto de utensílios (espátula, pinça, colher, agulha, funil, pincel)

Duração:

Tempo q.b. para uma conversa demorada (sobre chá)

Enquanto a água ferve...

- A história aponta para a existência de chá na China há três mil anos;
- Inicialmente usada como planta medicinal, a folha era mastigada;
- Crentes no seu poder curativo, os chineses começaram a ferver as folhas das plantas para beber o seu líquido;
- Durante a Dinastia Tang, as folhas eram cozinhadas a vapor antes da pulverização, de forma a eliminar o sabor amargo;
- Começou por ser plantado nas zonas montanhosas de Sichuan, seguiram-se as zonas altas do Sudeste da China. Ar frio e húmido são condições ideais;
- Sondagens à escala mundial referem que é uma das três bebidas mais populares do Planeta. Na China é a número um;
- São bebidas 36 mil chávenas de chá por segundo em todo o mundo.

Efeitos Primários

- Refresca e sacia a sede;
- Tem vitaminas, aminoácidos, minerais e fibras;
- Tem zero calorias e é diurético;
- É uma fonte natural de flúor;
- O chá *pou lei* tem antioxidante, retarda o envelhecimento, reduz o colesterol e previne as doenças cardíacas;
- O chá verde previne doenças cancerígenas e reforça o sistema imunológico;
- O chá de flor é benéfico para a pele e para a garganta;

Efeitos Secundários

- Tem o mesmo alcalóide da cafeína. Pode, por isso, causar insónias;
- Pode reduzir o nível de glicose;
- Pode dificultar a absorção das proteínas e ferro do organismo.

ASSOCIAÇÃO DA ARTE DO CHÁ

Foi toda uma vida dedicada ao chá. Gostos à parte (já lá iremos), começou por ser um sustento para Chang Chi Fai. E tem sido assim nos últimos cinquenta anos, desde que este chinês de Macau abriu uma loja de venda a retalho de chá, com morada na Rua Cinco de Outubro, onde o sector se foi instalando.

Com o tempo, o negócio foi convivendo (e alimentando) o gosto pela arte, acabando por ditar a decisão de Chang Chi Fai, tomada há oito anos: criar a Associação da Arte do Chá em Macau. Desde essa altura, têm-se somado os cursos de formação, inclusivamente para crianças, a participação em feiras e festivais e as excursões às plantações. Cem são os associados que se vão cruzando nestas mesas e conversas de chá.

Com os seus mais de 70 anos de idade, Chang Chi Fai, diz quem o conhece bem, fala entusiasticamete (e muito) sobre o chá, a arte de preparar e servir, os benefícios da bebida, a sua história milenar. Personifica, por isso, os próprios objectivos desta Associação de fins não lucrativos: divulgar em primeiro lugar; vender é acessório.

Disneylândia inaugurada em Hong Kong

O primeiro parque temático Disneylândia em solo chinês abriu as portas na Região Administrativa Especial de Hong Kong, em Setembro passado, numa cerimónia onde esteve também presente o Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho. Estimando receber cinco milhões de turistas nos primeiros doze meses de actividade, a Disney espera arrecadar cerca de 1,4 mil milhões de dólares de Hong Kong. Macau sai também beneficiado dada a promoção conjunta das duas regiões administrativas especiais no mercado do Continente.

Gestores para os templos

Um grupo de monges budistas, sempre encarados como alheios às coisas do mundo, iniciou em Xangai um mestrado em gestão de empresas (MBA), lado a lado com gestores e executivos de topo. Vestidos com túnicas amarelas e cor-de-laranja, que simbolizam a renúncia e a vida sem desejos, 18 monges, frequentam aulas de engenharia organizacional, recursos humanos, marketing e gestão financeira. O grupo está a tirar o MBA na Escola de Gestão da Universidade Jiaotong de Xangai para poder gerir melhor os templos, à medida que estes se vão modernizando, disse um responsável religioso.

Moçambique em destaque na tela

Moçambique foi o país convidado da XIV Quinzena de Cinema em Português, que decorreu entre os dias 3 e 13 de Novembro no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau. Co-organizado pelo Centro Cultural de Macau e pelo Instituto Português do Oriente, a Quinzena de Cinema em Português apresentou este ano um total de 17 filmes, assumindo-se como a maior mostra de cinema em português em toda a Ásia.

Pequim 2008 gera milhares de empregos

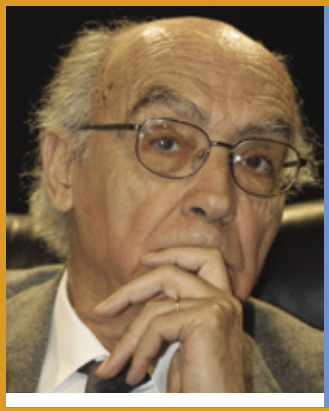
A renovação da capital chinesa para acolher os Jogos Olímpicos de Pequim 2008 vai criar cerca de 1,8 milhões de novos postos de trabalho. Segundo o Departamento de Estatísticas, Pequim vai gastar cerca de dez mil milhões de dólares na construção de infra-estruturas relacionadas com os Jogos Olímpicos, um investimento que fará crescer o produto interno bruto da cidade cerca de 0,8 pontos percentuais por ano nos próximos quatro anos. Por sectores, o maior empregador até 2006 será o da construção civil e a partir desse ano será o sector dos serviços, uma alteração estrutural que continuará para além de 2008.

RAEM acolhe PATA

A 54ª Conferência Anual da PATA (*Pacific Asia Travel Association*), subordinada ao tema "*Connecting Tourism Stakeholders*", reuniu em Abril na RAEM mais de 50 especialistas da indústria para debater uma estratégia comum ao desenvolvimento sustentado do turismo na região Ásia-Pacífico bem como analisar os desafios do futuro. Membro desde 1966, esta foi a primeira vez que Macau assegurou a organização daquela que é considerada uma das reuniões turísticas de maior prestígio nesta zona do globo.

Promoção em Las Vegas

A Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM levou a cabo a "Semana de Macau" em Las Vegas, capital mundial da indústria do entretenimento, uma acção promocional de grande escala para promover Macau e desenvolver o mercado da América do Norte. O programa cultural de exposições, concertos e espectáculos desenrolou-se nos principais pontos turísticos da cidade, incluindo os complexos das concessionárias americanas a operar em Macau, "*Venetian Resort Hotel & Casino*", "*Wynn Las Vegas*" e "*MGM Grand Paradise*".



Saramago no Brasil

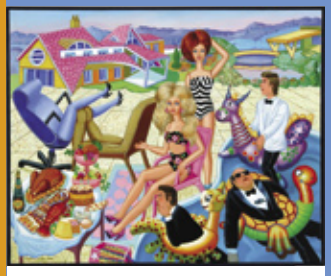
O escritor português José Saramago apresentou, em finais de Outubro em São Paulo e em estreia mundial, a sua mais recente obra "As Intermitências da Morte" onde narra os conflitos provocados pela decisão da Morte em abandonar a sua actividade. O romance mostra como a agitação e alegria provocadas num país imaginário pela reforma da Morte se convertem logo a seguir num motivo de preocupação, pelo impacto político, económico, social e até religioso da nova situação. "No dia seguinte ninguém morreu", assim começa a nova obra de José Saramago, Prémio Nobel de Literatura em 1998 e por muitos considerado o maior autor vivo da língua portuguesa.

Obras do Centro de Ciência para breve

As obras para a construção do Centro de Ciência de Macau, projectado pelo arquitecto sino-norte- americano I. M. Pei, célebre pelas pirâmides de vidro do Museu do Louvre, vão iniciar-se em breve, prevendo-se que o aterro esteja concluído no Verão de 2006. Situado entre o Centro Cultural de Macau e o Centro Ecuménico de Kun lam, o complexo pretende assumir-se como um centro de educação científica em Macau e um local de encontro para cientistas da Ásia e do Mundo.

Sucesso espacial

A Shenzhou VI, nave espacial chinesa com dois astronautas a bordo completou com sucesso a segunda missão espacial tripulada da República Popular da China. A cápsula aterrou no deserto da Mongólia Interior após cinco dias em órbita. Parte da Shenzhou VI permaneceu em órbita e deverá continuar a funcionar durante cerca de seis meses. O êxito da Shenzhou VI chega dois anos depois de Yang Liwei se ter tornado o primeiro chinês no espaço, num esforço do Governo para promover a imagem da China como potência tecnologicamente avançada.



Mostra de arte portuguesa

Para assinalar o encerramento das comemorações do seu XV aniversário, que tiveram início em Setembro de 2004, o Instituto Português do Oriente promoveu na RAEM, entre os meses de Setembro e Outubro, a exposição "15 Anos, 15 Artistas". Comissariada por Emília Nadal, presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, a mostra reuniu obras de alguns dos maiores nomes da arte portuguesa contemporânea que têm em comum a sua passagem pelo Oriente.

RAEM em Portugal

O secretário dos Assuntos Sociais e Cultura do Governo da RAEM, Fernando Chui Sai On, visitará oficialmente Portugal em meados de 2006. O convite partiu do secretário de Estado Laurentino Dias, titular da pasta da Juventude e do Desporto, que representou o Governo português na 4ª edição dos Jogos da Ásia Oriental. A agenda da visita de Fernando Chui Sai On terá como principal ponto o incremento da cooperação institucional entre Portugal e a RAEM, não só na área desportiva mas também nos campos da saúde e da cultura, que igualmente tutela.

Fórum de Sinologia em Lisboa

Lisboa acolhe nos dias 16 e 23 de Fevereiro e 4 e 9 de Março de 2006 o 1º Fórum Internacional de Sinologia, co-organizado pelo Centro de Estudos Chineses do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Centro Científico e Cultural de Macau e Sociedade Académica Portuguesa de Medicina Científica Chinesa do Porto. A iniciava pretende dinamizar os debate sobre assuntos de interesse geral da sinologia moderna tais como o fenómeno da emigração chinesa e da conquista dos mercados nos países de acolhimento, legislação chinesa, política externa e as relações da RPC com os países estrangeiros.

Com uma arquitectura muito diferente de tudo o que até agora tínhamos visto, espalhadas pelo concelho de Kaiping, as casas-torres de vigia são o cenário para um agradável fim-de-semana a curta distância de Macau, na região agrícola do Sul de Guangdong

Os *Diaolous* em Kaiping

Corria o ano de 1649 quando a dinastia Qing estabeleceu o concelho de Kaiping. O local era frequentado por bandidos, que um dia raptaram a mulher de um abastado cidadão. Enquanto preparava o resgate, o filho recebeu uma mensagem de sua mãe a dizer que o ouro a ser entregue deveria ser usado na construção de um castelo para proteger a comunidade dos bandidos. Nessa mesma noite a mãe suicidou-se e, em 1650, a primeira torre, denominada Yalong, estava construída. Esta já desapareceu, mas serviu durante séculos para proteger a população contra bandidos e inundações.

Kaiping era uma pobre aldeia como tantas outras no Sul de Guangdong. Os seus habitantes viam-se obrigados a migrar. Nos anos 40 do século XIX, estes cules e outros homens da zona partem para os Estados Unidos e Canadá para trabalharem na lavoura, na construção do caminho-de-ferro e nas minas de ouro. Vivendo em condições inumanas e grandes sacrifícios, foram juntando o pouco dinheiro que ganhavam, sonhando um dia regressar à terra natal, comprarem terra, construírem as suas casas e casarem. Muitos realizaram esse sonho.

Fotos: José Simões Morais

Diaolou em Tangkou

Protecção contra os raptos

As terras baixas de Kaiping, no delta do rio das Pérolas, eram de fácil acesso e as famílias que haviam enriquecido nas Américas eram o alvo favorito dos ladrões. Por causa de um rapto numa escola secundária de Kaiping, a população, ainda com a memória da antiga história da torre de Yalong, iniciou a mudança na arquitectura da região. O caso aconteceu numa noite de Dezembro de 1922, quando um grupo de bandidos raptou um professor e 17 alunos. As forças de segurança locais resgataram os reféns e a história acabou bem. Para construírem casas resistentes às cheias que assolavam a região, como também aos piratas que a infestavam, os emigrantes enviam mais dinheiro. Entre os anos 20 e 30 do século XX foi construída a maior parte dos 1800 diaolous, as casas-torres de vigia. Juntam a arquitectura dos países para onde os seus emigrantes andaram com a estratégia de um local defensivo. Altas torres, entre cinco a dez andares, com poucas janelas, espalham-se numa área de um verde luxureante de palmeiras, larangeiras e bananeiras. A segunda vaga de chineses embarcou entre os anos 30 a 40 do século XX. Por essa altura, existiam já 120 mil pessoas da

província de Guangdong a trabalhar nos EUA e Canadá. Mas com a II Guerra Mundial, os emigrantes deixam de mandar dinheiro e o último diaolou foi construído em 1948. Foram os diaolous que nos levaram a uma pequena cidade rural, Kaiping, a Sudoeste do Delta do Rio das Pérolas, no distrito de Jiangmen, província de Guangdong. O concelho de Kaiping, com 1660 quilómetros quadrados, tem uma população de 680 mil habitantes, entre os quais 240 mil vive na cidade. Cerca de 750 mil emigram, entre os quais 250 mil para Macau e Hong Kong. As pessoas com quem contactamos mostraram-se sempre muito afáveis e prestáveis. Tínhamos chegado de noite à cidade de Kaiping, vindos de Gonbei, numa viagem de autocarro que demorou aproximadamente três horas. Levávamos hotel marcado, o que permitiu hospedarmo-nos num hotel de cinco estrelas, pelo preço de um de três estrelas. Chegámos ao hotel no centro da cidade e já passava das nove da noite quando fomos à procura de um restaurante. Hora demasiado tardia para na China jantar. Tivémos a sorte de encontrar, num segundo andar da esquina das ruas comerciais Musha Lu com Qiaoyuan Lu, uma sala de chá, com dim sam. Chamada "Lu yin gue" era um lugar onde todos os dias os chineses se encontravam para conviverem e beberem chá após o jantar, acompanhando a conversa com o petiscar. Fechava às duas da madrugada.

No dia seguinte alugámos um táxi por 300 yuans (USD 37,5) para visitar todo o concelho de Kaiping, onde se encontram dispersos os diaolous.

A pouca distância da cidade encontra-se a aldeia de Xia, na freguesia de Chikan. Estava deserta e, atravessando-a, fomos ter a uma área onde as casas de tijolo cinzento, com três andares - o último recuado, varanda - tinham frisos em relevo coloridos. Na parte superior dos edifícios, o trabalho em pedra conferia um aspecto singular e era distinto de casa para casa. No extremo da aldeia, a torre-vigia Sihao Lou, com cinco andares e encimada por quatro postos de vigia, mais parece uma torre militar. Foi construída, em 1923, por quatro homens. Mas apenas um deles lá habita, encontrando-se os outros três no Canadá. Quando aí chegámos, um idoso dava de comer às galinhas, enquanto os campos de arroz em redor esperavam pela água das chuvas que tardava em chegar. Ao ver-nos, refugiou-se numa das casas. Entre estas e a torre-vigia, uma pequena casa tinha o emblema da bandeira do Canadá. Não era de estranhar, já que os seus habitantes tinham emigrado para o Canadá e por isso é também conhecida como a aldeia do Canadá. O nosso motorista explicou-nos que aquele vulto que vimos de fugida era o único que ali habitava, pois ficou a cuidar da mãe que se tinha recusado a emigrar.

Aldeia de Xia

Quem ganha com o turismo?

A aldeia de Zili, construída principalmente entre os anos 20 e 30 do século XX, habitada por 60 famílias, foi escolhida por muitos emigrantes chineses que, após fazerem as suas fortunas, aí compra-

A aldeia de Zili

ram terra. As casas que edificaram encontram-se bem preservadas, já que a população resolveu abrir a aldeia ao turismo e cobrar 30 yuans (USD 3,75) pela visita aos 15 diaolous aí existentes.

Entrando pela estreita rua que dava para o interior da aldeia, o ambiente mostrava-se cuidado e limpo, sendo a povoação de cariz rural. As galinhas corriam por todos os lados e penduravam-se numa estrutura de bambu; pequenas couves secavam ao Sol. Aí viviam 175 habitantes, tendo emigrados para Macau, Hong Kong e estrangeiro 250 pessoas. Como era hora de almoçar procurámos um restaurante, mas apenas uma casa se mostrou disposta a cozinhar uma das galinhas que pelo pátio andavam.Continuámos viagem, tendo passado pela torre-farol Fang, que se encontra isolada no cume de um monte.

A maior parte das aldeias espalhadas pela área têm apenas uma rua para onde quase todas as casas dão. E em frente há sempre um grande reservatório de água. Por detrás das casas sobressaem os diaolous. E cada um é uma nova surpresa, tanto pela suas formas como pelo trabalho que nas varandas dos andares de cima se visualizam. Infelizmente encontrámos todas fechadas, não nos sendo permitido visitar os interiores. Outras vezes, quando passávamos pela estrada, víamos uma torre e pedíamos ao taxista para entrar com o carro pela picada. Quando parecia que estávamos a chegar, o diaolou desaparecia e outro, um pouco mais distante, espreitava, aguçando a nossa curiosidade, fazendo-nos esquecer o anterior. Voltava a aparecer envolto na vegetação e, pela persistência, lá o encontrávamos.

Uma das visitas mais deliciosas foi à aldeia de Yongan. Ainda na estrada, o espanto! A envolver o topo da torre, tiras de pano esfarrapadas esvoaçavam. Chegados à aldeia, uma senhora idosa começou a resmungar e a gesticular ao ver uma máquina fotográfica. Explicou-nos depois que alguém de Hong Kong tinha comprado terrenos à volta e queria explorá-los na vertente turística, mas nada queria pagar aos habitantes da aldeia. Como a torre era comunitária, começaram a boicotar as fotografias aos turistas. Após uma longa troca de argumentos lá nos deixou visitar os arredores da torre Tianlu.

Região de Tankou

Cidade de Chikan

Construída em 1925, foi declarada património nacional em Junho de 2001. É uma casa comunitária com sete andares e 29 quartos, tendo cada um dos co-proprietários um quarto. Aqui se refugiaram as pessoas da aldeia quando, em 1963, 65 e 68, terríveis inundações alagaram toda a povoação.

Jardim-museu

Continuando viagem fomos a Tangkou, onde se contam mais de 500 diaolous. É a freguesia com a maior concentração de diaolous de Kaiping. Chegámos à aldeia de Tan Xi Geng Hua com a intenção de visitar o jardim-museu de Liyuan. Construído por Xie Wei Li, serviu de cenário a vários filmes e para o percorrer em passo apressado são necessárias pelo menos duas horas.
Voltámos à estrada e, de cinco em cinco minutos, pedíamos ao taxista para parar, para outra fotografia a mais um diferente diaolou. Outras vezes apareciam aquelas torres incrustadas ao longe na vegetação e lá demandávamos por mais um estreito trilho, para explorar mais uma aldeia dispersa. Parámos para ver uma torre bastante distinta de todas as outras. Com uma volumetria desproporcionada, a torre com cinco andares, tem o do meio a transgredir o equilíbrio, já que se estende muito para fora das estruturas do edifício. Depois vai diminuindo até ao último andar, onde um pequeno cubículo encima a torre.

Diaolou -Tankou

Em frente, uma placa tinha o carácter de arroz e, não fosse a curiosidade na exploração do que se encontraria por trás daqueles muros, não teríamos encontrado um único restaurante durante o dia. Era um restaurante de estrada e naquele dia tinha já servido um banquete de casamento para 50 pessoas.
O dia já estava a terminar quando chegámos à aldeia de Jin Jiang Ni, na freguesia de Sen Gang. Os gansos circulavam pela rua e o casario escondia três diaolous, sendo um deles, a torre Ruishi, construído em 1923, foi talvez o mais interessante por nós visitado.
O estilo das torres ía desde as despidas de qualquer ornamento, tendo apenas uma pequena porta e estreitas janelas, sem varandas nos últimos andares, até às extremamente decoradas. As janelas diferem de andar para andar e os rendilhados lavrados na pedra permitem perceber os estilos que os seus donos admiravam. Umas com uma estética greco-romana, outras góticas, muitas barrocas, assim como algumas com elementos islâmicos.

A povoação de Chikan

A cidade de Chikan, com 50 mil habitantes, foi construída em 1662, mas só conheceu um maior desenvolvimento nos anos 50 do século XX. Encontra-se no centro do concelho de Kaiping e tem como atractivo uma série de casas cuja frontaria está virada para o rio.
Atravessada a ponte pedonal, virando para a esquerda, cruzamo-nos com uma das bibliotecas

da povoação. Daí saía a bibliotecária que, percebendo a recusa do guarda em nos deixar entrar no que parecia um museu, devido ao aproximar da hora do fecho, nos convidou a percorrendo aquele local servindo-nos como cicerone. Explicou-nos que aquele local, com uma magnífica arquitectura antiga e muitos adereços, como carros antigos, carroças e lanças, tinha servido para rodar uma famosa telenovela chinesa. Tocando nas paredes percebemos que tudo aquilo não passava de cenário, com muita esferovite.

As poucas casas antigas que restam habitadas parecem prometer para breve uma renovação na arquitectura da cidade.

Os passeios, sob a arcada das casas de três andares, são ocupados pelo comércio, que se espraia até à rua. Muitos restaurantes e casas de chá usam também essas arcadas para esplanadas, tal com as cozinhas ambulantes, onde se confecciona uma das especialidades desta vila, o tofu. Frito numa sertã sobre fogo de lenha, apesar de ter um bom aspecto, parecia não contar com muitos consumidores. Como nesse dia ainda não tínhamos almoçado, testámos tal iguaria, conjuntamente com outra das especialidades da terra, as tripas de búfalo. Também os vegetais eram na verdade muito bons.

Continuámos a calcorrear as ruas da cidade e quando demos por nós estávamos a admirar uma casa com uma torre que já não parecia ser um diaolou. Dentro de um recinto com muitas árvores antigas lemos tratar-se de mais uma biblioteca. A separar-nos do rio, um parque memorial homenageia sete heróis que dentro da torre Nan Lou lutaram contra o exército japonês, em 17 de Julho de 1945. Uma estátua e sete pedras assinalam cada um dos mortos que só cairam após o recurso a granadas de gás e depois foram decepados. O rio Tan com muito lodo, onde os barcos que servem de habitação se encontram enterrados, foi para onde os japoneses atiraram os corpos.

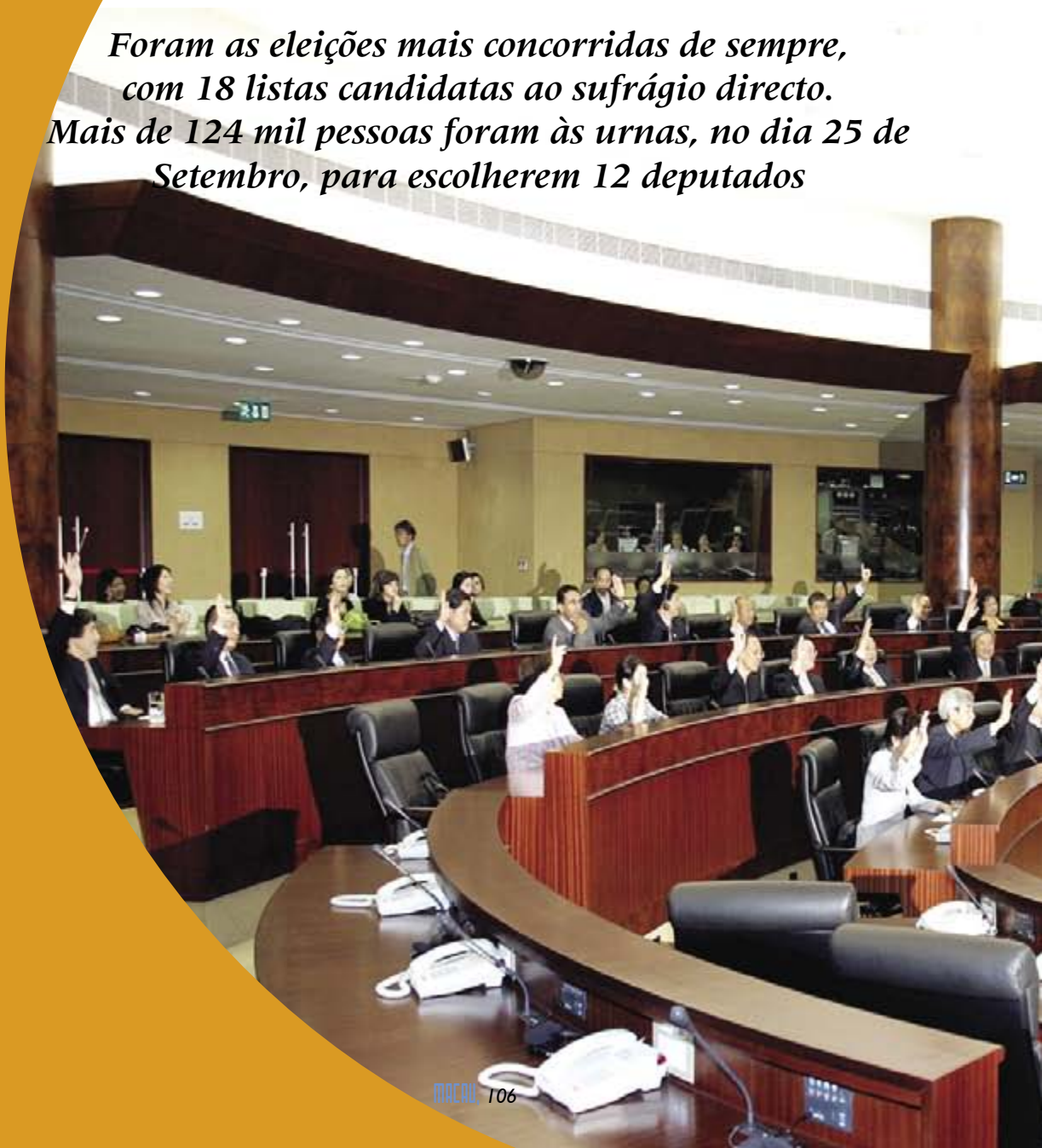
Com a cidade visitada e tendo percorrido muitos dos diaolous da zona, resolvemos apanhar o autocarro urbano para a cidade de Kaiping e daí partir para a capital do distrito, Jiangmen. Sentindo a diferença entre o viver na cidade e a vida rural, despoluidos da tensão e do trânsito que exigem uma quotidiana e constante atenção na cidade, aquele fim-de-semana relaxante, passado entre o verde de Kaiping e o cinzento dos diaolous, pareceu-nos um bom remédio, a convidar para futuros passeios, por lugares que se conseguem desfrutar a poucas horas de Macau.

Cidade de Chikan

Isabel Castro

Equilíbrios de um sistema *sui generis*

Foram as eleições mais concorridas de sempre, com 18 listas candidatas ao sufrágio directo. Mais de 124 mil pessoas foram às urnas, no dia 25 de Setembro, para escolherem 12 deputados



Das 18 listas candidatas, foram oito as que garantiram lugares na Assembleia Legislativa (AL). À semelhança do que havia acontecido em 2001, ano em que a lista Novo Macau Democrático conseguiu o maior número de votos, em 2005 a candidatura liderada por Ng Kuok Cheong foi a escolhida por mais eleitores, que permitiram assim a continuidade de dois deputados no órgão legislativo de Macau. No sufrágio do passado dia 25 de Setembro houve ainda um outro grande vencedor: a lista de Chan Meng Kam, empresário do sector do jogo, candidato pela primeira vez às eleições legislativas da RAEM, foi a segunda mais votada, obtendo apoios suficientes do eleitorado para eleger dois deputados.

O sufrágio directo que resultou na escolha de 12 deputados é apenas uma parte do processo para a composição final da AL, constituída por 29 elementos. O sistema eleitoral da RAEM contempla ainda o sufrágio indirecto, com dez lugares reservados aos diferentes sectores da sociedade de Macau, sendo ainda destinados sete assentos para deputados nomeados pelo Chefe do Executivo. No que toca ao sufrágio indirecto, em Setembro passado, quatro listas concorreram por esta via, com um total de dez candidatos, tantos quantos os lugares disponíveis. O sistema eleitoral reserva quatro lugares para os interesses empresariais, dois para os interesses laborais, outros dois para garantir a representatividade dos interesses profissionais no órgão legislativo e igual número para os interesses assistenciais, culturais, educacionais e desportivos.

Fotos: GCS

Primeira sessão sessão plenária na Assembleia Legislativa após as eleições de Setembro

Dezoito listas concorreram a 12 lugares eleitos por sufrágio directo

Herança do passado

O sufrágio misto em Macau tem origem na segunda metade da década de 70. A combinação entre um sufrágio inorgânico de base territorial (em que o direito de voto é exercido por todos os residentes permanentes enquanto pessoas singulares) e um sufrágio orgânico de base corporativa (em que os votantes exercem o seu direito de voto na qualidade de membros de uma pessoa colectiva representativa de interesses sociais) surgiu na sequência da Revolução portuguesa de 1974 e posterior aprovação do Estatuto Orgânico do território de Macau. "Nas primeiras eleições após o 25 de Abril, já ao abrigo da nova ordem constitucional, previu-se o sufrágio directo e o indirecto, onde assumiam preponderância as associações representativas de interesses empresariais", recorda Leonel Alves, deputado à Assembleia Legislativa desde 1984, reeleito no sufrágio indirecto do passado dia 25 em representação dos interesses profissionais. "Há uma explicação política para a existência do sufrágio indirecto. Na altura, no período pós-revolucionário, contar com a comunidade chinesa num sufrágio directo era quase impossível. Para compor equilibradamente os interesses, adoptou-se o sufrágio indirecto, obtendo-se por essa via deputados chineses." Durante as primeiras legislaturas, a grande maioria dos deputados eleitos pelo sufrágio indirecto representava os interesses empresariais, o que viria a alterar-se apenas na quinta legislatura, com a alteração do Estatuto Orgânico de Macau, que contemplou a representatividade dos interesses laborais. O sistema misto manteve-se após 1984, altura em que se verificou "um ponto de viragem bastante significativo no que se refere ao sufrágio directo, pois a governação de então decidiu proporcionar uma série de incentivos fiscais para levar as pessoas a se recensearem." Essas medidas, lembra Leonel Alves, "originaram grande número de eleitores e um efeito político muito significativo: o início do predomínio do eleitorado não português no sufrágio directo."

Durante os anos que se seguiram, ainda

durante a administração portuguesa, o sufrágio misto permaneceu, tendo sido mantido nas legislaturas que se sucederam à transferência de administração.

Diferentes campanhas

Em Macau, a campanha eleitoral no sufrágio directo assemelha-se a períodos do género noutros países e regiões: a captação do eleitorado passa pela divulgação do programa político, pelos contactos de rua e pela organização de comícios e espectáculos. Dadas as muitas listas na corrida eleitoral, as duas semanas que antecederam a ida às urnas foram verdadeiras maratonas para os candidatos que apostaram, sobretudo, na aproximação ao eleitorado nas ruas da cidade.
Já no que se refere ao sufrágio indirecto, a sensibilização das associações que pertencem a determinado colégio eleitoral não se faz em dez dias, tempo destinado à campanha eleitoral em Macau. "Tudo depende do trabalho prévio. No sufrágio directo, enquadra-se melhor um período eleitoral durante o qual as diversas candidaturas apresentam o seu programa político. No sufrágio indirecto, desde a década de 70 mantém-se uma interacção íntima com as bases eleitorais, pelo que não se vêem grandes acções de campanha," explica Leonel Alves.
Eleitos os deputados pelos dois tipos de sufrágio e publicados os resultados das eleições legislativas em Boletim Oficial, compete ao Chefe do Executivo concluir o processo de composição da legislatura. Comparativamente às escolhas feitas em 2001, Edmund Ho introduziu nesta III Legislatura da RAEM profundas alterações ao grupo de nomeados, tendo indicado cinco novos deputados, todos eles oriundos da área académica e com trabalhos de investigação publicados e reconhecidos entre os seus pares.

Leonel Alves, eleito pelos interesses profissionais, recorda os motivos históricos do sufrágio indirecto

As contas únicas de Macau

É um método único de conversão de votos em mandatos aquele que se emprega na RAEM. Quando as urnas fecham e chega a altura de contar os votos, não se utiliza o tradicional método de Hont. O sistema que vigora em Macau, desde as eleições legislativas de 1992, cria um verdadeiro desafio a qualquer lista que ambicione a eleição de mais do que dois deputados pelo sufrágio directo. Por outro lado, garante uma maior diversidade de forças políticas no seio do órgão legislativo da RAEM.

"Pelo método de Hont, usam-se os divisores um, dois, três, quatro e os restantes múltiplos de um. Em Macau "utilizam-se os divisores um e dois, tal como no método de Hont, mas depois emprega-se o divisor quatro, seguindo-se o oito e demais potências de dois," explica o sociólogo Paulo Godinho. "Eleger mais do que dois deputados, em princípio, é mais difícil do que num sistema em que o método de conversão dos votos em mandatos seja o método de Hont."

Maior representatividade social

Aplicando a teoria às eleições legislativas de Setembro passado está assim explicada a razão pela qual a lista com maior número de votos, a Novo Macau Democrático, só conseguiu eleger dois deputados, mesmo com o apoio de 23.472 eleitores, num sufrágio em que a quarta lista mais votada, a União Promotora para o Progresso, alcançou o mesmo número de assentos, com menos de metade dos votos. "Nestas eleições, o último deputado foi eleito com uma percentagem abaixo dos cinco por cento, porque muitos votos foram dispersos por outras listas, nomeadamente pelas duas que receberam mais apoios. Estiveram perto de eleger o terceiro deputado

mas não conseguiram lá chegar", constata Paulo Godinho. "Pelo método de Hont, ambas teriam eleito três deputados."

Até às eleições de 1992, o método de conversão de votos em mandatos era o mesmo empregue em Portugal - o método de Hont. A alteração à lei, feita em 1991, surgiu na sequência do sufrágio de 1988, segundo a análise do sociólogo. "Na altura, estavam reservados seis assentos ao sufrágio directo, metade dos actuais. Foram eleitos três deputados pela lista União Eleitoral, e outros tantos pela lista deAlexandre Ho, actual presidente do Conselho de Consumidores," recorda. "Nas eleições de 1992, pela primeira vez, seriam eleitos oito deputados pelo sufrágio directo. Mas corria-se o risco de continuarem a ser apenas duas as forças políticas representadas na Assembleia."

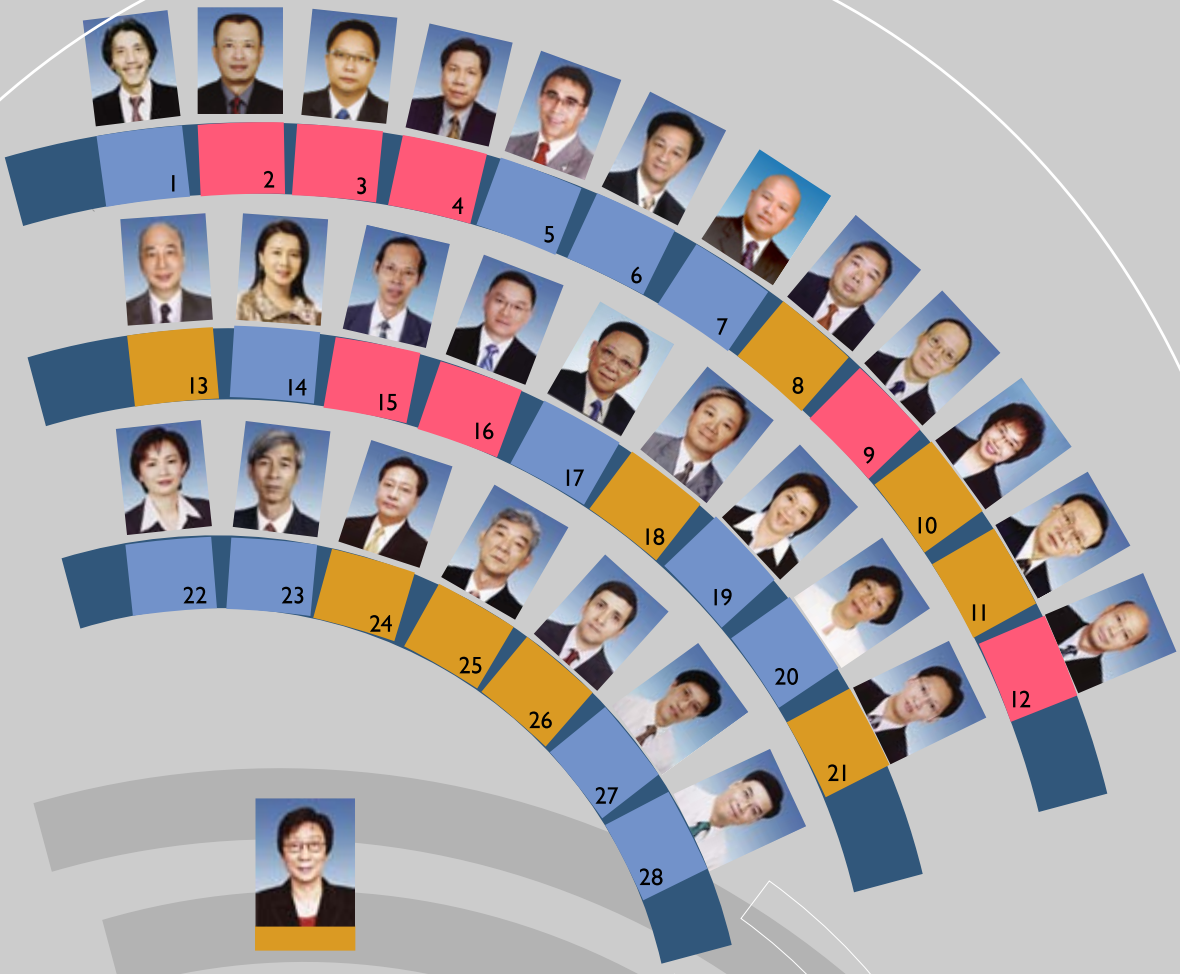
A mudança à lei trouxe várias consequências, desde logo na organização de candidaturas. Dando o exemplo da União Eleitoral, Paulo Godinho refere que "juntava numa mesma lista as associações dos moradores, a Associação Geral dos Operários de Macau (AGOM) e alguns sectores tradicionais da sociedade." Quando o novo sistema foi introduzido, "as associações de moradores e a AGOM passaram a ter listas distintas, repartindo o eleitorado, de forma quase equitativa, pelas duas candidaturas." À excepção do sufrágio de 1996, as duas listas que integravam a União Eleitoral têm conseguido eleger

Paulo Godinho: "Há garantia de uma maior diversidade de opiniões e de sectores na Assembleia."

dois deputados cada, tendo-se verificado o mesmo resultado em Setembro passado. Ainda assim, realça o sociólogo, o principal efeito "foi a garantia de uma maior diversidade de opiniões e de sectores da sociedade na Assembleia."

O método único que Macau adoptou só é possível "porque não há um problema típico na maior do mundo, onde o método de conversão dos votos em mandatos poder ajudar a formar maiorias, que são decisivas para a existência de governos estáveis." Tanto na altura em que foi criado como agora, "essa questão não se coloca, porque o Governo não está dependente da maioria da Assembleia Legislativa," conclui Paulo Godinho.

I.C.



Susana Chou

1. Chow Kam Fai David
2. Ieong Tou Hong
3. Sam Chan Io
4. Lao Pun Lap
5. José Maria Pereira Coutinho
6. Ung Choi Kun
7. Chan Meng Kam
8. Chui Sai Cheong
9. Philip Xavier
10. Ho Teng Iat
11. Cheang Chi Keong
12. Tsui Wai Kwan
13. Vitor Cheung Lup Kwan
14. Leong On Kei
15. Lei Pui Lam
16. Chui Sai Peng José
17. Fong Chi Keong
18. Chan Chak Mo
19. Leong Iok Wa
20. Kwan Tsui Hang
21. Lee Chong Cheng
22. Iong Weng Ian
23. Leong Heng Teng
24. Kou Hoi In
25. Lau Cheok Va
26. Leonel Alberto Alves
27. Au Kam San
28. Ng Kuok Cheong

Sufrágio directo

Sufrágio indirecto

Nomeados

A integração regional e a cooperação com os países lusófonos são as grandes apostas para 2006. O ambiente é de prosperidade, mas é preciso combater a inércia. A economia não é tudo e deve estar ao serviço da eficiência e da qualidade de vida

Fotos: GCS

O futuro exige qualidade

Primeiro preconizou um modelo económico assente num sector dominante, o jogo, deduzindo-se as reformas administrativas e legislativas; posteriormente, Edmund Ho defendeu um modelo educativo e laboral que o possa sustentar qualificadamente. Adicionou-lhe segmentos adjacentes, como o turismo cultural, desportivo e de eventos. Para além da indústria do Jogo, e graças à cooperação do Governo Central, duas vias: integração regional no Grande Delta e Macau como plataforma de serviços comerciais entre a China e os países de língua portuguesa. Este ano acrescenta-se a necessidade da reforma das mentalidades. Contra a inércia.

A apresentação das Linhas de Acção Governativa na Assembleia Legislativa constitui o momento mais alto e solene do calendário político da RAEM. De acordo com o modelo constitucional expresso na sua Lei Básica (mini-constituição), o Chefe do Executivo desloca-se ao hemiciclo dos Lagos Nam Van para apresentar o programa para o ano financeiro seguinte (2006), mas também, essencialmente, para enquadrá-lo nas estratégias a prazo, proceder à sua leitura política e executar o balanço do ano pretérito. Em expressão livre, acertar agulhas. Num segundo momento, Edmund Ho regressa ao hemiciclo para, com base nesse discurso sobre o "estado da Região", enfrentar o escrutínio dos deputados. Este ano de 2005 o contexto era especialmente relevante, dado estarmos perante um novo elenco legislativo, saído das últimas eleições.

Faz por isso sentido que as primeiras e as últimas palavras do Chefe do Executivo tenham sido endereçadas ao órgão legislativo por excelência: "A Assembleia Legislativa tem desempenhado um papel insubstituível, prestando toda a colaboração e fiscalização ao Governo. A sua acção permitiu que o Governo aplicasse as suas políticas, evitando erros políticos de maior gravidade". Note-se que as diferentes áreas sectoriais, defendidas por cada um dos secretários do Governo têm de passar, uma a uma, e linha a linha, em verdadeira maratona parlamentar, pela interpelação crítica dos deputados.

Velocidade das transformações

O balanço do ano anterior demonstra a "velocidade das transformações conjunturais", segundo expressão de Edmund Ho no preâmbulo do seu discurso. Em síntese, retém-se a introdução do "mecanismo central de reforma legislativa", o ajustamento das forças de segurança à política de abertura das fronteiras e à realização de grandes eventos, a orientação da entidade municipal para os domínios da qualidade de vida dos cidadãos, a segunda fase de implementação do CEPA (mecanismo regional de integração económica), a consolidação das relações comerciais entre Macau e os países de língua portuguesa. Avanços concretos, ainda, na integração no Grande Delta, na implementação do Parque Industrial Transfronteiriço e no apoio às PME, para "responder às transformações do regime de quotas dos têxteis e vestuário".

Além de um conjunto de medidas de âmbito social – "construção de uma sociedade mais solidária" – foi sublinhada a importância do sucesso da candidatura do Centro Histórico de Macau a património mundial da UNESCO, que "contribuiu para potenciar a vantagem singular de Macau como ponto de encontro das culturas oriental e ocidental. Esta vitória representa uma responsabilidade acrescida para a população na defesa da causa da cultura". Por último, destaca-se no mosaico de onde partem as novas LAG, aquela que é porventura a mais conhecida narrativa sobre a RAEM: o crescimento. "Pudemos constatar a entrada de um volume maior de capitais estrangeiros e o crescimento do sector dominante foi positivo; o

número de turistas que nos visitam subiu; as receitas do sector do jogo foram satisfatórias e os outros sectores a ele relacionados também conseguiram resultados excelentes. Pode dizer-se, de um modo geral, que a economia revelou sinais de prosperidade. As receitas e os saldos do Governo aumentaram e o sistema financeiro manteve-se sólido e saudável", resumiu Edmundo Ho.

O Chefe do Executivo recusou contudo a ideia de comodidade que estes resultados suscitam, tendo concluído o balanço com o alerta contra o reverso da medalha, em discurso directo contra a inércia. Defendeu a necessidade de eliminar "práticas conservadoras" na governação corrente, por vezes despidas da "ponderação dos custos políticos e sociais" em causa ou refugiadas na "indiferença", condenou a perversão do valor da "tolerância" percepcionada em alguns segmentos da máquina administrativa e denunciou a passividade. Exemplos de um conjunto de argumentos contra as "manifestações de inadequação" às "mudanças drásticas" resultantes do crescimento acelerado da economia, decorrentes da "predominância de mentalidades e instituições arcaicas".

Receita previdente

Estabelecidos os parâmetros que enformam o programa de governo no segundo ano do seu segundo, e último, mandato de cinco anos, Edmundo Ho distinguiu cinco zonas nucleares nas LAG para 2006: aprofundamento da reforma, promoção do crescimento e da qualidade, potenciação da plataforma lusófona, políticas correctivas e promoção de valores.

Na primeira área, de continuidade, o Governo compromete-se a prosseguir a agilização da máquina administrativa (como por exemplo o one stop inter-serviços, com disseminação comunitária e mecanismos consultivos democráticos); na abertura aos cidadãos (fiscalização pública); no combate à sobreposição, formação científica e deontológica e um novel regime de responsabilização. A esfera da produção legislativa voltou a merecer amplas referências: novo método de distribuição de quadros, envolvimento da cidadania no processo de reforma e manutenção do recurso a quadros do exterior. Sem prejuízo da enfatização da "coordenação centralizada, articulação e integração", a maior novidade residirá, também aqui, no apelo à revolução de mentalidades, que "só pode ter sucesso se estivermos dispostos a introduzir transformações radicais na cultura administrativa vigente".

No que respeita à segunda esfera, e aproveitando a "vitalidade do crescimento económico interno" no próximo ano, as LAG preconizam o binómio desenvolvimento/sustentabilidade. "Tirar partido da conjuntura favorável para assegurar o salto qualitativo" no sector dominante (jogo), sublinhou o Chefe do Executivo, lembrando que o Governo, enquanto entidade reguladora, deve pugnar pelo progresso tecnológico na coordenação do sector e, sublinhou, "dedicar esforços para que as concessionárias cumpram as suas obrigações contratuais, investindo em projectos e assegurando a gestão nos termos das cláusulas...".

Porque as receitas extraordinárias podem ser "realidade fugaz", o Governo vai investir na qualificação do Turismo, designadamente na promoção da "singularidade" de Macau como "plataforma de cruzamento das culturas oriental e ocidental", cidade de gastronomia e com capacidade para o segmento MICE (exposições e congressos). Em suma, Macau como capital de "cultura e entretenimento".

No domínio da sustentabilidade, na perspectiva mais social do que económica, as LAG de 2006 preconizam um conjunto de medidas destinadas a minorar as consequências de um desenvolvimento a duas velocidades. Por um lado, o aproveitamento, por parte das PME, das potencialidades da cooperação com o interior do País; por outro, o estímulo à demanda de nichos de complementaridade da indústria dominante.

O terceiro pacote de medidas vem já explicitado no seu longo genérico: "Estabelecer relações com territórios e países distantes e consolidar a integração com países e territórios vizinhos". Traduzido o primeiro termo, Macau como plataforma de serviços comer-

ciais entre a China e os países de língua portuguesa, como frisou o Chefe do Executivo. "Iremos potenciar as nossas vantagens singulares no domínio linguístico, nas redes de relacionamento pessoal e afinidades históricas, de forma a incrementar a cooperação comercial entre a China Continental, Macau, os países lusófonos e os empresários de origem chinesa de outros países".

O desenvolvimento acelerado do sector do jogo, ao qual está associado o boom imobiliário, induziu o aquecimento do sector, fragilizando, de caminho, alguns grupos sociais. Neste contexto, as LAG preconizam um reajustamento da política de habitação, que passa pela construção de mais habitação condicionada e pelo reordenamento dos bairros antigos, alheios ao sector dominante. No campo das Obras Públicas há entretanto outras referências firmes na execução de acessibilidades e na construção de outras infra-estruturas, como o "Centro de Ciência", bem como avanços para a constituição de uma nova entidade de protecção ambiental.

No capítulo da Educação, e depois da extensão da gratuitidade ao pré-escolar, o Chefe do Executivo anunciou a concretização da escolaridade gratuita para o ensino secundário complementar. Nesta área destaca-se ainda a intenção de ultrapassar a estagnação da qualidade do ensino das línguas estrangeiras, bem como o anúncio da reforma do ensino superior.

No campo da Cultura, Edmund Ho defende a "realização de projectos de excelência construídos com base numa cultura multifacetada", o incremento do ensino das artes, constatada a "apreciação artística baixa" na generalidade da população e, sob os auspícios do sucesso da candidatura UNESCO, aposta globalmente na conservação do património. "As obras de urbanização, qualificação das zonas antigas e de reordenamento devem integrar de forma orgânica elementos tradicionais e elementos modernos, evitando a tentação de empreender obras de gosto duvidoso, preservando a harmonia estética e a identidade da nossa cidade".

Presidente português visitou China

O Presidente da República Portuguesa, fez-se acompanhar da maior comitiva empresarial de sempre, durante a sua visita oficial de quatro dias à China no início deste ano, incluída no âmbito das comemorações do 25º aniversário do restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países. Para além da ronda de contactos políticos, Jorge Sampaio assistiu à inauguração de mais um leitorado na Universidade de Comunicação de Pequim antes de visitar a capital económica do país, Xangai, palco de uma acção de promoção de Portugal em larga escala. Sampaio esteve ainda em Macau, onde se reuniu com a comunidade portuguesa e lançou o convite oficial ao Chefe do Executivo, Edmund Ho, para visitar Portugal.

Barroso em périplo oriental

Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia realizou um périplo de cinco dias à China em Julho que o levou a visitar Pequim, Xangai, Macau e Hong Kong. O líder europeu defendeu a necessidade do Governo chinês adoptar reformas democráticas e económicas que imprimam celeridade no processo de reconhecimento do estatuto de economia de mercado por parte da UE. Em Macau, Durão Barroso congratulou-se com a estabilidade e níveis de desenvolvimento da RAEM, em conformidade com os princípios da Lei Básica.

Wen Jiabao visita Portugal

O primeiro-ministro Wen Jiabao, visitará em breve Portugal, no âmbito de um périplo europeu que o levará ainda à Rússia, República Checa, Eslováquia e França. A deslocação oficial do governante esteve originalmente prevista para Outubro mas foi adiada por razões de Estado.

Morreu Ke Zhengping

Faleceu Ke Zhengping (também conhecido por O Cheng Peng, que é a romanização do seu nome a partir do dialecto cantonês) um dos mais destacados líderes da comunidade chinesa de Macau nos últimos 50 anos. Representante da parte chinesa no Grupo de Ligação Conjunto Sino-Português, membro da comissão de redacção da Lei Básica e fundador da empresa comercial Nam Kuong, Ke Zhengping fora assessor da delegação da Agência Xinhua e membro da Assembleia Popular Nacional . Ke Zhengping tinha 94 anos quando faleceu, no dia 30 de Setembro.

Livro branco sobre democracia

O Conselho de Estado publicou um livro branco sobre democracia política, o primeiro no país, intitulado "A Construção da Democracia Política na China" contendo informações sobre a criação, desenvolvimento, conteúdos e princípios da democracia política no país. O documento destaca os "enormes passos alcançados" na democracia chinesa, sob a direcção do Partido Comunista da China, bem como algumas dificuldades a ultrapassar na construção democrática e na reforma do sistema político do País.

Portugal abre Consulado-Geral em Xangai

De acordo com o embaixador de Portugal na China, António Santana Carlos, o Consulado Geral em Xangai será inaugurado proximamente. O cônsul-geral João Maria Cabral, que assumirá a chefia da missão diplomática, encontra-se já na capital económica chinesa a encetar os últimos preparativos. Lisboa espera que a instalação do consulado em Xangai venha incrementar o número de vistos concedidos por Portugal a cidadãos chineses, actualmente abaixo da média europeia.

Pequim recebe ilustres macaenses

Pela primeira vez uma delegação de mais de uma dúzia de personalidades da comunidade macaense, liderada pelo deputado Leonel Alves, foi recebida pelos altos dignitários do Governo Central. O convite partiu do Gabinete de Hong Kong e Macau afecto ao Conselho de Estado, que quis assim manifestar o apreço e a relevância do papel da comunidade macaense na aproximação da China aos países de língua portuguesa.

Cooperação científica

O ministro da Ciência e do Ensino Superior português, Mariano Gago, relançou a política de cooperação científica durante a sua recente visita à China, em Setembro, estando iminente a assinatura de uma declaração conjunta. Ao nível da colaboração científica e tecnológica entre institutos de investigação e empresas dos dois países, será reforçada através de encontros especializados, designadamente nas áreas biológicas e das tecnologias da informação. Por outro lado lançaram-se bases para o desenvolvimento de uma colaboração mais activa no domínio do ensino superior, designadamente em matéria de formação pós-graduada e de programas de intercâmbio de jovens cientistas e tecnólogos.

José Miguel Encarnação

Os IV Jogos da Ásia Oriental deixaram em Macau duas marcas importantes para o futuro: um maior respeito e carinho pelos atletas da RAEM e um conjunto de infra-estruturas desportivas de alto nível. O investimento efectuado possibilitou não só a organização da competição desportiva, como deu a oportunidade aos atletas locais de se prepararem da forma mais adequada, o que terá também contribuído para a excelente prestação que Macau teve na prova.

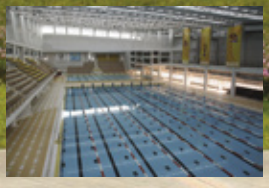
A falta de instalações foi desde sempre um dos motivos apontados para o fraco comportamento das selecções locais em competições internacionais. Por este motivo, os últimos jogos representam também um ponto de viragem na História do desporto da Região. Durante nove meses foram muitas as associações desportivas do território que participaram nos eventos que serviram de teste ao Comité Organizador dos IV Jogos da Ásia Oriental (MEAGOC) antes do evento. A qualidade das novas instalações foi elogiada por vários presidentes de comités olímpicos, que hoje olham com maior admiração para Macau e aplaudem o trabalho desenvolvido nas diferentes modalidades.

Os Jogos Olímpicos de Pequim estão à porta e são já muitos os pedidos para a realização de estágios na RAEM. Portugal e São Tomé e Príncipe foram os primeiros pa-

Dome
Capacidade:
Arena: 7087
Anfiteatro: 1992
C. Convenções: 2000
Localização:
COTAI
Inauguração:
5/7/2005

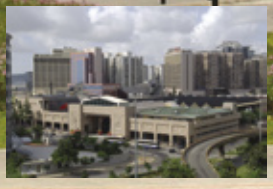
Estádio de Macau e Pavilhão Desportivo
Capacidade:
17. 207
Localização:
Taipa
Reabertura:
3/8/2005

Centro Internacional de Tiro de Macau
Capacidade:
10m: 466
25m: 358
50m: 536
Localização:
COTAI
Inauguração:
23/8/2005



Piscina Olímpica de Macau
Capacidade:
1500
Localização:
Taipa
Inauguração:
28/3/2003

Polidesportivo do Tap Seac
Capacidade:
3295 lugares
Localização:
Macau
Inauguração:
16/11/2004



Fórum de Macau
Capacidade:
4.064
Localização:
Macau
Reabertura:
12/9/2004

íses a demonstrarem esse interesse, tendo já assinado protocolos com as autoridades macaenses.Da última vez que esteve em Macau, o presidente do Comité Olímpico de Portugal, Vicente Moura, mostrou-se empenhado "em trazer várias selecções olímpicas ao território, entre elas, as equipas de futebol e natação." Igualmente apostado em realizar por cá o estágio olímpico está o presidente do Comité de São Tomé e Príncipe, João Costa Alegre, para quem "Macau é uma ponte para Pequim".
Entretanto, os atletas dos países de língua oficial portuguesa vão ter já a oportunidade de usufruir da hospitalidade da RAEM, por força dos Jogos da Lusofonia, agendados para Outubro de 2006. Algumas das instalações desportivas usadas para os jogos vão ser postas à disposição deste evento, o que abrilhantará ainda mais a prova. O Instituto do Desporto e o Comité Organizador dos primeiros Jogos da Lusofonia ainda não decidiram quais os recintos a utilizar, uma vez que tudo depende do número de atletas inscritos. No entanto, um dado é certo: as infra-estruturas vão passar a estar abertas ao público para a prática desportiva, satisfazendo desse modo um dos maiores desejos da população. Neste sentido, o Instituto do Desporto está a preparar um novo regulamento para a utilização dos mesmos.

Pólo de campeões

Centro Náutico da Praia Grande
Capacidade:
882 fixos
2000 amovíveis
Localização:
Lagos Nam Van
Inauguração:
18/7/2005

Polidesportivo do IPM
Capacidade:
3,742
Localização:
Macau
Data de inauguração:
30 de Outubro de 2003

Academia de Ténis e Centro de Bowling
Capacidade:
Ténis: 827
Bowling: 300
Localização:
COTAI
Inauguração:
11/10/2005

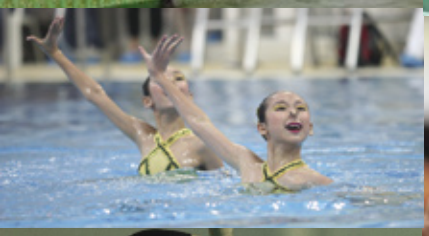
Centro de Hóquei de Macau
Capacidade:
799
Localização:
Taipa
Inauguração:
1997

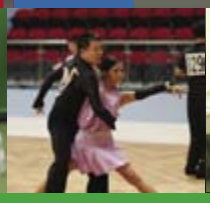
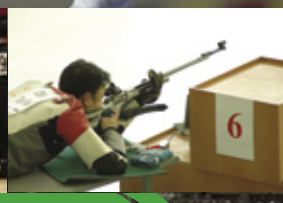
Campo Desportivo e Pavilhão da UCTM
Capacidade:
1775
Localização:
Taipa
Inauguração:
11/10/2005

Desporto

EAG

momentos Macau 2005



Trimestralmente a sua Revista

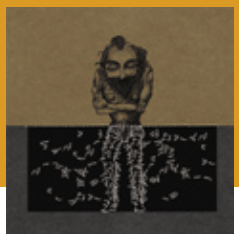
MACAU

uma publicação do
Gabinete de Comunicação Social
da RAEM

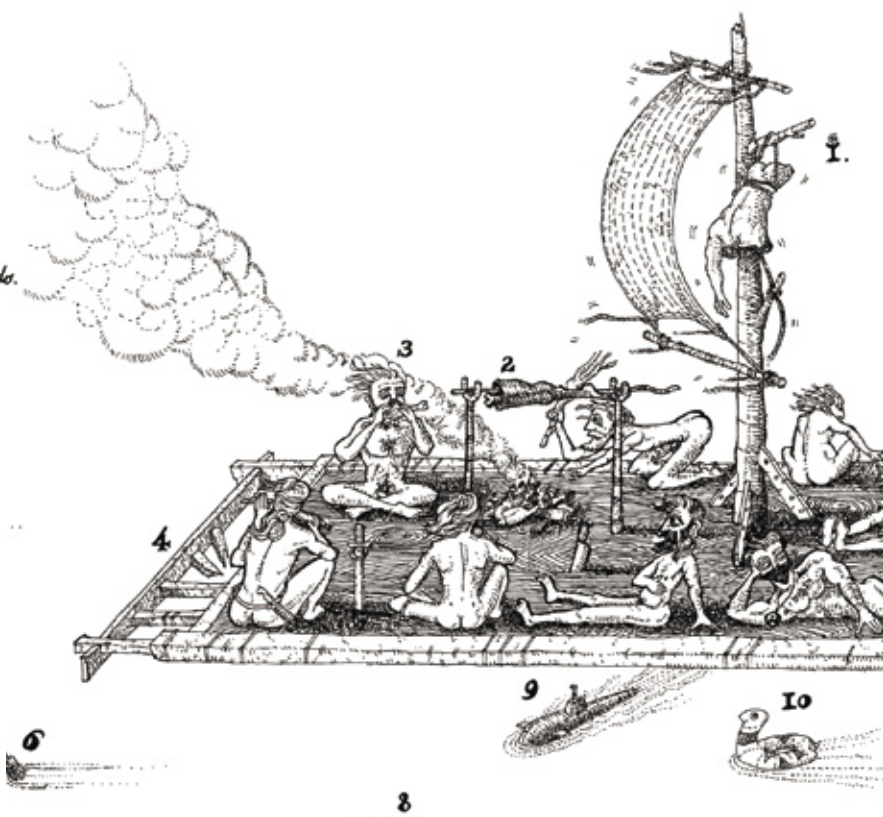
Assinaturas:
email: assinaturas@revistamacau.com
Tel: + 853 323660
Fax: + 853 323660
Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edf. Centro Comercial First International
14º andar, Sala 1404

deltaedições

Peregrinação dos Irmãos Marreiros



O Museu de Arte de Macau acolhe, até 26 de Fevereiro de 2006, a mostra "Peregrinaçam - Fernan Mendez Pinto - Uma Exposição dos Irmãos Marreiros" resultante do relançamento da obra pelo semanário português "Expresso". Ilustrações de Carlos Marreiros, arquitecto, e grafismo de Vítor Hugo Marreiros, desginer - nomes de referência da cena artística de Macau - emprestam uma nova dimensão aos dez volumes que constituem o relançamento do clássico da literatura portuguesa. Ao recuperar o diálogo entre irmãos, na forma de esquissos, desenhos originais e grafismos tentativos, a mostra leva o público a experimentar a sensibilidade interpretativa sobre o relato quinhentista de Fernão Mendes Pinto, agora vertido para português contemporâneo, a partir da versão anotada por António José Saraiva. Os irmãos Marreiros não ilustraram a obra seguindo fielmente o guião original, antes empregando o seu discernimento e intuição sobre o tempo em causa para explorar a mente de Fernão Mendes Pinto - pessoa viva do Século XVI, mas também num explorador que revela dignidade humana e reverência, comenta Un Vai Meng, director do Museu de Arte de Macau, onde a mostra está patente. Carlos Marreiros emprega delicadeza e humor nos seus traços, que permitem ao personagem surgir em diferentes formas e ambientes vestido de vagabundo, navegador, sábio, emissário, peregrino, médico, prisioneiro, guerreiro, aborígene, mercador, cavalheiro e mesmo agente secreto. O observador cuidadoso descobrirá o pequeno peixe com quatro pés, os olhos solitários e mesmo uma coluna de fumo, todos com o seu significado próprio. Os desenhos – como os de uma enciclopédia – satisfazem a curiosidade sem limites do leitor enquanto, ao mesmo tempo, este pode saborear a demarcação entre a fantasia e a realidade, a História e o presente.



Exposições

"Mestres do Fogo"

Museu de Arte de Macau, até 15 de Janeiro

Ao apresentar cutelaria contemporânea num contexto museológico, o Museu de Arte de Macau assumiu uma posição pioneira na sua actividade cultural e artística. A espada, símbolo arcano de poder omnipresente no passado colectivo da humanidade, como talismã ou instrumento, encontra-se patente nas suas mais variadas facetas num espaço onde é promovido o contacto do público com a cumplicidade entre o frio do aço lacerante e a chama ardente onde foi forjado.

"Densidade Relativa"

Centro de Arte Moderna de Lisboa, até 22 de Janeiro

"Densidade Relativa" reúne obras de autores portugueses de várias gerações como Helena Almeida, Rui Chafes, Manuel Botelho, Vasco Araújo ou Alexandre Estrela, e outras de autores estrangeiros como Boyd Webb e Peter Blake. As obras foram seleccionadas a partir de uma reflexão sobre os conceitos de densidade e intensidade, palavras muito utilizadas na crítica para tentar descrever a experiência de observar uma obra de arte. Tratam-se das mais recentes aquisições do Centro.

Espectáculos

"Hänsel e Gretel"

Centro Cultural de Macau, véspera e dia de Natal

Théâtre Sans Fils, a incontornável companhia de marionetas gigantes canadiana, faz uso da música e das encantadoras marionetas para dar vida a um dos mais apreciados contos de fada alemão. Usando a versão sinfónica da ópera *Hänsel und Gretel* do compositor germano Engelbert Humperdinck, que adaptou a obra homónima dos Irmãos Grimm, o *Théâtre Sans Fils* promete uma jornada plena de magia teatral.

Espetáculos

"*Made in Hong Kong* com Harry Wong"

Centro Cultural de Macau, 2005/12/30-31 e 2006/1/1

O notável músico e mágico Harry Wong apresenta em Macau o seu mais recente espectáculo a solo para todas as idades, considerado um sucesso de bilheteiras no Canadá e Hong Kong, sua cidade natal. "*Made in Hong Kong* com Harry Wong" combina música, marionetas e magia numa história sobre os desentendimentos entre um pai e a sua filha que foi recentemente estudar para o estrangeiro.

"Yuri Bashmet & Moscow Soloists"

Centro Cultural de Macau, 2006/1/7

O Centro Cultural apresenta um dos mais procurados virtuosos do Mundo, Yuri Bashmet, vencedor do primeiro prémio do International Viola Competition em Munich. Em 1992 Yuri fundou o seu agrupamento onde reuniu os melhores músicos de cordas da nova geração russa. Conhecidos pelo seu diversificado repertório, Yuri Bashmet & Moscow Soloists trazem à RAEM as obras de Paganini, Beethoven e Schubert.

"O regresso dos Clássicos"

Centro Cultural, 2006/1/14~15

Os clássicos da ópera chinesa, expressão artística reconhecida como Património Intangível da Humanidade volta à cena no principal palco da RAEM com uma apresentação conjunta dos mais célebres intérpretes de Xangai, Shandong e Hong Kong.

"Berlin Baroque Soloists"

Centro Cultural, 2006/2/21

Uma soberba oportunidade para se apreciar a música barroca. Fundado em 1995 pelos mais proeminentes membros da Orquestra Filarmónica de Berlim e mestres da música antiga, os Berlin Baroque Soloists, permitem-se a utilização de instrumentos clássicos e modernos mantendo-se contudo fieis a um estilo de interpretação autêntica. Vivaldi, Corelli e Albinoni foram os autores escolhidos para um concerto que se antecipa memorável.

Livros

"Memória da Cidade, Álbum Macau"

Editora consagrada na difusão do colectivo macaense, a Livros do Oriente publica em mais um Álbum Macau um manancial de registos fotográficos, alguns inéditos, que retratam a constante sedutora no retrato da cidade. Desde os primeiros daguerreótipos de 1867 às películas da segunda metade do século XIX, o volume apresenta as vivências de um passado que pretende ambiciosamente registar.

Beltrão Coelho e Cecília Jorge – Livros do Oriente

"Viagem no tempo"

Numa altura em que Macau atravessa, a um ritmo alucinante, algumas das suas mais profundas transformações urbanas, este álbum oferece uma pausa de reflexão sobre um passado que transcende as décadas de 60 e 70 que pretende retratar. Através do prisma de um fotojornalista com mais de 40 anos de carreira, foi registado um testemunho monocromático da Macau pacata de outrora

Ou Ping – Instituto de Assuntos Cívicos e Municipais / Museu de Arte de Macau

"Deuses e Divindades"

Mais do que uma edição direccionada para o coleccionador filatélico, esta edição dos Correios de Macau proporciona uma primeira abordagem ao complexo panteão de deuses e divindades que habitam o imaginário do crente chinês de Macau. Profusamente ilustrado através da iconografia, descreve não apenas a hierarquia do enredo patente no reino celeste oriental e suas exigências mas também o percurso do ser divino no colectivo crente ao longo das gerações.

Cecília Jorge – Correios de Macau

"Tigre Sentado"

São os primeiros volumes de uma série de cinco romances, tendo como pano de fundo Macau, com que o editor pretendeu assinalar o quinto aniversário da criação da RAEM. Em Tigre Sentado, João Aguiar proporciona um peculiar reencontro entre dois antigos namorados de adolescência regressados dos seus estudos no exterior para catapultar um enredo que transcende as teias da lei até ao espectro espiritual.

João Aguiar - Ponto Final/ Livros do Oriente

"Árvore das Patacas"

João Paulo Meneses transpõe em Árvore das Patacas o seu espírito jornalístico numa ficção política que retrata a intriga dos corredores do poder.

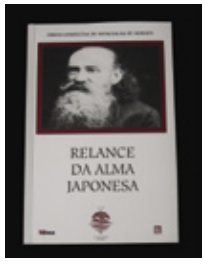
J. P. Meneses - Ponto Final/Livros do Oriente

"Romance de Yolanda"

No estilo particular que já nos vem habituando, Rodrigo Leal, apropria-se dos destinos desinibidos de uma jovem macaense divorciada que se deixa apanhar nas malhas do submundo. Forçada a celebrar um casamento fictício com um milionário filipino em fuga às autoridades, Yolanda submete-se

aos seus próprios caprichos sem que se aperceba do rumo inverso que o destino lhe propõe.

Rodrigo Leal – Livros do Oriente



"Relance da História do Japão" e "Relance da Alma Japonesa"

Os VI e VII volumes são os mais recetntes da colecção "Obras Completas de Wenceslau de Moraes", lançada no âmbito das comemorações do 150º aniversário de um dos mais importantes escritores portugueses que trataram o Oriente. Wenceslau de Moraes, despido de preconceitos ocidentais, lançou nova luz sobre as maravilhas orientais. Devoto de corpo e alma, dedicaria grande parte da sua vida e obra à transmissão literária de todo um conhecimento adquirido da comunhão que manteve com a sociedade japonesa.

Obras Completas de Wenceslau de Moraes
COD Edições

"Diálogo Europa – China – Ásia – Pacífico"

Quando a União Europeia é corroída por dúvidas interiores e o diálogo com a Ásia se confronta com a primazia dos Estados Unidos, um grupo de estrategistas e peritos de relações internacionais, tenta responder a algumas das interrogações que se colocam ao futuro das relações entre a Europa e a Ásia como espaços continentais e culturais. Uma abordagem analítica aos desafios da globalização.

Coordenação de Arnaldo Gonçalves – Magno

"Portas do Cerco"

Resultado de uma ostensiva pesquisa dos arquivos jornalísticos da Biblioteca Central de Macau, o volume bilingue Portas do Cerco, a Ténue Fronteira no Conflito Sino-Japonês de 1894 a 1945, reconstrói quão frágil era o conceito de neutralidade numa Macau que juntava nacionalistas, comunistas, independentistas e japoneses. Uma viagem pelos enredos do início da ocupação japonesa da China ao fim da guerra.

Cândido Azevedo – Instituto Internacional de Macau

"Princípios de Arquitectura Paisagista e de Ordenamento do Território"

Segundo o autor a edição surge da firme convicção que todos temos um direito à harmonia com a natureza, muito especialmente quando se trata de equilibrar o Homem e o seu habitat. Sem o pretender, o volume assume-se como um manual obrigatório de quem exerce poder de decisão na formatação de centros urbanos. Mais, torna-se imprescindível a quem partilha e defende essas mesmas convicções.

António Saraiva – João Azevedo Editor

"A Embaixada ao Sião de Pero Vaz de Siqueira"

Edição crítica e anotada que relata a embaixada ao Sião de Pero Vaz de Siqueira, contendo dados sobre as relações diplomáticas e económicas entre Macau e o Sião, e também aspectos da realidade siamesa seiscentista.

Leonor Seabra – IPOR/Fundação Oriente

"Namban, Memórias de Portugal no Japão"

O Instituto Português do Oriente lançou uma edição de luxo na qual reproduz, ao ritmo de uma narrativa, uma vasta colectânea de fascinantes e diversificadas manifestações artísticas da presença portuguesa no Império do Sol Nascente. Destaque para o seleccionado de biombos que retrata os Namban, desde a chegada da espingarda a Tanegashima ao entrosamento cultural com a sociedade nipónica assim como a perseguição dos cristãos.

Instituto Português do Oriente

"O Outro Lado da Vida"

Colectânea de crónicas publicadas no semanário católico "O Clarim" relança a urgente necessidade da prática da solidariedade para com quem habita no hemisfério invisível de uma sociedade de consumo. Relato emotivo, concorre para despertar o Homem da letargia que o torna cúmplice do desdém para que são remetidos os invisíveis.

José Silveira Machado – O Clarim

"À Mesa da Diáspora, viagem breve pela cozinha macaense"

"Em regra, (o macaense) tem talento na cozinha, porque transfere para o tacho a sua identidade ecléctica", afirma a autora de uma obra onde a receita é um pretexto para embrenhar o leitor numa das mais ricas facetas dos "filhos da terra". Fruto de uma cozinha de fusão, europeia, asiática e africana, a "cozinhaça maquísta" recupera o fio condutor da preservação de uma identidade dispersa por todo o mundo.

Cecília Jorge – APIM

Cursos: Português e Chinês

Fruto da crescente procura manifestada pelo público português no sentido da aprendizagem do mandarim, e da comunidade chinesa residente em Portugal para a necessidade de resposta a um ensino especializado de português, a Delegação Económica e Comercial de Macau em Portugal lecciona, anual e gratuitamente os programas, "Aulas de Apoio de Língua e Cultura Portuguesas para Chineses" e "Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas". Também a Casa de Macau em Portugal organiza um curso de de iniciação português como língua estrangeira no Liceu Gil Vicente, em Lisboa.

Contactos:
Delegação Económica e Comercial de Macau
Ava 5 de Outubro, 115 r/c 1069-204 Lisboa
Tel.: 217 818 820 - Fax: 217 979 328
email: decmacau@decmacau.pt

Casa de Macau em Portugal
Av. Almirante Gago Coutinho, no 142
1700-33 Lisboa Tel: 218 495 342 /
218 451 167 Fax: 218 439 131 E-mail:
casademacau@mail.telepac.pt

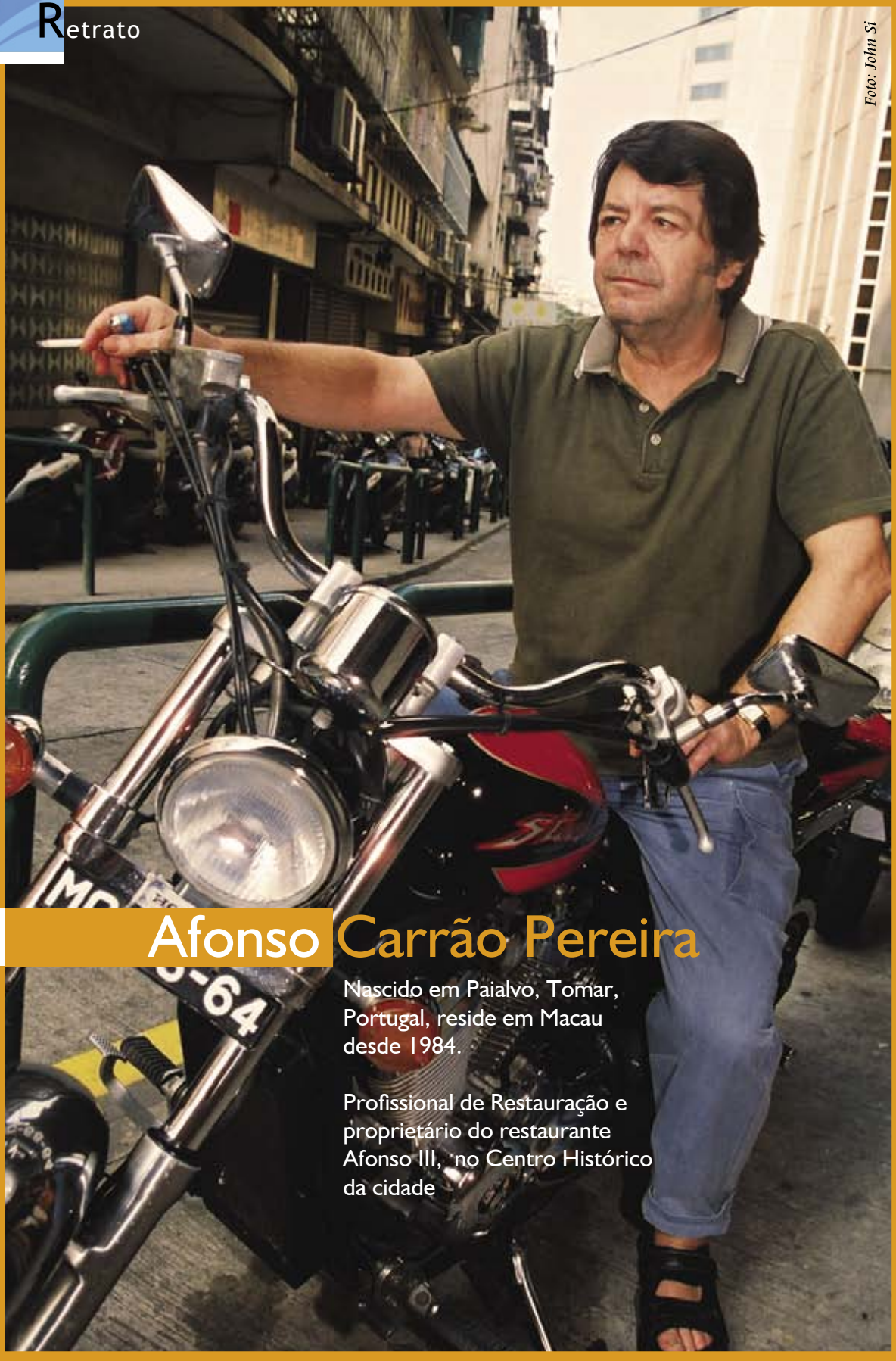


Foto: John Si

Afonso Carrão Pereira

Nascido em Paialvo, Tomar, Portugal, reside em Macau desde 1984.

Profissional de Restauração e proprietário do restaurante Afonso III, no Centro Histórico da cidade